



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Ciro Frederico Arão da Silva Oliveira

ENVELHECIMENTO PSICOATIVO: PRÁTICAS, SENTIDOS E
ASPECTOS GERACIONAIS DO CONSUMO DE DROGAS

Salvador

2019

Ciro Frederico Arão da Silva Oliveira

**ENVELHECIMENTO PSICOATIVO: PRÁTICAS, SENTIDOS E ASPECTOS
GERACIONAIS DO CONSUMO DE DROGAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia por **Ciro Frederico Arão da Silva Oliveira**, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Edward MacRae

Salvador

2019

Oliveira, Ciro Frederico Arão da Silva

Envelhecimento psicoativo: práticas, sentidos e aspectos geracionais do consumo de drogas/ Ciro Frederico Arão da Silva Oliveira, 2019.
89f.:il.

Orientador: Profº Dr. MacRae
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2019.

Bibliografia

1. Psicoativos. 2. Envelhecer. 3. Contracultura. I. MacRae II. Universidade Federal da Bahia III. Título
-

CIRO FREDERICO ARÃO DA SILVA

**ENVELHECIMENTO PSICOATIVO: PRÁTICAS, SENTIDOS E ASPECTOS
GERACIONAIS DO CONSUMO DE DROGAS**

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edward John Baptista das Neves MacRae (Orientador)
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Diego Ferreira Marques
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Alda Britto da Motta
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao envelhecimento, sem ele nada disso seria possível. À escassez do tempo que me sequestrou desde o início desse percurso, na forma de uma urgência a ser desarmada como uma bomba relógio. Agradeço, portanto, ao que existiu para que existisse o tempo. Ponto de partida e de chegada.

Agradeço a meu orientador Edward MacRae, sinto como se minha admiração, somada com a sua velhice impulsionaram minha vontade por esse estudo. O desenrolar dessa pesquisa só fez aumentar minha admiração, embora tenha também aumentado sua velhice. Sou muito grato por sua enorme disponibilidade, polidez no trato e cuidado com o meu texto.

Registro o papel fundamental da minha companheira Sueli, sua aposta no meu projeto era, muitas vezes, maior que a minha. Suportou a sobrecarga das tarefas que cabiam a mim desempenhar. Com a cara de cansada, mas sempre me lembrando de quanto esse projeto era importante para mim, me encorajando a continuar. Dedico o fruto desse esforço, aos nossos filhos Luis Honório e Bento.

A meus pais agradeço por saber que estarão comigo em qualquer decisão que eu tome na vida. Apenas confirmei esse amor forte que nos une. Minha irmã, que por superestimar a inteligência do irmão que tem, aumentou meu orgulho e vontade de concluir esse projeto.

Agradecimento fundamental aos meus amigos, por confiarem em mim suas memórias e sua companhia. Esforcei-me em respeitar suas dignidades e recebê-los no texto como eles me receberam em casa e em suas vidas. Esperançoso que os leitores desse texto possam conhecer essas pessoas, ou pessoas como essas, para desfrutar da sua convivência interessantíssima, mesmo que por pouco tempo. Não posso singularizá-los, citando de um a um, mas saibam que cada um e cada encontro me marcaram de forma única.

Obrigado comunidade universitária da UFBA, especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e seus professores e alunos. Meus colegas que se interessaram pelo tema dessa pesquisa e foram importantes interlocutores. Aos professores que me indicaram bibliografias e pontos de vista diferentes dos que eu já tive acesso. Isso fazia parecer realmente executável, o que, até pouco tempo, era o projeto e entusiasmo de um psicólogo que almejava tornar mais denso sua bagagem em antropologia. Essa pesquisa é, portanto, nos seus méritos, uma produção coletiva do PPGA-UFBA.

Agradeço às administrações das prefeituras municipais de Salvador e de Lauro de

Freitas por garantirem meus direitos regimentais para aperfeiçoamento profissional, tempo que ajudou a conciliar as diversas tarefas profissionais que desempenhei ao mesmo tempo da pesquisa. Agradeço aos colegas de trabalho do Centro de Estudo e Terapia do Abuso de Drogas e do CAPS AD Santo Amaro de Ipitanga, que se interessaram pelo tema dessa pesquisa e me instigavam novas questões.

Agradeço, por fim, a oportunidade de dizer.

RESUMO

A geração da contracultura envelheceu. O envelhecimento e o consumo de psicoativos são os pontos de partida para o encontro com os interlocutores dessa pesquisa. Ambas as dimensões tratadas com respeito à dignidade desses amigos que fui conhecendo desde o início da pesquisa. Optei por descrever nessa etnografia as minúcias das práticas e valores associados à ingestão de preparados psicoativos, com alguns amigos que estão envelhecendo em Salvador-BA e Natal-RN. A observação participante foi condição indispensável para essa imersão, complementadas por entrevistas. Admitimos que a velhice seja compreendida como um processo dependente do campo simbólico e mais ainda dos marcadores biográficos e geracionais de cada um. Observamos que a gestão do corpo envelhecendo, soma-se aos atuais desafios de suas vidas, todavia, as marcas das décadas de 60 e 70 ainda são visíveis e conduzem nossos amigos a pensar sobre a idade e suas vicissitudes. Entendemos como a ingestão de psicoativos ganha agora novas características, em um continuum desde as aventuras psicodélicas, próprias da contracultura, até outras diversas modalidades de uso. Tivemos acesso a como nossos amigos puderam reconstituir suas primeiras experiências de alteração de consciência e como se apropriam dos novos modos de uso de drogas. Apresentamos e discutimos como esse consumo é realizado, quais redes de sociabilidade são acionadas e o campo de significados dessas práticas. Analisamos os controles presentes na regulação desse uso e nos encontramos com pessoas que puderam compartilhar a possibilidade compreensiva desse fenômeno tão complexo.

Palavras-chave: envelhecimento; psicoativos; contracultura.

ABSTRACT

The counterculture generation has aged. Aging and psychoactive consumption are the starting points for the meeting with the interlocutors of this research. Both dimensions addressed with respect to the dignity of these friends that I have known since the beginning of the research. I chose to describe in this ethnography the details of the practices and values associated with the intake of psychoactive preparations, with some friends who are aging in Salvador-BA and Natal-RN. Participant observation was an indispensable condition for this immersion, complemented by interviews. We accept that old age is understood as a process dependent on the symbolic field and even more on the biographical and generational markers of each one. We note that aging body management adds to the current challenges of their lives, yet the hallmarks of the 60s and 70s are still visible and lead our friends to think about age and its vicissitudes. We understand how psychoactive ingestion now gains new characteristics, on a continuum from the psychedelic adventures of counterculture to other modalities of use. We had access to how our friends were able to reconstruct their first experiences of altering consciousness and how to appropriate new modes of drug use. We present and discuss how this consumption is realized, which sociability networks are triggered and the meaning field of these practices. We analyzed the controls present in the regulation of this use and met people who could share the comprehensive possibility of this complex phenomenon.

Keywords: aging; psychoactive; counterculture.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	2
Do Pathos ao Ethos – discussão sobre os campos da velhice e do consumo de psicoativos	5
Aspectos do método	6
Uma pesquisa entre outras?	11
Uma etnografia entre outras?	14
CAPÍTULO I – ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES E OUTRAS FUNDAMENTAÇÕES	20
1.1 O consumo de psicoativos como parte de uma dietética	20
1.2 Tornando-se velho	22
1.3 Corporeidade, Temporalidade e Envelhecimento	23
1.4 Consumo de psicoativos e contracultura	27
CAPÍTULO II – NOTAS BIOGRÁFICAS	32
2.1 Apresentação preliminar dos interlocutores - Brevíssimos apontamentos biográficos sobre os interlocutores	32
2.2 Amigos diante do envelhecimento.....	34
CAPÍTULO III - OS VELHOS E O OS NOVOS MODOS DE CONSUMO	43
3.1 Memórias revisitadas: entre o momento atual e os movimentos nas histórias de consumo de psicoativos	43
3.2 Maneiras de aquisição, guarda e manipulação dos psicoativos	66
3.3 Insumos e artefatos.....	70
3.4 Do “Aditivo light” às Epifanias - Práticas associadas aos consumos	75
CONSIDERAÇÕES	79
REFERÊNCIAS	83

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Preparação dos cogumelos (etapa 1) -----	72
Imagem 2- Preparação dos cogumelos (etapa 2)-----	72
Imagem 3- Enfeite natalino (representação da folha da maconha) -----	74
Imagem 4- Quadros dispostos na parede da casa -----	74
Imagem 5 - Produto à base de maconha -----	74
Imagem 6- Objetos da sala de estar-----	75

APRESENTAÇÃO

Em 2006, foi lançado, dentro de uma plataforma online de vídeos o YouTube, um curta metragem fictício, mas muito verossímil, intitulado Tapa na Pantera, encenado pela atriz Maria Alice Vergueiro. Uma senhora, por volta dos setenta anos de idade, descreve e comenta como é sua relação com o consumo de um psicoativo, a cannabis. O vídeo que, atualmente, tem quase sete milhões e meio de visualizações, gozou de repercussão bem intensa no momento do lançamento, gerando novos conteúdos para a rede de internet, assim como, a dúvida quanto à veracidade do roteiro.

Essa dúvida também me alcançou naquele momento, a atriz em sua autobiografia acredita que esse efeito de suspeita se deveu ao fato de ser ela uma atriz em um ambiente de pessoas comuns e seus vídeos caseiros (VERGUEIRO, 2008). Penso, todavia, que essa dúvida e o estranhamento engraçado foram fruto também de um modo de não reconhecer a velhice naqueles termos, ou seja, da dificuldade cognitiva de associar uma prática como o consumo de psicoativos a uma mulher velha. Fazendo refletir sobre a perspectiva de Motta (2002) que define a existência de um escândalo lógico nas ações não identificadas como própria a uma categoria bioetária, nesse caso a ação de consumir psicoativos na velhice. Desconfio sobre o recorte de gênero como amplificador do efeito de estranhamento nesse filme.

O escopo dessa pesquisa aponta para uma modalidade específica de consumo, que requer melhor compreensão. O consumo de psicoativos durante o envelhecimento é prática pouco analisada no ambiente universitário das ciências sociais e até mesmo no campo das ciências da saúde. Lançamos um olhar sobre esse consumo, de modo a tentar desenhar as dimensões relativas aos processos de estabelecimento de práticas e sentidos do consumo e ingestão de produtos psicoativos. Atenção privilegiada foi dada às dinâmicas geracionais no envelhecimento contemporâneo.

A velhice, enquanto um fenômeno humano, é aqui compreendida mais como um processo do que como um estado; sendo um processo sempre inacabado de ressignificações e seus desdobramentos nas práticas corporais, evidenciando um momento tão diverso em sua vivência, quanto diversa pode ser a experiência humana em seus variados contextos. Assim acompanhamos o argumento de Alda Britto da Motta sobre a maneira de existir e as variedades do envelhecimento.

“A cultura, no entanto, também está inscrita no corpo, ao mesmo tempo condicionando e transformando a natureza. Não atua, sabemos, de modo homogêneo no interior de uma sociedade e em determinado período histórico. É

conformada por determinados sistemas de relações sociais em seus modos de realização, que se constituem, ao mesmo tempo, em dimensões básicas da vida social e da sua análise, como as relações de classe, de gênero e entre as gerações” (Motta, 2002, pag.39).

O passar dos anos é como uma força de empuxo para os indivíduos se reconhecerem entre os marcadores físicos, psíquicos e sociais do envelhecimento, assim suportado pelo corpo, cada vez mais velho diante das novas contingências a que se confrontam. Considera-se a periodização da vida como uma maneira de classificação e separação dos seres humanos e que o modo como à vida é periodizada, acontece em articulação com a dinâmica relacional entre as diferentes faixas etárias. O tempo, então é ponto central para que se estabeleça uma compreensão das formas de produção e reprodução da vida social. (DEBERT, 1999)

O tempo teria então um caráter coercitivo e de enigma, pesando sobre o processo de envelhecimento (ELIAS, 1998). Ao tempo, desse modo, pode ser atribuída uma dimensão determinante na experiência humana, em toda sua complexidade. A cronologização da vida, como lemos em Debert (1999, p 73), é o que marcava na modernidade os parâmetros de expectativas, quanto a qualquer intervalo etário. Porém, a autora destaca que na pós-modernidade existiria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário. Os papéis sociais e as subjetividades, portanto, são determinados para além da constituição e idade do aparato fisiológico que suporta cada existência e são moduladas pelo campo simbólico.

O tempo é uma das dimensões mais atinentes acerca das possibilidades de construção das relações de consumo entre sujeitos e drogas. Maurício Fiori (2013) deixa claro em sua tese autoetnográfica, que percorre, via memória, a dinâmica relacional de dois grupos de socialização na juventude com o consumo de psicoativos e os novos modos observados na maturidade. O tempo que passa silenciosamente, em seus rastros, deixa pistas de como se transformaram as vias de significação e, conseqüentemente, gerenciamento da ingestão destes produtos/mercadorias.

Ao continuar vivo se envelhece, ou se é envelhecido pelo tempo. Independentemente da condição ativa ou passiva, a reflexividade se enuncia nos momentos em que se percebe envelhecendo. É no instante de se defrontar com os rastros e traços do tempo que os indivíduos se inclinam ao recurso de novas significações de suas atitudes, valores e práticas. Assim, o consumo de “drogas” é dependente dessa dimensão temporal.

A opção, nesse ponto, pelo uso do termo droga, é um recurso de linguagem que se sustenta na intenção de colaborar com a diminuição dos estigmas. O viés negativo é atribuído por significações nefastas de uma prática de consumo de substâncias inertes. O conceito grego

do *pharmakon* volta ser nossa referência, ou seja, a definição de que a substância não tem uma essência, mas dependente do manejo. Vive-se, ainda, em uma empreitada de “Guerra às Drogas”¹, na qual um termo de origem etimológica que se refere de maneira simples às coisas secas droog², secar em holandês, foi recoberto de significações do campo do mal.

Nesse contexto, escolhemos insistir neste termo em intenção de ressignificá-lo e somar os esforços em favor de redimensionar as discussões e políticas públicas sobre uma questão: A questão das drogas, uma questão de extrema complexidade.

Durante essa pesquisa eu e meu orientador envelhecemos, eu com trinta e poucos anos e ele setenta e poucos. Desse ponto de encontro intergeracional se montou uma rede de possibilidades de abordar compreensivamente, junto com os interlocutores, as práticas de consumo de drogas no processo de envelhecimento.

Como em todo ponto de encontro, se supõe que cada um percorreu trajetórias que, por certo, contemplaram aspectos afins e segmentos desconhecidos. Início meu interesse na questão das drogas ao ser estagiário de psicologia em um centro universitário de estudos e abordagem terapêutica à questão das drogas, o Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas- CETAD/UFBA³. Simultaneamente, frequentava as aulas de socioantropologia do uso de drogas, ministradas pelo meu agora orientador nessa dissertação e pesquisador associado ao CETAD, assim acessei pontos de vista novos sobre a questão. Dessa intersecção, emergiu uma questão que me acompanha, inclusive no escopo dessa dissertação, “como dizer sobre as pessoas que usam drogas de modo não perturbador da vida?”.

Ao me implicar nessa questão me percebo academicamente, profissionalmente e pessoalmente nesse campo. Atualmente sou psicólogo do núcleo de clínica daquele Centro, bem como pesquisador na área das Ciências Sociais. A pertinência desse trabalho verte, principalmente, da complexidade do consumo de drogas vivenciado de modo não perturbador.

Essa circunstância encruzilhada apresenta um profissional clínico que atua em direção a efeitos terapêuticos em pessoas com problemas com drogas, diante de um pesquisador que almeja algum nível de compreensão das práticas não percebidas como patológicas do consumo de drogas e a multiplicidade de significados para essa ingestão. Nesse ponto, articulam-se pessoas maduras que desempenham um uso adulto de drogas e um

¹ Expressão usada para designar a política de ênfase na repressão violenta, dirigida ao mercado de produção e distribuição de produtos psicoativos listados como ilegais. Modelo de regulação já fragilizado internacionalmente, mas com sérios impactos econômicos e sociais em países como o Brasil.

² SKINNER, Henry A.: The origin of medical terms, 2.ed. Baltimore, Williams & Wilkins, 1961.

³ Atualmente este Centro está em transição do aspecto de sua existência formal dentro da Faculdade de Medicina da Bahia e funciona com convênios de cooperação técnica para poder contar com profissionais de outras instituições, a exemplo do autor que faz parte do quadro de servidores da Secretaria Municipal de Saúde de Salvador-BA.

maduro usuário de psicoativos, que faz a vez de pesquisador.

Do Pathos ao Ethos – discussão sobre os campos da velhice e do consumo de psicoativos

Disciplinas interiores à psicologia, me refiro à psicologia do desenvolvimento, concebiam o desenvolvimento de forma unidirecional e encarando o envelhecimento sob o matiz das perdas. Baltes (1987) criticou essa leitura contribuindo para o entendimento de que no curso da vida há manutenção de ganhos e perdas, inclusive durante o envelhecimento. Nesse sentido e sob influência do discurso da contemporaneidade pós-moderna, que torna menos nítidas as fronteiras etárias, e da reprivatização da velhice, como nos chama atenção Guita Grin Debert (1999), acentua-se as exigências de gestão do corpo e dos papéis sociais durante o envelhecimento.

Na contemporaneidade, a velhice é uma escara inconveniente, posto que, o tempo é regido pela hipervalorização e pelo imperativo do novo, como ressalta Debert: “A característica marcante desse processo é a valorização da juventude que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico.” (DEBERT, 1996, p. 17).

Dessa maneira, não é possível discorrer sobre envelhecimento sem lembrar que estamos sob influência dos condicionantes sociais que acentuam a importância de destacar os marcadores de juventude nas diversas representações e práticas. O consumo de psicoativos no envelhecimento contemporâneo requer, pois, uma abordagem mais específica.

É comum, por exemplo, relacionar as atividades de “drogar-se”, “enamorar-se”, etc. a um estado juvenil de busca de novas experiências do corpo e da subjetividade. Todavia, não é sabido o que se esperar, melhor dizendo, o que se espera é que esses indivíduos envelhecidos não apresentem interesse por modalidades experimentais de uso, uso recreativo/ritualístico, problemas com o uso abusivo e situações de dependência. Tema abordado inicialmente por nós, em um artigo que traça um breve panorama das peculiaridades da atenção à saúde nessa população e outros argumentos que possibilitaram uma compreensão sobre o tema (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2018).

Em interseção com as vias de perceber o envelhecimento no corpo, compreendemos em associação ao argumento de Le Breton (2011) que se a percepção dos efeitos da substância psicoativa é dependente das teias simbólicas, os efeitos das mudanças corporais durante o envelhecimento também são, concluindo que: “Não há jamais apreciação bruta das sensações oriundas do corpo, mas decifração, seleção de estímulos e atribuição de um sentido.” (p.183) Parte considerável das pesquisas sobre drogas se orienta por um paradigma epistemológico de base biológico-natural, o paradigma epidemiológico de causa e efeito, em detrimento das

perspectivas humanas que contemplam a complexidade e o caráter expressivo do “fenômeno drogas”. Faz-se necessário, apontar essa lacuna ao recorrer a paradigmas mais compreensivos que explicativos, como sustentaram MacRae e Vidal. (2006).

Coincidentemente no mesmo ano, Vargas (2006) problematizou as produções legais de políticas públicas e acadêmicas, a partir de uma uniformidade no aspecto de certo consenso moral, não autoevidente, centrado em critérios biomédicos. Os consensos morais em torno do fenômeno drogas se expressam através das questões que os especialistas costumam colocar, e das respostas que geralmente são dadas a elas. Constata-se, que as práticas são conceituadas pelo erro, falha, falta, ou seus vizinhos semânticos nos aspectos, físicos, morais, psíquicos, sociais, culturais, etc. “[...] É sob os modos do defeito físico ou da falha psicológica, da perda dos referenciais simbólicos ou do desvio moral, dos erros de informação, da alienação ou do fracasso das regras sociais que o problema do uso ilícito de drogas vem sendo majoritariamente considerado entre nós” (p.586).

Cabe perguntar, portanto, o que ocorre ou que experiência os usuários atualizam mediante o consumo controlado e não patologizado. Nesse aspecto, só os processos de simbolização estão à disposição do pesquisador, pois, não interessa-nos os descritores bioquímicos do fenômeno, mas os modos como são vivenciados e significados via ingestão desses produtos psicoativos, mesmo assim, estando atentos à limitação desse viés.

Aspectos do método

O esforço descritivo e compreensivo, em Antropologia, é absolutamente atravessado e sobremaneira definido pela presença ativa do pesquisador em interação com seu campo, mas em qual campo estive imerso é uma questão ainda em construção. Como falar sobre o que se viu e como se analisou uma questão, sem importunar os cânones da ciência, sem abrir mão do rigor necessário para que o produto escrito da investigação pudesse servir para comunicar entre os pares? Como ser uma ponte entre mundos de vida, mas também sem ocultar as vozes que ouvi, os olhares que mirei, e práticas que participei?

Como de praxe, poderia iniciar comentando acerca do contraste entre a invisibilidade das práticas de consumo de psicoativos por pessoas tornando-se velhas, e a nítida integração dos nossos interlocutores nos seus respectivos circuitos de sociabilidade. Além de serem pessoas cujas práticas profissionais gozam de prestígio social e disporem de rede de relacionamentos ampla e diversificada. Assim, não posso recorrer à noção corrente de dar voz aos oprimidos, mas de deixar falar pela primeira pessoa e registrar a “novidade” que aparenta

circundar o fenômeno perseguido nessa pesquisa.

O aspecto marginal à norma sóbria da velhice é o que se mostra como o sintagma de interjeição. Faz as memórias e as cenas com esses novos e velhos amigos se unirem em torno da necessidade de registrar a chegada e passagem pela velhice, daquelas pessoas que se relacionam diretamente com os processos de uma geração, conhecida como “geração 68”.

Alda Britto da Motta (2010) discute o conceito de geração em sua trajetória nas ciências sociais. Apresenta os critérios de rigor associados a esse conceito multifacetado, a partir da polissemia própria do termo geração, somados ao peculiar movimento conceitual de Comte até Mannheim, Nesse contexto admite que:

“A geração, em um sentido amplo, representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo. Daí o sentido dinâmico ou instável e plural que essa condição, de saída, representa. Mas o que a muitos parece insegurança de meios ou demasiada brevidade de realização e, portanto, aparente inexpressividade existencial, mas também epistemológica – mudança de idade de cada indivíduo a cada ano, assim como a gestação de uma nova geração a cada nova pulsação da vida social – em verdade significa o fazer-se estrutural de uma dimensão da vida social, que é, contraditoriamente, tecida com afetividade e relações de poder. Ao mesmo tempo complexamente entretecida com outros sistemas de relações, expressões das dimensões de gênero e classe social. Essa mudança, das idades e gerações, em suas posições e também conflitos no tempo, perturba os estudiosos que se detêm sobre o assunto” (p. 226)

Diante dessa perspectiva complexa o conceito de geração foi sistematizado nas ciências sociais por três vias: coorte, grupos etários e gerações propriamente ditas, a depender dos paradigmas operantes. No caso dessa pesquisa nos associamos à compreensão que Motta (2010) sintetiza como: “O sentido mais plenamente sociológico, ou macrosociológico – geração, propriamente dita – designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal.” (p.229).

Indiretamente, mas de modo bastante evidente me localizo entre aqueles que, influenciados por essa geração, mantém elos de valores, práticas e predisposições reafirmadas em tempos de contestação dos valores tradicionais ou “dos velhos”, apostando em posturas tidas como mais libertárias e abertas às mais diversas possibilidades da condição humana, entre elas o apreço pela alteração de consciência.

Poder recorrer às memórias não equivale a ter acesso ao que ocorreu, mas sim uma reconstrução possível a cada um que narra. Desse modo, meus interlocutores não são portais para a verdade de suas vidas, mas sim pistas de um processo sempre parcial e inacabado de conhecer e dizer sobre si mesmo e seus pares. Em consequência, reafirmo a posição que

Edward MacRae (2018) nos apresentou sobre a dimensão da participação também do pesquisador nesse processo de seletividade, principalmente pela fragmentação do trabalho de campo em sociedades complexas.

A interseção com a dimensão histórica dos nossos interlocutores é, sem dúvida, uma riqueza para essa etnografia, desde o ponto em que história e memória se materializam nos relatos e nos documentos visitados. Os Comaroff (2010) compuseram a sistematização de que a etnografia e história caminham de mãos dadas em uma episteme das humanidades e não das ciências biológicas, cujos objetos prescindiriam do observador. Definitivamente, esse trabalho segue as pistas, mas jamais se julgará desvelando qualquer fato ou mistério.

A militância desse trabalho em sua articulação política está aí no “Tapa na Pantera”, que deseja acordar o animal da intensidade e do transbordamento, cujo está adormecido no que se refere aos discursos sobre os velhos, assim como o texto de Maria Alice Vergueiro para o curta-metragem já mencionado “Porque tá tudo quieto assim a pantera tá quieta, de repente dá um tapa na Pantera! Pá na Pantera! E a pantera começa realmente a perceber coisas que o chamado mundo real não percebe.” (VERGUEIRO, 2008, p. 17)

Mesmo não podendo, pela idade, me integrar ao que Eunice Durham (1983), como recuperado por MACRAE (2018), chamou de “participação observante” em alternativa à clássica técnica da observação participante. Aos poucos fui me enturmando com os novos amigos, que me foram apresentados por outros amigos ou que já conhecia por serem, ocasionalmente, colegas de trabalho na área da docência universitária. No exercício de estar atento às minhas implicações, no momento de redigir o trabalho, e dos esforços analíticos, acompanho a reflexão de Edward MacRae (2018):

Sentia que, para evitar essa usurpação da fala do oprimido, seria necessário deixar bastante claro que não acreditava na existência de uma realidade objetiva exterior que, munido com as armas da ciência, eu desvendaria e tornaria pública. Acreditava que a realidade social seria criação do observador e que sua transposição para o papel iria requerer toda uma série de operações de seleção do material coletado, o que levaria muitas vezes o resultado final a servir mais como um autorretrato inconsciente do autor do que um espelho da realidade objetiva do objeto de estudo (p.109).

Metodologicamente, estamos afiliados à perspectiva socioantropológica, inaugurada por Howard Becker nas Ciências Sociais com o estudo intitulado “Becoming a marijuana user”, publicado no final dos anos 60. Acho importante retomar o que acrescenta Fiore (2013) sobre esse ato fundador:

Foi a partir da consolidação da escola sociológica que se convencionou chamar de interacionismo simbólico e da teoria da rotulação, caracterizada, entre outras coisas, pelo questionamento da naturalização do desvio praticada pelo funcionalismo, que as drogas se tornaram objeto sociológico relevante. A negação do desvio intrínseco atribuído ao uso de drogas inaugurou a reflexão sócio-antropológica sobre o tema e, assim, uma participação mais importante, mesmo que incipiente, no debate. (p.4).

As críticas da Teoria pós-Social, ou Teoria do Ator Rede, ao enquadramento epistemológico desse campo, nos fornecem uma alternativa analítica, mas ainda de diminuído alcance metodológico. Nessa pesquisa optamos por não desenvolver o aprofundamento dessas críticas, que são pertinentes, ao não restringirem os estudos das Ciências Sociais ao nível de determinações socioculturais, ou como interpretação de supostos fenômenos naturais (como a ocorrência de efeitos bioquímicos de substâncias psicoativas). Nossa escolha pontual, condizente ao escopo da pesquisa de acessar os sentidos e práticas, nos afasta, a priori, do embate de causalidades e agenciamentos⁴.

Apenas os indivíduos que envelhecem são os que podem dizer sobre sua ingestão de drogas e das substâncias ilícitas presentes em sua dieta. Caracterizamos uma autogestão idiocontrolada, ou seja, uma composição única das regras e rituais sociais que são observadas por um indivíduo ou grupo, na administração de produtos psicoativos.

Esses indivíduos idosos participaram de um momento cultural do ocidente, em que algumas drogas permeavam o imaginário social em sentidos diversos do discurso vigente contemporaneamente. Quem hoje beira ou passa dos setenta anos de idade, com variações a depender da sua classe social e inclinações pessoais, esteve em sua juventude no bojo de um momento cultural conhecido como Maio de 1968 e Primavera de Praga, na Europa, e contracultura, nos EUA.

Este momento cunhou o imaginário de uma geração. Todavia, compreende-se também que as gerações se influenciam mutuamente, no momento de coexistência e sociabilidade, apontando a importância também do *zeitgeist* contemporâneo para abarcar o objetivo dessa investigação.

Na década de 1960, pontualmente nos movimentos de contracultura, as drogas, principalmente as psicodélicas, perfilavam com destaque nas experiências subjetivas e coletivas daquela geração (CARDOSO, 2005), cujos sobreviventes atualmente se encontram envelhecidos. Momento pelo qual, nos convoca a pensar Minayo (2011), “Chamo a atenção

⁴ Maurício Fiore em sua tese de doutorado, defendida em 2013, apresenta uma discussão aprofundada sobre esse debate epistemológico no campo das pesquisas sobre drogas, intitulada por: Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos.

para o fato de que neste momento histórico, a geração dos anos 1960 chegou à ampla porteira aberta da última etapa da vida e, com certeza, sua presença contestadora, engajada, aberta a novas aventuras ainda vai dar muitas reviravoltas nos nossos antigos modos de pensar e de viver o envelhecimento (p.9)”.

Coloco em relevo o discurso sobre as drogas no período das décadas de sessenta e setenta do século XX. Destacam-se especialmente os experimentos de Leary com a psilocibina e depois com o LSD 25, nos EUA. Nesse cenário, outras experimentações com drogas como, peiote, cogumelos, canabis, etc., também compunham o rol de proposições de expansão da consciência e alternativas de mudanças para o mundo. Viu-se também o surgimento do interesse em práticas ocultistas, yoga, xamanismos e manifestações de religiosidades populares, com ou sem estados alterados de consciência.

No Brasil, como em outros países da América Latina, repercutiu esse momento de uma “juventude”, que estava em uma empreitada, na qual incluía a aproximação e aprofundamento de experiências com psicoativos, mais especificamente psicodélicos, observando-se também, a importância da maconha e do haxixe. Sabemos que essa leitura é parcial, pois, não haveria uma única juventude compartilhando aquele período no país. Concomitantemente, por exemplo, outros setores da juventude se engajavam numa militância armada de esquerda e associavam o consumo de drogas à alienação política. De toda maneira, fica evidente que as formas de consumo de drogas naquele período eram distintas do que ocorre de modo mais disseminado contemporaneamente.

A divulgação da projeção populacional do IBGE de 2018 registrou que a população relativa de idosos no Brasil estaria em, aproximadamente, um quarto dos brasileiros já em 2060, aumentando essa razão que é de 9,2% da população em 2018, para 25,5% em 2060. Mesmo em outro cenário demográfico, acredito que seria justificada uma abordagem etnográfica dessas práticas e significados inscritos nos cursos de vida dessa população de idosos e especialmente, dos remanescentes daquela geração.

Para fins protocolares desta pesquisa, consideramos a faixa etária para o idoso, de acordo com os marcos legais da Política Nacional do Idoso (PNI) – Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994 e o Estatuto do Idoso – Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003. Estas classificam como idoso, qualquer pessoa com mais de sessenta anos. Para os nossos fins analíticos, porém, consideramos também possível à interlocução com pessoas de outras idades, quando isso nos auxiliar a formar uma melhor compreensão do fenômeno, principalmente, ao atentarmos para a autopercepção geracional e de curso da vida dos sujeitos da pesquisa.

A escolha pelo conceito de curso de vida é uma maneira de contornar os limites do conceito de ciclo de vida, este emergente da psicologia do desenvolvimento, que concebia estágios universais em uma sequência evolutiva. Recorrer ao conceito de geração, portanto, faz necessário uma oposição a um tempo padronizado, nesse contexto, Debert (1999) explica curso de vida pós-moderno como: “[...] um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade, e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise” (DEBERT, 1999, p. 77).

A construção polifônica dessa etnografia se faz, portanto, condição de uma produção acadêmica legítima. Os interlocutores, cômicos de suas trajetórias biográficas, puderam apresentar as suas narrativas dos cursos de vida, de onde serão possíveis as articulações sobre os padrões de consumo, os vetores de regulação da ingestão de drogas, e as transformações dos sentidos do consumo ao longo da vida.

Ordinariamente, se aborda o consumo de drogas pela perspectiva da atenção em saúde, ou da repressão legal e moral. Tende a ser, sobretudo, uma preocupação com os jovens. Não falar acerca do uso controlado e prolongado de drogas é um fator a ser compreendido nesta pesquisa, pois, ocorre o consumo de drogas por pessoas velhas. Em paralelo, o processo de envelhecimento também é um fenômeno que demanda novas articulações com o campo social.

Uma pesquisa entre outras?

A descrição acerca dos modos de consumo de psicoativos entre idosos, com questões envolvendo álcool e outras drogas, consiste em uma relevante lacuna no meio acadêmico. Há insuficiência de espaço observado nas produções científicas, para que esses sujeitos possam construir narrativas próprias, estas possibilitariam a construção de registros dos cursos de vida desses sujeitos em relação ao consumo de produtos psicoativos.

O uso ou abuso de drogas por idosos, na literatura científica nacional e internacional é uma evidente lacuna, conforme registra a quase totalidade dos autores visitados. Mesmo quando estudadas, tais práticas geralmente são somente vistas como dimensões da saúde mental do idoso, no campo do patológico. Nesse viés, são abordadas de forma bastante incipiente, privilegiando-se questões como a subdiagnose e levantamentos em população de centros de saúde com pouco acesso de idosos, de onde se sobressaem estudos sobre álcool ou

benzodiazepínicos [Alvarenga et. Al. (2007); Mendonça; Carvalho (2005); Elbreder; Laranjeira (2008)].

Na Inglaterra, Fahmy (2012) investigou a prevalência do uso de drogas ilícitas, pesquisando pessoas com mais de 50 anos. Constatou que o uso na vida desses produtos em pessoas com mais de 65 anos alcançou 2%, sinalizando também crescimento do uso de drogas ilícitas, principalmente na população urbana, mais especificamente do consumo de *cannabis*.

Hulse (2002) faz um percurso no campo da atenção ao idoso em uso de drogas, afirmando que os idosos procuram menos o tratamento, alcançando, todavia, o mesmo ou superior índice de sucesso. Ressalta a dificuldade do diagnóstico diferencial com outras patologias e os cuidados no manejo clínico com esta população. Aponta, também, alguns dados sobre a vida social dos idosos mais propensos ao abuso de substâncias, tais como, morar só, estar viúvo, ter tido depressão, queda, ou fragilidade de suporte social.

Levantamentos e pesquisas assim apresentam uma compreensão da relação dos idosos com as drogas, influenciada pela geriatria e sua concepção de senilidade, marcada pela abordagem do adoecimento do velho sob a perspectiva de perdas, o envelhecer como uma patologia e o idoso como um objeto de cuidados especializados.

A geriatria se estabelece mais intensamente na contemporaneidade como discurso norteador das práticas sociais, afinada aos ideais de juventude dessa época. Castilho (2012) problematiza a situação do velho no capitalismo, em que é abordado como um objeto de cuidado, ou mercado consumidor, alvo principalmente de produtos de “saúde”, seja lazer, ou medicamentos. Dessa forma, é pertinente pensarmos que os “medicamentos do espírito” incidem na medicalização dessa faixa etária, podendo vir a dificultar o processo de luto, necessário também a este tempo da vida. “O poder dos remédios do espírito, portanto, é o sintoma de uma modernidade que tende a abolir no homem não apenas o desejo de liberdade, mas também a própria ideia de enfrentar a prova dele. O silêncio passa então a ser preferível à linguagem, fonte de angústia e vergonha”. (ROUDINESCO, 2000, p. 30).

Zeppellini Junior (2005) acrescenta o impacto que a construção da identidade do velho repercute em outros grupos etários. Atualmente, o estigma do envelhecimento é deslocado para a margem do desejável, em esforços incessantes de “prevenção ao envelhecimento”, vivenciado de modo distinto conforme identidades de gênero e orientação sexual. São ofertadas, como alternativas, de forma maciça, “próteses cosméticas” como a toxina botulínica, tônicos de pele com nomes sugestivos, a exemplo do Renew®, medicina antiaging, remédios contra impotência sexual, etc.

A população idosa, nesse contexto, se torna grande consumidora de mercadorias no campo da saúde, sejam medicamentos, ou procedimentos de saúde. Assim, pode ser compreendido como o maior contingente consumidor da indústria farmacêutica, dado econômico de relevância para a apreensão integral do fenômeno.

Nos Estados Unidos, as pesquisas apontam que, em aproximadamente 70% das consultas, os pacientes em “idade geriátrica”, ou seja, os maiores de 55 anos recebiam prescrições, e destes 25% eram prescritos com drogas psicoativas sedativo-hipnóticos, ou tranquilizantes, principalmente. Os idosos apresentam expressiva particularidade no consumo de substâncias medicamentosas, sejam elas prescritas ou não; cerca de dois terços das pessoas com mais de 60 anos seriam consumidores diários de medicamentos que prescindem de prescrição médica, segundo Miller et. al. (1991).

Os idosos apresentam, portanto, significativa susceptibilidade à aquisição e uso de mercadorias advindas da indústria farmacêutica. A medicalização e maquiagem da velhice estão na direção da amortização do envelhecimento, burlando seus meios de subjetivação, na tentativa de escamotear a aproximação da morte. Contudo, apesar dos esforços, as marcas e sinais do envelhecimento são indistigíveis, lançando os indivíduos que chegam à velhice em um trabalho de ressignificações, ou seja, novas formas de apropriação simbólica de si e da sociedade.

A presença do uso de psicoativos seria mais uma das contingências que devem ser abordadas pelo velho, por quem está próximo a ele, e por quem os estuda, aportando à relevância das marcas subjetivas, corporais e simbólicas.

As pesquisas pertinentes à contextualização do problema da pesquisa em curso, não apresentam categorização uniforme dos marcos cronológicos acerca do envelhecimento e, portanto, falta clareza no estabelecimento de critérios precisos de inclusão. Todavia, foram apresentados dados de resultados de tais pesquisas como meio de aproximação da realidade investigada.

A contribuição do atual estudo, é considerar um tipo de consumidor de drogas ainda emudecido nas pesquisas anteriores, inclui-se a dimensão geracional para construir uma compreensão acerca das práticas e sentidos do consumo de drogas durante o envelhecimento. Admitindo a grande extensão etária incluída no consumo de drogas, destaco aqui com maior ênfase o consumo das tornadas ilegais, pois, urge atenuar a lacunar atenção dispensada pelos pesquisadores à prática do uso regular de drogas no processo de envelhecimento. Duas categorias, majoritariamente analisadas pelo prisma da patologia, o envelhecimento e o

consumo de drogas, nesta pesquisa ganham outro contorno, de fenômenos heterogêneos com padrões culturais, e de valoração diversos, ali na fronteira entre natureza e cultura.

Uma etnografia entre outras?

O percurso deste pesquisador em torno de uma etnografia acerca do consumo de psicoativos, por pessoas em envelhecimento, exige que se aborde a intencionalidade da ingestão como um consumo. A circulação das drogas (mercadorias psicoativas), sejam lícitas ou ilícitas, ocorre inserida em uma sociedade de mercado. Nesse sentido, analisamos “a droga”, primeiramente, como uma mercadoria. Desta forma, optamos por usar o termo “consumo de drogas”, pois, comporta a dimensão econômica e suas implicações, todavia, mantendo a perspectiva dietética das regulações e autorregulações de ingestão de coisas para dentro do corpo.

Em tempos que o discurso da ciência e do mercado se alinham com grande potência, é fecundo o cenário para a circulação e produção de mercadorias, que são disponibilizadas como meio de alcançar novas experiências corporais e de subjetividade. É também perceptível à disjunção de rituais, que outrora regiam a ingestão de drogas na história da humanidade. Observamos a criação de novas configurações, e produção de novas drogas, essencialmente em laboratórios químicos, dispositivo próprio do discurso científico.

Uma etnografia se torna possível via circulação, por uma intencionalidade do pesquisador em percorrer os trajetos dessas mercadorias em relação com seus consumidores. O trabalho de campo, nessa pesquisa, é derivado da produção de dados na cidade, em diversos *loci*, com diversos interlocutores. Nessa perspectiva, poderia dialogar com a referência de trabalho de campo multissituado de Viviane Vedana (2008, p.58), em que através da análise do consumo de alimentos em feiras-livres e mercados de rua de São Paulo, Porto Alegre e Paris, foi possível tecer uma compreensão das formas de vida social. Todavia, se fazem necessárias algumas observações nesse ponto.

O intento do trabalho de campo aqui iniciado não passa pela busca de recorrências, ou padrões universais interpretativos, como a proposição de Vedana (2008, p.67), assim como, não supõe que exista algo que deva ser capturado da realidade observada, como uma categoria analítica, um conceito que estaria ali para ser apreendido e depois interpretado.

Associo-me epistemologicamente aos argumentos de Rodrigo Toniol (2015, p.28). Este inscreve em sua tese, sobre a presença do discurso da espiritualidade nas políticas e práticas em saúde, na quinta nota de rodapé, sua resistência a uma ideia de “continuidade” do

fenômeno. Opta pela compreensão de que o pesquisador não pressupõe ou espera uma continuidade, mas acompanha redes de conexões estabelecidas pelo próprio, mobilizado pelos seus encontros ao longo da investigação. Assim, podemos acompanhar junto com Toniol, a dimensão política de uma antropologia que não descreve realidades sociais, mas, as cria.

O consumo de drogas se apresenta em redes, desde a produção até a ingestão. Apesar de ele estar presente nas zonas rurais, tanto para produção quanto para ingestão, opto por acompanhar linhas dessa rede em zona urbana, mais especificamente nas Cidade do Salvador – BA e de Natal - RN, contudo, certo das escalas que ligam nosso contexto ao âmbito nacional e global.

Gilberto Velho, que pode ser considerado um pioneiro da Antropologia Urbana no Brasil com o trabalho *Utopia Urbana* de 1973, defende sua tese Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia em 1975, mas só a publicou em 1998. Apresentou ali uma forma de apreender o modo de vida de uma geração de classe média urbana no Rio de Janeiro a partir dos seus modos de consumo de drogas e dos aspectos simbólicos pertinentes àqueles grupos.

Em Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia, Velho (1998) visa contribuir para a diminuição da visão preconceituosa e discriminatória de um determinado modo de vida. Este era um aspecto do modo de vida de seu grupo, que estava articulado às marcas de ilegalidade do consumo de drogas, ou tóxicos (como o autor preferiu nomear).

Os grupos de pessoas que consomem drogas estariam articulados por sistemas de reconhecimento em um cenário de clandestinidade, ou seja, marcado pela ilegalidade e ambiente coercitivo, o que agenciaria também os seus modos de obtenção e consumo.

Todavia, perante a possibilidade de se crer na homogeneização dos grupos pela ilegalidade, Velho (1998) argumenta que, “esse universo, no entanto, está longe de ser homogêneo ou monolítico, e é problemática a afirmativa de existência de um sentimento de solidariedade entre as pessoas que usam tóxicos. As diferenças internas, em termos de tipo de tóxico utilizado, faixa etária, característica de estrato social, vão marcar, em muitas situações, fronteiras bastante nítidas” (VELHO, 1998, p.17).

A partir dessa constatação, ele escolhe a dimensão de “estilo de vida”, ou seja, visões de mundo associadas, não aderindo às compreensões estanques de subcultura ou contracultura, admitindo que os grupos não tenham fronteiras tão nítidas e impermeáveis a outras relações e outros grupos.

Nesse grupo de adultos jovens, os Nobres, moradores da zona sul da cidade, que constroem suas identidades em contraste à zona norte, por exemplo, os atributos descritos por

Gilberto Velho como identificadores do estilo de vida são, entre outros, a adesão à ideia de vanguarda, a postura e valores aristocratas, privilégio da autenticidade, valorização dos países do exterior, associação ao discurso psicanalítico, enaltecimento da experiência de criação, tempo livre e apreço pelas artes e beleza física. Valores de reconhecimento mútuo no grupo e agenciadores de ações, posições e inter-relações, tanto dentro do grupo, entre outros grupos e nas relações geracionais. Cabe ressaltar, que seus interlocutores são oriundos de famílias abastadas com ascensão social nas últimas gerações. Velho (1998) então descreve o *Ethos* desse grupo como individualista, competitivo, hedonista, envolto em preocupações sexuais e ansiedade.

Todo esse esforço descritivo do autor se pauta na ideia de que ali existe um “grupo”, ou seja, existe uma instância que está regulando as ações e motivações naquele cenário, mesmo que seja em uma cidade inserida dentro de uma sociedade complexa. Assim, é compreensível a investigação destes vinte e cinco sujeitos e suas relações com os espaços da cidade, como os ambientes públicos (cinema, praia e bares), festas, e as interações nas casas dentro do arcabouço disciplinar da antropologia.

Velho (1998) argumenta que, o uso de tóxicos mudou os hábitos do grupo, principalmente ao alterar os circuitos de sociabilidade. A utilização dos espaços públicos já não era tão adequada às novas práticas do grupo, no que se refere ao consumo de drogas ilegais, assim como não era condizente com seus valores aristocráticos.

A distinção de casa e rua de Da Matta (2003) aqui, faz sentido. O uso de drogas então ganha outros significados e possibilidades de repertório, tanto em relação ao tipo de droga usada, quanto nas práticas associadas ao consumo. Nesse momento, se destacam a aquisição de prestígio de atividades de comer, beber, assistir filmes e jogar.

Oswaldo Fernandez (2007) seguiu as trilhas de carreiras de “cheiradores” de cocaína na cidade de São Paulo. Uma monografia robusta, extensa, e propositiva a um enfoque original no campo das pesquisas sobre o consumo de cocaína. Ao mesmo tempo, é um texto irônico com referências a termos ambivalentes desde o título, com *coca-light* (na época uma marca multinacional que dava nome a um refrigerante), e carreira (dupla alusão ao conceito de carreira do usuário, possível referência ao trabalho de Howard Becker e as linhas de cocaína aspirada).

O autor situa sua obra dentro da perspectiva das ciências sociais, mais especificamente no campo da Antropologia Urbana. Faz, dessa maneira, um contraponto à maioria das produções de pesquisas deste tema, que se orientam pelos paradigmas da biomedicina e epidemiologia, ou seja, aposta em abordar o consumo de cocaína pelo viés do

uso controlado, e aponta as agências socioantropológicas que incidem na configuração do fenômeno.

Ygor Alves (2015) acompanhou as trajetórias de usuários de crack em sua pesquisa, *Jamais fomos zumbis*, também a partir de uma imersão etnográfica. Estas três pesquisas são exemplos de como etnografias contribuem para adensar as possibilidades de investigação e compreensão das sutilezas dos tipos de consumo e consumidores de drogas.

A abordagem à questão da pesquisa em curso é de caráter qualitativo, em uma dimensão exploratória e descritiva. Foram privilegiadas as fontes primárias, seguindo os métodos da observação participante, desenvolvidos pela antropologia. Observou-se a necessidade de incluir levantamento bibliográfico de produções pertinentes ou tangenciais ao problema de pesquisa.

Há um pequeno número de pesquisas que alcançam a complexidade das práticas desse consumo, em suas conotações socioculturais, através de procedimentos como a observação participante e, por isso, corroboro com o posicionamento de Edward MacRae (1994), que reafirma a pertinência da abordagem etnográfica do uso de drogas, visto que, está dada a condição inicial de saber-se pouco sobre o consumo de psicoativos na velhice.

A observação participante consiste em estabelecer um bom entendimento mútuo em uma comunidade desconhecida, a fim de observar e registrar suas práticas, implicando uma produção de um ambiente confortável, o suficiente para que os interlocutores possam seguir suas vidas como são ordinariamente. (BERNARD, 1994)

As técnicas usadas para o fim da pesquisa estiveram circunscritas inicialmente à identificação e observação participante em grupos de sociabilidade, que comportem idosos integrados formalmente à sociedade, junto a camadas médias urbanas, com consumo regular e controlado de drogas, nos momentos e locais de consumo e ou de convivência, antes e após o consumo.

Para fins desta pesquisa, compreende-se como uso controlado, aquele em que sejam encontradas estratégias, como sugerem MacRae e Simões (2000), que possibilitem conciliar de modo adequado o uso de psicoativos com as demandas apresentadas por seu meio social, configurando assim, um “uso controlado”, como descrito por Zinberg (1984).

A regularidade ou frequência é uma dimensão que varia de pessoa para pessoa, sem necessariamente se relacionar univocamente a prejuízos ou danos, como também descreveu Norman Zinberg (1984). Foi considerado como critério de inclusão, o relato de um período de tempo, seja longo ou curto, de uso de psicoativos e interesse manifesto em tê-los disponíveis para a rotina, ou ocasiões específicas. O estudo tem como referência o sistema hipotético de

Grund (1993), que discorre sobre três aspectos: “rituais e regras” de consumo, “o acesso, e a disponibilidade da droga” e a “estrutura de vida” dos consumidores, observadas em seu curso de vida.

A dimensão de estar “formalmente integrada”, neste estudo, se refere a pessoas com formação profissional específica, regularmente empregadas ou aposentadas por estas funções, nível elevado de escolaridade, e pertencentes a camadas socioeconômicas médias das cidades, no período da pesquisa, assim como caracterizado por MacRae e Simões (2000).

A noção de classe social foi usada como a apropriada por Bourdieu (1987), em sua noção de *Habitus*, que entende os estilos de vida e sistemas de preferências a partir de, mas não determinado apenas pelos aspectos econômicos. Desse modo, é possível que alguns interesses e valores sejam compartilhados por indivíduos de características econômicas diferentes, por exemplo.

Recorri ao caderno de campo, para fins de registro sistemático da observação. Nesta direção, MacRae (1994, p.100) sugere que, “Tais complexidades e significados socioculturais somente podem ser devidamente avaliados através de uma inserção mais direta e prolongada no campo a ser pesquisado”.

Complementarmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individuais e em profundidade, a fim de mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes com pessoas de ambos os gêneros (GASKELL, 2002). Foi buscado um equilíbrio nesse número, com mais de sessenta anos de idade, observando a autodefinição de envelhecimento de cada um, mas acompanhamos mais homens.

O recurso à memória é uma via de acesso aos valores e simbolismos dos marcos geracionais, mesmo com os riscos de seletividade. Outra via, é o recurso à literatura sobre o período histórico destacado, ambas, regidas por intencionalidades, e tomados como construções parciais sobre as vivências e experiências.

Através das histórias de vida, puderam ser assimilados os lugares ocupados pelo consumo de produtos psicoativos para diferentes indivíduos. Isso permitiu reflexões sobre os marcadores, que Becker (1976) chama de “cultura da droga”, entre consumidores idosos. Não se ambiciona, porém, atribuir uma dimensão universalizante aos achados, visto que, não se pretendeu tratar os interlocutores como amostras de um universo, mas universos singulares, que nos puderam apresentar traços das maneiras como se percebem, interagindo com o consumo de psicoativos durante o envelhecimento.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Foi adotada a técnica da “bola de neve” (método reputacional) para alcançar os sujeitos da pesquisa, partindo de um primeiro

interlocutor escolhido no rol de conhecidos do pesquisador, que serviu de intermediário entre os demais. As histórias de vida desses sujeitos foram então descritas e examinadas, sob a luz das dimensões e categorias dos objetivos desta pesquisa.

Chegar a esses interlocutores aconteceu de modo mais fácil do que eu esperava, nos primeiros passos dessa empreitada. Havia pessoas que já trabalharam comigo diversas vezes, entretanto, essa dimensão específica das suas vidas não me saltava aos olhos. Esses indivíduos se dispuseram com imensa facilidade e intimidade a colaborar com a pesquisa. Um dos interlocutores foi contatado por causa de acesso que tive à sua produção de literatura, que resvalava nessa temática, sendo um dos participantes que encarou com mais entusiasmo as longas conversas sobre a contracultura, e mais, sobre o seu consumo atual de psicoativos. Houve a tentativa de acessar alguns de seus amigos, mas sem sucesso. Cabe salientar, que entrei em contato com algumas pessoas indicadas, mas por motivos vários, incluindo o próprio ritmo do pesquisador, declinaram da participação.

Um dos interlocutores mais ativos me forneceu contatos de conhecidos seus para que eu pudesse convidá-los, sendo realizado com um deles uma boa vinculação e, conseqüentemente, trazendo para o texto muitas das suas narrativas, bastante caras ao todo do trabalho. A convivência mais alongada em observações participantes ocorreu com o único interlocutor, residente em Natal-RN, quando eu passava curtos períodos mensais morando em sua casa, a convite de sua companheira, então minha colega de trabalho.

As observações participantes estavam fragmentadas em distintos tempos e espaços, e as entrevistas atravessadas pela seletividade da memória e intencionalidades narrativas. Se esse cenário de um lado, limita o vigor descritivo de uma unidade fantasiada em sua objetividade, de outro me permitiu fazer uma amarração do que essas pessoas me mostraram. Condensando essa complexidade em um texto que espero contribuir para a compreensão do envelhecimento psicoativo, respeitando a memória e integridade desses meus novos amigos.

CAPÍTULO I – ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES E OUTRAS FUNDAMENTAÇÕES

1.1 O consumo de psicoativos como parte de uma dietética

Admitindo a ingestão intencional de psicoativos como um evento ou experiência coletiva, mesmo quando usada por uma pessoa só, podemos assumir essa ingestão como uma atividade imersa em uma teia de representações, práticas e suas inter-relações, as quais são compostas de certa previsibilidade e ordenamentos, cercada de expectativas e preparações. A dimensão pública e íntima dessa ingestão e seu gerenciamento psíquico e fisiológico exigem, portanto, o enfoque multi e interdisciplinar para a sua descrição e busca de compreensão, como de partida nos aponta Henrique Carneiro (2010).

A ingestão de substâncias psicoativas não é uma exclusividade humana, outras espécies também recorrem a alimentos-droga, em ocasiões ou situações ambientais específicas, porém, destacando esta prática por seres humanos, podemos encará-la de modo compreensivo, seguindo uma vertente de entendimento acerca do uso regular, controlado e autorregulado, ou seja, enquanto prática relacionada a uma dietética de certos indivíduos em determinados contextos.

Acompanhamos aqui os argumentos de Henrique Carneiro (2010) sobre a importância do viés compreensivo, quando elabora de modo mais aprofundado a História Social da embriaguez. Suas propostas certamente contemplam o escopo desse texto, no momento que essa ingestão se relaciona às demais substâncias e preparados psicoativos, nos diversos contextos socioculturais. Assim o autor nos antecipa que, “uma história da embriaguez também é uma história de como os corpos podem transformar suas consciências por meio de ingestões e de como esses estados vão adquirir significados culturais partilhados e formas de gestão coletivas de sua condição alterada, tanto nos momentos agudos de embriaguez como na cronicidade dos comportamentos da ingestão alcoólica”. (CARNEIRO, 2010, p.16)

O fenômeno do consumo de drogas demanda que o tomemos como uma questão, em vez de problema, já que encerra em si uma miríade de termos, padrões, circunstâncias complexas e multivalentes. A ingestão intencional dos produtos psicoativos está inteiramente inserida nas inscrições culturais da dinâmica dos sentidos e valores, sejam estas drogas legais, ou tornadas ilegais, assim como ocorre com outras substâncias administradas para dentro do

corpo. Essa analogia é possível pelo fato de tais ingestões serem dirigidas por expectativas de efeitos e funções, com circulação e valoração, mediadas pela questão econômica em suas intersecções com aspectos tradicionais e ritualísticos. Desse modo, Carneiro (2010) complementa:

[...], sobretudo as bebidas, as drogas e os alimentos-droga (principalmente vinho, aguardente, tabaco, ópio, chá, chocolate, café e açúcar), delinea a base fiscal dos estados [modernos] e a forma de articulação centro-periférico do mercado mundial, a importância desses produtos em geral, e das bebidas inebriantes em particular, só pode ser compreendida a partir da compreensão dos sentidos atribuídos aos seus efeitos psicoativos, chamados pelo termo genérico inebriantes, que, mais do que nutritivos ou saciadores da sede, são medicinais, religiosos e constitutivos de simbolismo.” (CARNEIRO, 2010, p.14)

Numa perspectiva sociocultural, essas maneiras de ingestão são reguladas por algumas instâncias de organização social. Os níveis de controle para um uso regulado de psicoativos estão identificados por Castel e Coppel (1991), segundo MacRae (2001), em 1) Heterocontroles, como as leis, 2) Controles Societários, como as expectativas informais de pares, se aproximando dos controles sociais informais de Zinberg (1984), e 3) Autocontrole, condição de autorregulação de modo idiossincrático a cada usuário, muitas vezes derivado da assimilação dos heterocontroles ou dos societários.

As manifestações do envelhecimento no campo social contemporâneo admitem que as abordemos de modo compreensivo. Como afirma Lins de Barros (2006), a Antropologia, inaugurou essa abordagem ao debruçar-se sobre esse fenômeno antes de outras disciplinas, o que possibilitou desvelar significados e práticas sociais dos idosos em seus cursos de vida e na sociedade urbana contemporânea. O consumo de produtos psicoativos, daqui por diante chamados apenas de psicoativos, principalmente os ilícitos, por pessoas velhas, é um fenômeno ainda emudecido e anônimo nas pesquisas brasileiras.

O uso de psicoativos se faz presente no enredo da humanidade. As formas e modos de uso, todavia, são bastante variadas, indo desde usos ritualísticos a usos recreativos, marcados por sua ocasionalidade, e voltado ao lazer, sociabilidade, e percebido como positivo pelos indivíduos, até os modos mais compulsivos e prejudiciais, estes últimos identificados majoritariamente com as formas de subjetivação na contemporaneidade (MACRAE, 2001).

Nery Filho (2012) se engaja em responder à questão “porque os humanos usam drogas?”, se valendo das dimensões da humanidade na percepção do tempo e da finitude, e por fim, localiza que os consumos são variados como variadas são as necessidades subjetivas

e sociais, dependentes, portanto, das histórias de vida de cada humano e do contexto em que ele vive.

1.2 Tornando-se um velho consumidor de drogas

Em 1934, Mauss introduziu no bojo das ciências sociais as preocupações com o corpo. As *técnicas corporais* para ele, são a evidência de que a sociedade e a cultura incidem tanto quanto o psicológico e o biológico na montagem do corpo e no corpo. Formulou a concepção tríplice de “homem total”, destacando os elementos sociais, do que chama de *habitus*, termo recuperado posteriormente por Bourdieu (1987), que na formulação original de Mauss é a expressão no indivíduo de agenciamentos sociais, particularmente sua noção de educação (MAUSS, 1974).

O trabalho clássico supracitado, corrobora a importância de investigar o consumo de drogas a partir de sua faceta de técnica corporal, tendo em vista a importância de sua dimensão sociológica. “Esta adaptação constante a um fim físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é perseguida em uma série de atos montados, e montados no indivíduo, não simplesmente por ele mesmo, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa”. (MAUSS, 1974, p.218).

Os gestos, práticas associadas ao consumo e os modos de praticar essa ingestão de psicoativos, são expressões de aspectos simbólicos e sociais de um agrupamento ou estrato. Há uma montagem evidente, como nos sugeriu Mauss, no que Becker ([1991]; 2008) pôde descrever como um processo social de tornar-se um usuário de maconha. Refiro-me ao capítulo “tornando-se um usuário de maconha” do livro “Outsiders”, cujos subtítulos são bastante ilustrativos: a) aprender a técnica; b) aprender a perceber os efeitos; c) aprender a gostar dos efeitos. Os gestos, as representações, expectativas, e efeitos do consumo se corporificam em uma montagem num lugar na sociedade, um “estilo de vida”, que encerra os gostos que cada um compõe dentro de suas possibilidades sociais (BOURDIEU, 1976).

Assim como os gestos, gostos, repugnâncias, as práticas associadas ao consumo de psicoativos estão inseridas nos modos de produção desse corpo, atravessado que é por dispositivos de regulação de ingestão e motivação,

O envelhecimento, um dos marcos reais do tempo no corpo, é construído da mesma maneira e, talvez, possamos parafrasear Howard Becker ([1991]2008) a partir do título do capítulo supracitado e analisar tal processo como “Tornando-se velho”.

Esse movimento de montagem do corpo velho é bastante dinâmico, dependente, pois, constantemente, das circunstâncias sociais, étnicas e de gênero. No capitalismo ocidental está intrinsecamente associado ao deslizante lugar destinado ao velho. Atualmente, o estímulo a uma narrativa de vitalidade para a chamada “terceira idade” empurra para mais tarde um pouco a associação da velhice com a morte. Portanto, identificar-se como velho é um duplo desafio para Motta (2010), pois, está ancorada nas mudanças do corpo envelhecido e por contraste com a construção do jovem, inclusive na referência à própria juventude.

1.3 Corporeidades, Temporalidade e Envelhecimento

A velhice, como outros períodos da vida, está associada a novas maneiras de vivenciar o tempo e o corpo, com acentos de escassez do primeiro e a obviedade de finitude do segundo. O que precipita no adulto idoso formas de lidar com esse inelutável da senescência. Simone de Beauvoir (1990) sintetizou o modo mais pertinente da apreensão do que seria a velhice, apresentando-a nestes termos:

Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial; modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence. A sociedade destina ao velho seu lugar e papel, levando em conta sua idiosincrasia individual, sua impotência, sua experiência. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta, portanto, descrever, de maneira analítica, os diversos aspectos da velhice. Cada um desses aspectos vai reagir sobre todos os outros. É nesse movimento indefinido dessa circularidade que é preciso apreender a velhice. (BEAUVOIR, 1990, p.99).

O envelhecimento, portanto, não ocorre independente do corpo social e cultural onde se envelhece, não é regido apenas pelo desgaste e transformações do corpo e cognição, é variável de acordo ao lugar destinado ao velho em cada cultura e à história de cada um. O avanço constante das intervenções da medicina no homem e no ambiente possibilitou um aumento nos anos vividos, criando a velhice como a vemos atualmente.

O advento do individualismo, carreado pelas repercussões sociais e familiares da revolução industrial, cuja centralidade residia na capacidade de produção de riqueza, atua na caracterização de decadência e segregação relacionada aos idosos, incapazes de reproduzir e produzir riquezas. “Perde-se a beleza física padronizada pelos modelos atuais, a saúde plena,

o trabalho, os colegas de tantos anos, os amigos, a família, o bem-estar econômico, e fundamentalmente, a extensão infinita do futuro, e embora a qualidade de vida seja preservada, não pode ser evitado o sentimento de finitude que inexoravelmente se instala”. (GOLDFARB, 1998, p. 14)

Reduz-se a velhice à complacência diante da incidência do tempo, e certa cumplicidade com a erosão do corpo pelo passar dos anos, declarando que a velhice, assim como a morte, é um fracasso individual e as doenças, rugas e cabelos brancos, sinais da negligência consigo. Uma inflação da ideia liberal de *self made man*⁵. Debert (1999) e Elias (1994) citados por Lins de Barros (2006, p.121) tangenciam a questão do envelhecimento e a responsabilização do indivíduo por seu próprio cuidado e bem-estar, incidindo sobre a construção do modelo da “terceira idade”, em contraponto ou até oposição à “velhice”, admitindo, igualmente, que esses dois modelos são dependentes de determinantes socioeconômicos. Em sua análise Silva (2008) caracteriza bem a terceira-idade se aproximando de Debert (1999), apontando também a coexistência dos dois modelos.

O tempo, para Elias (1998), faz parte dos símbolos que os homens são capazes de aprender, no entanto, não se situa exclusivamente no campo do cultural, nem muito menos nos domínios do que se convencionou chamar de natural. É um conceito que não se submete às noções epistemológicas clássicas de sujeito ou objeto. Em sua natureza social, o tempo pode ser observado nas demandas do coletivo sobre um indivíduo, no entanto, também repousaria sobre dados naturais como o envelhecimento do corpo, imprimindo seu caráter coercitivo. “Muitos não conseguem impedir-se de ter a impressão de que é o próprio tempo que passa, quando na realidade, o sentimento de passagem refere-se ao curso de sua própria vida e também, possivelmente, às transformações da natureza e da sociedade”. (ELIAS, 1998, p. 22).

A dimensão da temporalidade, como memória e projeto de vida, passado e futuro, são destacadas por Gilberto Velho (1994) como construtoras de identidade nos cursos de vida de cada indivíduo. A memória, por sua vez, tem a presença do fator geracional assinalada por Mannheim (1982) como marca de identificação entre contemporâneos a uma circunstância histórica e cultural. Plummer (2009), por seu lado, traça algumas possibilidades de vivências que costuram essas identidades, como catástrofes, guerras, movimentos culturais, etc.

Elias (1998) afirma ainda, que nas sociedades mais industrializadas as pessoas teriam a possibilidade de estabelecer uma distinção de si perante as demais, não apenas por seu

⁵De acordo com Baquero (2005, p. 73), o termo é compreendido como o “homem que se faz por seu próprio esforço pessoal”. Ideal de uma meritocracia, pautada nos valores individuais de suposta autodeterminação, dos indivíduos dentro das sociedades.

caráter único, mas por poder paralelizar com precisão a sucessão dos acontecimentos de sua vida com um *continuum* padronizado e reconhecido, como a sucessão dos anos no calendário.

Essa predominância do individual sobre o coletivo é comentada por Goldfarb (1998), que infere acerca da incidência, na atualidade, de um presente perpétuo, onde o passado é descartável e um futuro superinvestido, um contexto perturbador para quem tem um futuro comprimido e só conta com sua bagagem simbólica, como o idoso.

Essa caracterização auxilia na compreensão do status do velho nas sociedades ocidentais industrializadas, como a brasileira. Consonante à concepção de “flecha do tempo”, centrada no progresso, o velho não estaria como objetivo, mas como “alvo”. O novo seria aquilo que estaria “um passo mais na frente”, uma ideia de permanente evolução e progresso, que não encontra ressonância no corpo modificado do velho, em algumas de suas faculdades cognitivas e, principalmente, no lugar social que é reservado a esse indivíduo, supostamente obsoleto. Como pode ser observado em alguns axiomas de ditados populares: “ninguém quer ficar ‘parado no tempo’ ou ‘perder o bonde da história’”. Aqui no Brasil, apesar de nos reconhecermos como ‘atrasados’, temos o lema ‘ordem e progresso’ inscrito na Bandeira, e queremos desesperadamente ‘ir para frente’ e ser o ‘país do futuro” (BASTOS, 2006, p. 2).

Na velhice, o tempo não suporta essa dilatação, entranhado que está de escassez pelo passar dos anos, e de indicadores claros da finitude no corpo dilapidado. Essa contingência dificultaria o “engano” do encontro com uma mercadoria, que realmente viesse a fazer face à marcha do envelhecimento. Promessas de plenitude, frutos da injunção dos discursos do capitalismo e da ciência, através dos Botox® e Viagra®, por exemplo, não alcançam sucesso total em contornar as marcas indelévels da velhice, observando as particularidades de gênero e idade contida nessas ofertas.

Para Sartre (1992 apud BERNARDO, 2010, p. 53) a velhice não seria sentida e percebida pelo que envelhece, e sim pelo efeito que esta velhice causa no outro que a espelha ao velho; faria parte da categoria do “irrealizável Sartreano”. Também é para Soares (2005), citando Beauvoir e em Goldfarb (1998), quando é tratado o estranhamento de reconhecer a velhice no outro e como uma alteridade. Podemos acrescentar a essas perspectivas, a de Le Breton (2011) sobre a dificuldade de realizar a própria velhice, quando descreve que:

O envelhecimento é um processo insensível, infinitamente lento, que escapa à consciência porque nele nenhum contraste acontece; o homem desliza flexivelmente de um dia ao outro, de uma semana à outra, de um ano ao outro, são os eventos de sua vida cotidiana que pontuam o fluxo do dia, e não a consciência do tempo. Com uma lentidão que escapa ao entendimento, a duração se agrega

sobre o rosto, penetra os tecidos, enfraquece os músculos, ameniza a energia, mas sem traumatismos, sem ruptura brutal (p.177).

A imagem modificada pelo tempo, quando percebida de modo inaugural, muitas vezes é odiada. Ela está entre umas das perdas que devem ser elaboradas pelo trabalho de luto, ou seja, o processo de elaboração simbólica e psíquica do que se perdeu com aquela perda. Processo que, quando deficitário, pode remeter o idoso a sintomas dos mais variados; num contexto em que, para Mucida (2012), predominariam os desinvestimentos dos papéis sociais, e do corpo, convertendo-se em autodestruição real ou psíquica. Nesse cenário, tanto o abuso do álcool, quanto a dependência a psicoativos e o emudecimento por medicações psicotrópicas encontram campo no envelhecimento.

No mesmo momento histórico da publicação do texto clássico de Mauss sobre as técnicas corporais, surge o texto “O mal-estar na cultura” escrito por Freud (1930). Lá, o psicanalista ressalta a maneira como a condição humana, o estado de cultura, estaria vinculado a três condições principais de sofrimento⁶. Porém, tomaremos aqui somente a sua discussão da compreensão da finitude do corpo, ou seja, a dor vinculada à apreensão da realidade contingencial, dos efeitos do envelhecimento e mortalidade. É sintetizada pela ideia artificial do passar do tempo, que entra em conflito com a natureza de atemporalidade do inconsciente e a falta de algum sentido absoluto, que possa ser equivalente à vivência da própria morte.

A precipitação e o movimento em direção às satisfações e projetos de realizações, nesse cenário, não seriam indiferentes ao tempo que passa. Para Mucida (2012), muitos sujeitos, ao tomarem consciência de que a finitude do tempo é real, sustentariam com mais propriedade sua relação com o desejo. É um posicionamento próximo ao de Lins de Barros (1981) em sua pesquisa, ao registrar que: “[...] é a própria percepção da velhice como o último momento de vida que torna possível a formulação e execução de um projeto de vida.” (BARROS, 1981; 2003, p.111)

Freud em seu texto sobre a transitoriedade, escrito em 1916, afirma que: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (FREUD, [1916]1974). A temporalidade e corporeidade, portanto, são fundamentais na apreensão da velhice, nas suas relações com o próprio corpo e com os objetos, inclusive os “objetos droga”, sendo o corpo velho ébrio, o mesmo que o de outras idades, no sentido de ser aquilo que faz ou deixa de fazer; a conduta mais peculiar, numa

⁶As três fontes de sofrimento do homem em cultura seriam: a percepção da finitude, vinculado ao adoecimento do corpo; a vulnerabilidade aos acontecimentos da natureza; e as relações humanas, para Freud, a mais contundente.

viagem mais ou menos controlada em seus impulsos, ou vontades, e as formas de ritualizar coletivamente esse desprendimento (CARNEIRO, 2010, p.13).

1.4 Consumo de psicoativos e contracultura

É inegável a via que se inaugura com essa nova velhice, com a qual nós convivemos contemporaneamente. Não me restrinjo a pensar no aumento constante da expectativa de vida, na maior parte dos países, nem mesmo aos modos de apropriação da velhice em termos da já mencionada reprivatização, em sua empresa de condensar elementos de desempenho e nicho de mercado. Os nossos velhos carregam, em grande medida, traços daquele momento em que ainda eram reconhecidos como jovens, até aí, nada de realmente novo. Nova, foi a dimensão de contestação, abertura, e apreço aos valores emergentes, do que se ousou chamar de contracultura, pelo nível de ruptura em meados dos anos 60.

Os desdobramentos dos movimentos, eminentemente jovens, de classe média das décadas de 60 e 70 são reconhecidos em diversos âmbitos da sociedade, como moda, música, cinema, costumes em geral. Algumas vezes, se fala dessas marcas em formas de assimilação das tendências de comportamento e valores estéticos pelo mercado, como se fossem exemplos que comprovariam a não expansão daquele movimento em termos hegemônicos, como que tivesse sido derrotado pelas forças contra as quais se levantava.

Evitando prosseguir a discussão nesses parâmetros, me limito ao fato de perceber as influências que persistem no tempo, assim presumo admitir que a velhice foi se reconstruindo a partir dessas características, e que os nossos velhos, são novos velhos.

Evidente que não é possível universalizar essas considerações, assim como nenhuma outra velhice foi universal em todas as culturas, ou grupos com composição diversa dentro de uma mesma sociedade, mas algo de uma postura diante da vida é radicalmente mudada com a chegada dessas pessoas, ao que chamamos de velhice.

A alteração de consciência em pessoas velhas é o nosso ponto de partida e de chegada na abordagem dessa questão. A experiência de alteração de consciência por pessoas velhas não é novidade, nas *Leis* de Platão já havia a indicação da ingestão para aliviar as moléstias do envelhecimento, de outro modo, sacerdotes, incluindo os mais velhos, em diversos povos, fazem o recurso à alteração de consciência para seus ofícios, com ou sem ingestão de preparados psicoativos.

Para ajudar a compreender o recurso à alteração de consciência em nossos velhos, é necessário recuperar o que significava em termos gerais essa prática na juventude, do que se

convencionou chamar de “Geração 68”.

No Brasil, as camadas médias que não se engajaram nas veredas do “milagre econômico” e para aqueles segundo os quais a “velha esquerda” já não respondia aos anseios de produção de um novo modo de vida, foram inspirados pelos ventos da contracultura inglesa e estadunidense que, aqui se fazia sentir nos anos 70, assim Edward MacRae (2018) sintetiza o espírito da época nesse grupo:

Na busca de soluções para suas próprias contradições, estudantes e intelectuais voltavam suas preocupações para questões como: o corpo, o erotismo, a subversão de valores e de comportamentos. Buscavam inspiração nos movimentos, já antigos, da contracultura, vindos da Inglaterra e dos Estados Unidos. As discussões passaram a ser feitas em torno de assuntos como o uso de drogas, a psicanálise, o corpo, o rock, os circuitos alternativos, jornais underground, discos piratas, etc. (p.94).

A crítica ao conservadorismo, à dificuldade de assimilar os costumes mais progressistas dos engajados na militância de esquerda e aos assimilados pelos empregos bem remunerados, atestou o peculiar local de onde se posicionava outro grupo, nomeado às vezes como “desbundados”, também contestatórios, mas em outros termos. A tônica da transformação social então transitava, da empreitada da construção coletiva de sociedade para a busca através da transformação pessoal.

Júlio Delmanto (2016) enfatiza que, nos anos da ditadura militar, existiam dois caminhos claros para a juventude crítica àquele momento político. Descreve uma esquerda disciplinada em contraste e conflito com os jovens do desbunde. Se os desbundados eram acusados de alienação e individualismo nocivo, estes por sua vez desconfiavam dos militantes que não acolhiam seus anseios de novas composições comportamentais, especialmente sobre a diversidade de possibilidades de vivências da sexualidade e a concepção do consumo de psicoativos integrado aos elogios à alteração de consciência.

Podemos aqui, começar a introduzir as ideias e relatos de Fauzi Arap (1998) no seu livro autobiográfico, *Mare Nostrum - sonhos, viagens e outros caminhos*, em que perfila, de modo bastante austero e preciso, narrativas que contemplam suas experiências com o LSD e suas repercussões na vida pessoal. Descreveu também a repercussão social dessas experiências com o LSD e junto a seus pares, a partir da década de 60. Podemos ali, conferir a análise que Edward MacRae (2018) desenvolveu sobre os impasses entre esse setor progressista das camadas médias e as práticas contumazes da “velha esquerda”, no seguinte excerto: “[...] a descoberta de um sentido subjacente à vida, muito mais abrangente que qualquer ideologia materialista ou teoria científica” (p.26).

Entre outros recursos, estava a o consumo de psicoativos, uma contestação ao *status quo*, que era marcada por uma tendência de alteração de consciência introspectiva, valorização de um subjetivismo, assumindo a maconha e o LSD, posição de destaque no rol das experiências buscadas. Lembramos aqui do relato de Fauzi Arap (1998), que contempla um exemplo dessa intensidade da introspecção como fruto de sua experiência com LSD e psicanálise, como a seguir:

A descoberta de Deus sempre acaba sendo terrível para a personalidade, que logo percebe que, para ela, esse encontro será o início do fim, ou seja, a morte dela mesma, personalidade. O processo resulta aterrador até porque se vislumbra a contiguidade desse estado com o mundo da loucura, quando se percebe a necessidade de aceitação do vazio como sustentação, e de uma revolução interior permanente, que só pode se apoiar na fé no desconhecido para sua continuação. (p.57)

Veremos mais adiante que dois dos nossos interlocutores vão narrar suas experiências com o LSD, em densidade e intensidade parecidas quando eram mais jovens, porém com nuances diferentes, à medida que o tempo passava. Mas, ambos convergem na concepção elogiosa do LSD como momento inaugural de uma empreitada pessoal, paralelizando com o argumento de Fauzi:

Foi com o uso do LSD, no ano de 1963, que eu vi descortinar-se toda uma realidade paralela que eu estava acostumado a ignorar em meu cotidiano. Antes que pensem em droga, convém lembrar que, naquele momento, o ácido lisérgico estava sendo lançado como uma descoberta revolucionária, e era fornecido gratuitamente a médicos de todo o mundo para que pesquisas fossem feitas na busca de uma definição clara do papel que o novo medicamento poderia desempenhar nos mais variados tratamentos (p.25).

Complementando esse retrato da classe média no Brasil de meados da década de 70, MacRae (2018) descreve que o “poder” era o grande inimigo a ser denunciado, seja em suas manifestações machistas, racistas, ou outras formas, e o grande indicador de sua presença era a supressão, parcial ou total, do prazer individual.

O consumo de psicoativos poderia, então, compor a luta pela subsistência do hedonismo, concebida como caminho para a construção de uma sociedade mais libertária e igualitária, na perspectiva daquele momento. Poderia também servir na busca pela desalienação da ordem do mundo, em parceria com o esoterismo, a valorização das tradições afro-brasileiras, certas formas da psicoterapia, ou a fundação de comunas rurais, como a “aldeia hippie” de Arembepe, por exemplo.

Fauzi Arap (1998) descreve assim essa atmosfera: “A atmosfera *hippie* que nos cercava me animava a ousar, a exemplo do que acontecia pelas ruas, com tantos jovens buscando criar um novo estilo de vida, que conseguisse incorporar uma generosidade e fraternidade tão carentes em nosso mundo”. (p.127) Essa atmosfera repercute ainda hoje. No entanto esses valores sempre parecem difíceis de sustentar e frágeis perante apelos autoritários. O momento atual parece especialmente crítico, em relação à agenda conservadora de costumes, impulsionada pelos dirigentes contemporâneos. Todavia, nossos interlocutores parecem incorporados pela atmosfera mencionada por Arap, tornada corpo em nossos interlocutores, de modo mais claro em uns que noutros.

"Sempre não tive a ideia fixa de que a velhice me traria muito. Em meus jovens anos escrevi em algum lugar: primeiro nós vivemos nossa juventude, em seguida nossa juventude vive em nós. Não sei bem, ainda hoje, o que eu queria dizer com isso outrora. Mas eu tinha realmente medo de não atingir a idade de viver esta experiência; eu o sabia profundamente, uma longa vida, com todas as suas dores, vale ser vivida. Claro, o valor da vida pode nos ficar escondido pelos desgastes sofridos pela nossa carne, nosso espírito (...) do mesmo modo que a juventude mais empreendedora pode se ver entravada em sua felicidade e em seu sucesso, por um fatal concurso de circunstâncias; mas, por além das perdas, a velhice adquire muito mais que a famosa aptidão à serenidade e à lucidez: ela permite que se chegue a uma plenitude mais acabada." "A morte desfaz, assim, a distância entre os amantes, que agora vivem um no outro, sem que o individualismo os separe. A morte não é uma partida, mas uma volta: um retorno do indivíduo àquela união primitiva com as coisas. Por isso não a devemos temer"

Lou Salomé

CAPÍTULO II – NOTAS BIOGRÁFICAS

2.1 Apresentação preliminar dos interlocutores - Brevíssimos apontamentos biográficos sobre os interlocutores

Eduardo – Homem branco, 69 anos de idade, heterossexual, aposentado.

Natural de Salvador, funcionário público aposentado, assim como a esposa. Sua renda atual é acrescida por aquela oriunda de trabalhos como escritor e outras funções do campo editorial. Formado na área de administração, com percurso profissional pelo campo do marketing em empresas públicas e outras instituições. Define-se como uma pessoa de classe média que transitou pela contracultura quando jovem, marcado por interesses daquele momento, desde a dieta macrobiótica até às narrativas transcendentais orientais. Atualmente leva preocupações, como diz, de classe média, com aflições associadas à condição econômica. Compreende que um dos papeis das drogas em sua juventude foi o de ratificar a não pertinência a um mundo “careta”. Tem dois filhos, mora com a companheira e uma filha em um apartamento de bairro de classe média de Salvador-BA. Afirmar haver experimentado diversos psicoativos e que hoje pode ter interesse por LSD, cogumelos, álcool, cocaína e maconha. Não o conhecia antes da realização da pesquisa.

Darcy – Homem branco, 62 anos de idade, heterossexual, desempregado.

Natural de São Paulo, professor universitário sem vínculo de trabalho formal atual, graduado em ciências sociais e com vasto percurso como pesquisador. Já desenvolveu pesquisas com objetos relacionados à questão do consumo de psicoativos. Mora atualmente com a esposa e um filho, em uma casa de condomínio em bairro de classe média alta. A outra filha já casou e mudou de casa. Tem um neto do qual se ocupa em uma parte do tempo da sua rotina, além das atividades do lar. Aprecia e tem interesse por maconha e haxixe e faz uso contumaz de tabaco e, ocasionalmente, álcool. Interagimos além da pesquisa em alguns ambientes profissionais.

Lara – Mulher negra, 60 anos de idade, heterossexual, aposentada.

Natural de São Paulo, funcionária pública aposentada, graduada na área de administração. Mãe de três filhos, tem dois netos. Trabalhou exclusivamente vinculada em instituições universitárias do campo da saúde. Desempenha rotina de cuidados com a sua casa e familiares, que dependem do seu suporte. Mora em casa própria em vizinhança popular, porém inserida em um bairro de classe média de Salvador. Divorciada há bastante tempo, mantém relacionamento de menor exigência com um companheiro. Pessoa de interação muito agradável e com uma extensa rede de amigos. Sua presença é estimada em todos os ambientes que compartilhei com ela. Interagimos, tanto em encontros profissionais quanto pessoais, para além do esforço dessa pesquisa, fazendo parte do meu próprio círculo de amizades. Teve pouca experiência com o uso de psicoativos na juventude, mas atualmente faz uso considerável de tabaco e refere interesse especial pela maconha e pouco apreço por álcool.

Mário – Homem branco, 73 anos de idade, homossexual, aposentado.

Natural de São Paulo, mora em Salvador desde a década de 90. Na adolescência e juventude morou em outros países. Mora com seu companheiro que é mais novo que ele. Trabalha e convive com pessoas de menos idade ainda, devido à sua função como professor universitário. Seu apartamento está localizado em vizinhança de classe média alta e é local de encontro entre seus amigos. Demonstra um perfil acolhedor, que facilita seus pares se agregarem em torno de sua companhia. Compartilho com ele, além da pesquisa, ambiente profissional e algumas ocasiões festivas de amigos em comum. Sua obra tem importante relevância na pesquisa de psicoativos.

Cláudio – Homem branco, 67 anos de idade, bissexual, ainda trabalhando.

Natural de Salvador, mora em um edifício em bairro de classe média. Bissexual, tem três filhos e três netos, hoje se relaciona com um músico, mais jovem que ele. Experimentou diversas variedades de psicoativos durante a vida. Por recomendação médica, manteve suspenso o consumo de psicoativos, durante doze anos, exceto o de tabaco que permanece até hoje. Atualmente, voltou a usar outras substâncias e demonstra predileção por cocaína. Nos encontros sempre estava extrovertido e falante, o que parece ser traço de sua personalidade. Trabalha na área das artes. Conheci-o dentro do contexto da pesquisa, apresentado por outro interlocutor.

Matusalém – Homem branco, 65 anos de idade, ainda trabalhando.

Ao viajar a trabalho fui convidado a me hospedar na sua casa. Por já conhecê-lo e ter sido apresentado por sua companheira, colega de trabalho, me senti muito à vontade para aceitar o convite. Matusalém e sua família convivem em uma casa no bairro Nazaré em Natal – RN, uma casa ampla de três dormitórios. Lá reside com sua companheira, que é professora e é mais nova que ele alguns anos, e um gato conhecido como Lamarca.

Natural de Recife-PE, atualmente reside em Natal – RN, é formado e trabalha como músico, sendo instrumentista de orquestra. Iniciou sua vida artística em um circo e depois prestou concurso público na sua área. Tem filhos e netos e, apesar de não conviver com nenhum, aparenta manter laços afetivos com eles. Assim goza de uma rede, familiar e de amizades, extensa e coesa. Apresenta-se muito espontâneo e sorridente, a maior parte do tempo. Demonstra bastante interesse por música, artes plásticas e discussões políticas de cunho progressista e extremamente libertárias. Consome pouco álcool, mas, por outro lado, mantém consumo diário de maconha, sendo sua casa um ambiente de uso corriqueiro da substância.

2.2 Amigos diante do envelhecimento

Este tópico pretende fazer conhecer melhor os mundos da vida de nossos amigos, a partir dos seus posicionamentos frente ao envelhecimento. Suas falas serão respeitadas, enquanto portadoras de suas verdades dirigidas ao pesquisador, mas serão evocadas por esse texto com o intuito de sustentar a argumentação dissertativa sobre o envelhecimento. Tentamos, contudo, manter o rigor metodológico e princípios éticos na empreitada etnográfica de apresentação dessas queridas pessoas. Apresentarei um interlocutor por vez, encadeando e dialogando com outros quando necessário à análise via interseções, pondo em relevo variações de temas afins.

Na “velhice”, Eduardo deseja estar morando de frente para a praia, ou seja, ainda não se percebe como velho, pelo menos não nos termos em que concebe a sua própria imagem da velhice. A velhice desejada viria em um cenário desejável, no caso a região de Itaparica, como um dos seus referenciais da literatura, João Ubaldo Ribeiro, que viveu ali.

Admite estar assombrado com o número de anos que compõe sua idade, mas espera que aos 70 esteja nos lugares onde João Ubaldo sentou em Itaparica, “*eu acho perfeito para pessoas que atingiram a idade de 70*”. Curiosamente, é o lugar onde passou parte da infância

“a melhor fase da vida” e outras experiências significativas, que usou como temas de suas narrativas literárias.

A sua percepção de envelhecimento passaria pelo que chama de “consciência da falibilidade da idade”. Afirmando não sentir sequelas físicas da idade, complementa: “*minha cabeça está muito boa*”. Mas, ao mesmo tempo revela um sentimento de estar perdendo vitalidade, de não ter acesso mais a prazeres no mesmo grau que antes, de não ter mais o espírito aventureiro.

Sente tristeza com essas perdas e ao ver as pessoas que estão ao seu lado, como sua mulher, envelhecerem e perderem a qualidade física. Sua vaidade parece um pouco abalada na maneira como se refere a uma certa perda de beleza física. Toda essa dinâmica o leva a dizer “sentir que próximo já está a questão do grande confronto, a grande finalização”, concluindo que: “*vejo minha mãe (88 anos de idade) que tem cuidadoras, não quero ter cuidadores, quero ter uma forma digna, sem muitos sintomas de senilidade.*”.

Na década de 70, mantinha uma dieta macrobiótica, valorizava como uma alimentação saudável. Diz ser a boa alimentação a sua principal arma para se manter bem no mundo, “por isso não tenho sequelas físicas”, e orgulha-se de seus indicadores de saúde. Reitera, que um problema com a voz é o que fez perder certa qualidade de vida. Para contornar sua voz trêmula, oriunda não sabe se de uma bronquite ou de causa psicológica, está fazendo terapia bioenergética, Reichiana. Ironizando essa escolha em oposição à psicanálise mais ordinária e demorada, improvisa uma piada: “Eu quis fazer psicanálise, mas eu acho que é até um pouco engraçado... Eu não faço psicanálise, porque eu conversando com essa amiga minha, psicanalista, cheguei à convicção que se eu chegar a me curar não vou precisar mais”.

“Eu não vou ser um velho chato”, assim Eduardo contempla sua ideia e ideal do próprio envelhecimento, apostando na criação artística, na religiosidade e na fruição dos seus prazeres, incluindo sua relação com a natureza. A respeito dessa, destaca de modo bastante peculiar, apesar de não original, a sua prática de plantar árvores de grande porte no seu quintal.

Chama atenção a semelhança àquela máxima inscrita no campo simbólico da nossa sociedade, que repete a necessidade de o homem estabelecer inscrições durante sua vida, notadamente de fazer filhos, plantar árvore e escrever um livro. Podemos compreender que se lançando ao futuro em forma de filhos, árvores ou livros, o sujeito revela laços fortes com sua própria biografia, sua história. Adotar ou intensificar práticas em que sua existência é

ratificada, ou seja, se alongue no tempo, é o que se percebe no envelhecimento de nossos amigos.

Lara diante da questão trazida por nós sobre como se percebe envelhecendo diz: “tenho essa idade, mas não me vejo com essa idade”. Diz que não estaria fazendo nenhuma prática específica para mediar o encontro com o envelhecimento. Mas relata estar sofrendo angústia e horror ao ver o envelhecimento na mãe que mora com ela: a deterioração do corpo, da mente, da pessoa, da personalidade. Assim como Eduardo, reforça o traço de incômodo de ver a velhice encarnando em outro, num ente próximo. Enfatiza o horror diante da necessidade de conviver diariamente com a velhice da mãe. Impactada com as demandas que essa presença lhe traz metaforiza: “eu me senti mofada”. Cabe ressaltar que é a mais nova dentre os interlocutores

Darcy anuncia que uma forma de lidar com o envelhecimento, é ignorando-o na maior parte do tempo. Para ele, é algo que ainda não foi muito bem pensado, que só pode ocorrer com o próprio curso da vivência e ao se deparar com indicadores de senilidade. Nesse aspecto, as falhas de memória lhe parecem um enigma. As associa ao consumo de maconha, mas considera que também podem ser devidas à idade, mas logo em seguida questiona esse indicador como marco de velhice. O que lhe chama atenção como evidência do processo de envelhecimento são modificações corpóreas que chama de “perda de massa muscular”, que seria resultado indisfarçável da passagem do tempo.

Aos 57 anos, começou a utilizar polivitamínico para pessoas com mais de cinquenta anos, não por qualquer razão médica específica, mas para dar algum tratamento aos efeitos do envelhecimento. Adotou essa prática por sugestão da mãe, como modo de prevenção de doenças. Consume também produtos como Omega 3 e Vitamina B12, referindo-se da seguinte forma às propriedades buscada neste produto. “Ômega 3 é pra envelhecimento também, sabe que eu não sei? Conversei com um amigo meu outro dia, ele falava tanto... Tem essa questão do hipertenso... Prevenir doenças coronárias e com a velhice também.” Essa seria uma maneira de se aproximar dos conceitos que circulam entre seus pares, seja mãe ou amigos que, diante do envelhecimento, recorrem a produtos considerados eficientes, mesmo que de uma maneira difusa e pouco específica. Desse modo, a busca pelo enfrentamento do que se passa com o corpo no envelhecimento é tanto abordado pelo recurso aos psicoativos, como por suplementações alimentares específicas a um grupo etário,

Cláudio aos 67 anos de idade se considera “despreocupado” com o envelhecimento, para logo depois dizer que desconfia dessa característica que se atribuiu. Levanta essa

suspeita por supor que essa despreocupação talvez seja uma fuga. Parecendo cômico da inevitabilidade do envelhecimento, se posiciona diante das possibilidades de fruição da vida e destaca:

...quero me divertir, quero curtir, quero me sentir vivo, quero aprender mais, quero ler mais, quero saber mais, quero ser mais participativo na vida política, quero curtir os meus netos e quero me divertir. Quero ter sexo, sabe? Quero ter prazer, uma coisa assim meio hedonista que é da minha personalidade. Então de vez enquanto uma coisa assim bate por conta da proximidade com a finitude, por mais que você não tenha medo da morte, porque eu não sou apavorado com a morte, mas às vezes bate aquela interrogação: E aí?

Deparar-se com o desconhecido do encontro com a própria morte, possibilita em Cláudio a reflexão sobre o que aconteceria depois dessa última etapa do envelhecimento, a morte. Vivencia uma busca por intensidades como algo que o motiva a seguir. Repete por vezes que se cobra por algum “avanço espiritual”. O desejo, manifestado por Cláudio de se implicar em eventos de sua biografia que julga transcendentais, parece denotar a existência de certa necessidade de espiritualização, que se manifesta de formas sutis durante o processo de envelhecimento e que talvez faça parte da própria bagagem cultural dos interlocutores.

Algumas mudanças na sua dieta ordinária estão acontecendo, mas Claudio nega que tenham relação com preocupações mais dirigidas ao envelhecimento saudável, reiterando sua relação “natural” com a gestão do corpo, ou seja, sem rupturas atribuídas ao processo de envelhecer. Articula esse argumento à existência de uma exceção ao “natural”, no manejo do corpo e das preocupações com a velhice, sorrindo afirma: “Hoje em dia só o Viagra, porque é o auxílio luxuoso, nem sempre eu preciso, registre isso”. Ele contrasta a preocupação com o corpo, àquela dispensada ao intelecto. Nesse dilema, enfatiza a primazia das preocupações com o intelecto. Segundo ele, esta era a preocupação principal de sua geração. Observamos também serem perfiladas narrativas de preocupação com a alimentação, sob a anunciada influência da tendência macrobiótica nos anos 70, já apresentada por outros interlocutores.

Figuram até aqui memórias de juventudes definidas por uma preocupação com o desempenho intelectual. Associam-se, secundariamente, os cuidados com o organismo, refletidos em uma expressão de inspiração Zen, mais frequente naquela época do que hoje, *Corpo são, mente sã*. Podemos imaginar, em acordo com Cláudio, que contemporaneamente haja o estímulo de outras preocupações de nutrição e de desempenho para esses corpos. As preocupações atuais com o corpo são bem diversas daquelas da concepção sessentista, que derivavam de um estilo de vida com influências orientais, como no exemplo da macrobiótica.

Em sua velhice Cláudio destaca mais os cuidados com a potência sexual, preocupação com distúrbios do metabolismo e outros quadros clínicos que debilitam sua saúde. Para além dessa alternância das práticas de alimentação e outros cuidados com o corpo durante a vida, nota-se em alguns relatos dele a existência de um mesmo sujeito que habita ou que é habitado por diversos corpos durante o curso de vida. Cada um desses corpos seria gerido por diferentes preocupações e normatizações. Uma interessante questão analítica a ser desenvolvida por outros esforços analíticos que estão fora do escopo dessa dissertação.

Mário, de entrada, já admite uma ruptura com a possibilidade de se identificar como velho e, conforme nos diz, não fala do lugar de um “homem velho”. Parece avançar por uma construção de referência que não passa pelos signos do envelhecimento, embora não os desconsidere, afirmando que “sei que estou velho, mas não me identifico como velho”.

A convivência diária dele com pessoas mais novas proporciona uma via de contraste e comparação que, no seu entendimento, não o torna tão diferente deles em relação a uma velhice que a cronologia lhe conferiria. Atribui sua “juventude” a essa proximidade de jovens. Parece se ver como um jovem que com o passar do tempo precisa de cada vez mais “manutenções”, ou como um adulto que resiste em se tornar velho.

Aconteceu aos cinquenta e quatro anos de idade, o momento percebido por Mário como inaugural de outro modo de se ver. O início da constatação do seu envelhecimento, como marcado por eventos que iam de epifanias oraculares a dores novas no corpo. Começou então a experimentar tratamento ortomolecular antiaging. “No momento eu me sinto mais jovem do que eu me sentia dez anos atrás”.

Para Mário, ser professor universitário promove mais o contato intergeracional, influenciando na maneira como experimenta seu envelhecimento. A posição de mestria, no entanto, considera ignóbil por princípio, o que para ele advém de uma relação com o princípio antiautoritário que lhe seria peculiar. Nutrido no seio de sua implicação com a contracultura de sua geração. Essa posição incidiu na sua trajetória místico/religiosa, ao abdicar de certa posição sacerdotal que ocupou durante alguns anos em uma religião ayahuasqueira, mas que demandava uma postura mais austera e hierárquica. Preferiu as possibilidades, fornecidas por sua carreira acadêmica, de compor com seus alunos relações mais horizontais e de vínculo mais estreito e pessoal. “Eu tenho a impressão que eu sou um professor um pouco diferente de outros professores colegas meus por aí... eu ao contrário desses, eu gosto da minha relação com os alunos, eu faço amizade facilmente com alunos meus, todos muito mais jovens e então tudo isso tem me mantido nessa mentalidade mais jovem, e o que eu quero dizer que eu já fui mais velho do que sou hoje de certa forma”.

Define-se como uma pessoa com perfil antiautoritário, como se fosse algo adquirido em tempos remotos e com uma constância que atravessa o processo de envelhecimento ileso. A contracultura alcançou Mário de modo bastante profundo em uma fase formativa de sua personalidade e ele nos apresenta sua imersão nessa geração, nesses termos:

Eu fui parte dessa geração, eu estava na Inglaterra, eu estava numa universidade que seria uma equivalente, de certa forma, da Unicamp, uma universidade nova, mas altamente prestigiosa, pertinho de Londres, hiper badalada e onde chegavam todas as influências e novidades. Eu entrei em 1965 e fiquei até 1971, e daí foi toda essa coisa antiautoritária que surgiu, antiformal. Quando eu comecei o meu curso eu ia pra escola, eu usava, assim como meus colegas, uma calça de tergal, uma camisa social com gravata e uma jaqueta de tweed, um uniforme, de certa forma. Daí fui para os Estados Unidos, passei uns dois meses, em 1966, no início do Verão do Amor. Lá eu conheci um monte gente que estava participando dessas coisas, lá eu conheci a maconha, lá eu ouvi falar do LSD.

O relato do encontro com pessoas “meio desbundadinhas” nos EEUU, faz Mário se lembrar das mudanças sociais e culturais que ocorriam na Inglaterra durante sua estada naquele país. Pauta um contraste entre a classe media alta de onde advinha, com a juventude inglesa de origem operária. Ressalta o modo como, na época, os jovens que já estavam inseridos no mundo do trabalho estavam em contato maior com o “desbunde”, enquanto seus pares se mantinham vinculados à ideia de ir para a faculdade, mas sem dinheiro próprio, numa posição de austeridade frente a um projeto de vida de longo prazo, marcado por um desejo de progredir socialmente. “Enquanto que os outros tinham dinheiro pra gastar e gastavam em roupa, em moto, em festa, em droga. Foi essa juventude, meio sem futuro que deu origem a toda essa explosão na Inglaterra, que era também uma revolta, justamente por essa falta de futuro.”

A família de Mário era bastante conservadora e inicialmente na universidade essa característica também lhe era atribuída. Mas sentia um fascínio e interesse por esse outro grupo de pessoas que lhe pareciam mais “interessantes”. Na volta dos EEUU, onde sentia que havia passado por uma grande mudança, passou de “caretinha” para “desbundado”, inclusive em seu modo de vestir e no interesse por psicoativos. Conforme comenta: “eu cheguei na Inglaterra já desbundado, assim já de batinha, de sininho no pescoço e andando descalço na rua, daí eu já fumava maconha, tinha o interesse no LSD que logo conheci, e então eu que estava mais pra frente que meus colegas ingleses.”

Soa indissociável a relação da contracultura com os antiautoritarismos, mas principalmente com o interesse por psicoativos. Essa é uma composição já narrada aqui por outros interlocutores nossos, fontes documentais da época, assim como por obras que

descrevem aquele momento como oportuno para as aventuras existenciais, sob a batuta da psicodelia. Cabe ressaltar que nossos interlocutores repetem que nem todos foram bem sucedidos no encontro com as drogas disponíveis, e que alguns de seus amigos se embarçaram com algumas substâncias, tornando-se dependentes, ou sofrendo outros prejuízos associados ao seu consumo elevado. O desbunde, no entanto, não necessariamente equivale ao exagero, podendo ser visto como uma proposição de vida em alternativa ao projeto social hegemônico para a juventude que aderira aos valores do status quo, ou às da “velha esquerda” que Delmanto (2018) descreve em sua tese.

Ser uma “pessoa dessa geração”, para Mário, implica não poder se nomear como um velho, apesar do envelhecimento, denotando um sentimento de incompatibilidade de valores e práticas entre essa geração e os velhos de outra geração. “fiz a minha cabeça nessa época.” arremata.

Assim como Cláudio, desenvolve um interesse atual pela “novíssima geração”, pessoas recém-chegadas à universidade, a exemplo dos “não-binários”, ou os da chamada “geração fervo”. Destaca essa emergência, a partir da percepção de que, após a sua geração, sucederam movimentos que não eram tão abertos e desbundados, como os Yuppies. Relata que até o LSD sumiu por um tempo, reafirmando a importância que o LSD teve em sua trajetória, pela via da psicodelia.

No Brasil, embora se simpatizasse com os ideais dos jovens que aqui se colocavam contra a ditadura, sentia que eram diferentes das suas amigas inglesas, talvez pela própria configuração política encontrada na América Latina, e pela maneira como as condutas individuais eram pautadas pelos ideais de uma militância ainda com ranço stalinista. O que destaca, é que percebe nessa “novíssima geração” traços mais próximos daquilo que viveu com seus contemporâneos de juventude, principalmente os questionamentos sobre sexualidade e experimentação de estados alterados de consciência via psicoativos.

Descreve um familiar de vinte anos de idade, que como parte dessa geração, apresenta uma ruptura comportamental como a sua, relatada acima, enfatizando traços como o costume de pintar as unhas, o uso de saias por homens, uma maior abertura para novas formas de viver, vontade de questionar tudo, pintura do cabelo e o uso de maquiagem. O contato com essas pessoas mais novas se deu a partir do seu trabalho na universidade. Vê-se, então, mais aberto aos comportamentos “fora do comum” desses novos jovens, por perceber semelhanças de sua vivência juvenil. Diante dos contemporâneos mais velhos e dos mais novos, projeta-se no tempo à frente para assim reconhecer sua velhice:

Pra frente eu vejo um projeto de continuar como eu sou, porque eu tenho 73 anos, eu não sou cego às mudanças corpóreas que vem com o passar do tempo e como eu mesmo comentei com você, essas pessoas que são dez anos mais novas que tinham dificuldade de subir as escadas e eu subo e desço numa boa... e então nesse sentido meu projeto é continuar como eu sou, porque uma mudança seria para pior. Ficar mais velho é decrepito e a forma de evitar a decrepitude é me manter aberto, me manter ativo e me manter em contato com gente mais jovem.

Pretende continuar trabalhando o quanto tempo puder, mesmo sem outros ganhos, visando manutenção do seu vigor físico e psíquico.

Diante da provocação a falar sobre seu envelhecimento, um dos nossos amigos opta pelo nome fictício Matusalém, referindo-se ao homem mais longevo na bíblia. Esse interlocutor que na maior parte do tempo está a destilar pensamentos espirituosos e divertidos, expressa sua percepção sobre o próprio envelhecimento nesses termos:

É fatal, a gente mostra no espelho que não é o mesmo e sente no corpo, a medida e o sentido é aceitar-se, a gente vê as mudanças e vê que não é mais assim. O pensamento aqui é aceitar. O sofrer com isso eu tento afastar, a gente sabe como é que é, a gente já comeu mais de dois terços da maçã, tentar se convencer que a passagem por aqui foi bem feito, eu não acredito no outro plano, é se contentar com esse plano.

Acrescenta o que pensa sobre a ideia de morte nesse momento, como um dado, algo inexorável que se desenrola independente e “inevitável, não dá pra ficar pensando nisso sempre porque não tem nada a ver, é o óbvio, e quando você bota isso o tempo todo na cabeça não é legal. O negocio é aceitar, eu estou com 65, então eu vou viver a vida de 65 anos.”.

Não tem mais projetos profissionais em função dos impedimentos legais e de saúde, mas admite que por estar vivo o homem tenha que “criar”. Recusa a ideia de prostração e se engaja com sua companheira, recém-aposentada, no projeto de vender e doar coisas do mobiliário de sua casa para viajar e se estabelecer provisoriamente em outras cidades. “Agora é só curtir, já trabalhei pra cacete, queria trabalhar mais, não fui eu que parei, disseram a mim, você não pode mais”. Assume esse como seu penúltimo projeto, aludindo abertura para mais um novo em algum momento posterior e justifica: “certamente vai ser duradouro porque tem muita coisa pra ver, já vi muito andando, mas tem muito pra se ver e com a nega junto”.

Espero que esses fragmentos biográficos costurados ajudem o leitor a embarcar na imersão no envelhecimento psicoativo de nossos amigos. Dimensionar um pouco as subjetividades entrevistadas por essa costura textual e por esses relatos deve contribuir para observar, no próximo capítulo, as maneiras mais singulares ou concernentes à geração que se relaciona ao consumo de psicoativos.

Distingue-se entre os humanos aqueles que se sentem divididos em um passado e um futuro e aqueles que vivem o presente com cada vez mais densidade, sempre mais plenitude. Os orientais acham natural insistir menos sobre a morte do que se passa, do que sobre a perfeição do que se acaba, como aprofundamento da realidade. Nós, ao contrário, começamos a ver aquilo que nos chega, apenas sob o aspecto sempre mais sinistro da morte - como tudo o que se observa de um olhar exterior, logo mortífero.

Lou Salomé

CAPÍTULO III - OS VELHOS E O OS NOVOS MODOS DE CONSUMO

3.1 Memórias revisitadas: entre o momento atual e os movimentos nas histórias de consumo de psicoativos

Carneiro (2010), ao nos lembrar das recomendações gregas nas *Leis* de Platão, sobre os usos dos efeitos inebriantes do vinho, droga de alcance considerável naquela cultura até os dias atuais, faz pensar sobre a interação desses efeitos com os efeitos da velhice, da “droga” da velhice. “Dionísio ao dar o vinho aos homens, ofereceu-lhes um remédio para suavizar a austeridade da velhice, que rejuvenesce, leva ao esquecimento das tristezas e amolece a dureza de nosso caráter, de maneira que, como o ferro ao fogo, torna-se mais maleável.” (PLATÃO, 1955, apud CARNEIRO, 2010, p. 63).

Partindo do pressuposto de que, durante a vida, não se inicia, intensifica ou muda os padrões de consumo de produtos psicoativos pelo mesmo motivo, faz-se importante notar e discutir o movimento de significados e práticas associados a esse consumo no envelhecimento. Narrar essa dinâmica, com nossos interlocutores, pode ajudar a formar uma compreensão acerca do seu recurso à ingestão desses psicoativos, das agências geracionais e das formas de regulação dessa prática.

As primeiras experiências com psicoativos estão inscritas nas memórias dos interlocutores de modo bastante peculiar, cada produto em cenários sociais e de vida diferentes. As experiências atuais com esses produtos, às vezes, mantêm as intencionalidades e aspectos de valoração de seu início, mas é muito mais frequente que divirjam. Nesse sentido, a consideração desses dois pontos de um mesmo movimento nos permite uma via de compreensão dos próprios interlocutores sobre o processo de controles, que observaram em seu manejo de ingestão durante o curso de suas vidas.

Eduardo, por exemplo, constrói uma narrativa bastante detalhada sobre sua relação com o ácido lisérgico, o LSD 25. Concebe sua interação inicial com esse psicoativo aos vinte e dois anos de idade, como modo de lidar com aquilo que considera consequência de uma criação rígida e que o teria levado a desenvolver certas características individuais, que viriam a ser contornadas pelas suas primeiras experiências com o LSD 25, quando jovem. Estas

experiências configurariam um marco inaugural de contato com novas possibilidades de vida, uma via de acesso a estados de ânimo e de compreensão antes não experimentados.

O uso do LSD 25 estava em pauta naquele momento entre os seus pares. Não era nada específico de sua busca pessoal, mas relacionado às práticas vigentes em meio aos reflexos da contracultura em seu círculo social, assim como a busca por cogumelos mágicos, especialmente o *psilocybe cubensis*.

A disponibilidade da droga, como já apontado por Grund (1993), interfere no modo de regulação e padrões de uso. Eduardo indica que mais recentemente teve acesso a artigos científicos sobre os usos terapêuticos de microdoses dessas substâncias. Todavia, por estar fora dos circuitos de circulação de LSD 25, optou por adquirir cogumelos desidratados via internet, na intenção de usufruir de novos efeitos, diferentes das buscas que tinha quando jovem.

Quando tinha seus 20 anos buscava encontrar os cogumelos em pastos de gado zebuíno, áreas também vasculhadas por outros interessados em encontrar uma “poção mágica”. Como desconheciam qual seria o *cubensis*, ele e outros jovens acabavam experimentando vários tipos de cogumelos, até encontrar a variedade que gerava os efeitos psicodélicos esperados. O “ácido” estava muito caro e difícil de encontrar. Assim, devido à escassez de LSD, eram levados a recorrer à ingestão de cogumelos de paladar desagradável e a correrem os riscos de entrar em propriedades de desconhecidos. Segundo relata, buscava com essa ingestão o desenvolvimento da criatividade, da espontaneidade e, enfatiza os aspectos transcendentais das experiências vividas.

Descreve uma viagem rural, um contexto de compartilhamento das vivências psicodélicas de um momento cultural, somadas a uma empreitada de cunho pessoal de inauguração de um novo estado. Atualmente considera-se como tendo acesso a um “pasto virtual” sem maiores riscos, numa busca mais individualizada, mesmo que em contato com fontes de informação compartilhada no ciberespaço, e pautada pela intenção de contornar algumas dimensões de sua vida pessoal.

Acredita que essa prática poder ser capaz de “desacinzentar” e, por outro lado, de encontrar inspiração para sua escrita, tarefa vinculada ao seu trabalho e à sua inclinação artística como autor de romances e contos. Comenta também que serviria para inspirar um “fluxo literário” de apagamento do Eu que permitiria que seu processo criativo se estabelecesse.

Eduardo conclui dizendo que acredita que seus objetivos ao consumir essas substâncias eram diferentes nos diversos pontos de seu curso de vida. Assim, sobre a sua compra de cogumelos pela internet e o seu fracionamento em microdoses em moedor de café,

afirma que:

...na época era (um modo de uso) um pouco aventureso, de libertação, transcendência e encontro. E agora é transcendência, é libertação, é encontro, mas num grau diferente. Entra outra variável que é... eu chamo... Naquela época eu queria me libertar dos grilhões da criação, assim do superego muito forte, agora, meu superego continua muito forte, mas o objetivo é ter a vida mais agradável, mais inteligente e voltar a escrever. Eu voltaria de qualquer jeito, mas está demorando muito (risos).

A sua instrumentalização do recurso aos psicodélicos aponta na direção da adoção de uma percepção mais individualista e menos influenciada pelo coletivo, do que aquela predominante em sua juventude, vinculada a valores de transcendência. Levaria à observação de uma nova proposição de vida e de entendimento da ordem das coisas no mundo, como marco contestatório daquilo que era “careta”. Observa-se aqui um discurso mais vinculado às possibilidades de usufruir desses efeitos numa imbricação com o discurso da ciência médica de retomada dos usos terapêuticos, outrora abandonados, sob a influência de marcadores de saúde psíquica e de desempenho. Narra assim, os efeitos percebidos e o modo de articula-los à vida com as peculiaridades da velhice:

Um vigésimo (0,25g) de 5 gramas de *Psilocibe cubensis* elevam (suave) a alma, realçam o cenário, dão um plus à afetividade e um brilho geral à percepção, amplitude e duração à música; enriquecem o momento, acendem a loquacidade e a socialização, aguçam o paladar, levantam o astral enfim. Duração de umas quatro a seis horas. Não experimentei mais que esta porção a cada vez. Um amigo tomou dobrado (0,5g) e teve visões, viajou mesmo, em especial misturando com uma erva bem forte da Chapada. Dá para sentir que aguçam a intensidade de uma conversa, de uma relação, com ganhos leves pro intelecto no decorrer. Dão um brilho à vida sem entrar na turbulência de uma viagem full. Acho que é isso.

Fica evidenciado que algumas dimensões, buscadas por ele através da ingestão de psicoativos, como a libertação, transcendência e encontro, se repetem a despeito do passar do tempo e das maneiras novas de vivenciá-las. Mas, é muito clara a maneira idiossincrática com que faz esse uso atualmente, devido às novas significações e práticas de ingestão de psicoativos, pertinentes ao momento atual, quando imperam discursos mais voltados aos seus aspectos individuais e de desempenho.

Tem uma casa na Chapada Diamantina onde escreve, vagueia pelo quintal, etc. Lá também existe um local nomeado por seus amigos como “a pedra da maconha”. Os amigos assim a batizaram, mas sobre isso advertiu-nos “na verdade não estou fumando maconha, não fumo há muito tempo porque não me dei bem, me dei bem foi com o ácido”.

Fumou na década de 70 e 80 e diz que fica um pouco paranoico. No entanto, nos informa que algumas cepas específicas proporcionam muito prazer sensorial, uma “escapadela” em alternativa ao álcool. Não consome muito durante a semana, ou quando está fazendo trabalhos, como Darcy mais adiante vai também comentar nessa mesma direção, mas considera seu uso de álcool como imoderado, como um “defeito”. O consumo de álcool é visto como um hábito de final de semana, mas seu julgamento sobre sua relação com álcool desperta preocupações. Exemplifica com a lembrança de ser abordado ao dirigir sob efeito de álcool, em blitz de alcoolemia.

Comenta que “... a bebida pra mim sempre foi uma saída para a timidez.” Instrumentaliza o álcool, especialmente a Vodka em associação a uma pequena dose de ansiolítico para, por exemplo, se sentir mais loquaz em falas públicas e eventos sociais. Gerencia seu uso de álcool, evitando usar em dias de semana ou quando está trabalhando.

Outro interlocutor, Darcy, revela uma mudança ainda mais acentuada no campo de significados atribuídos ao consumo de outro psicoativo, a maconha, ocorrida desde que iniciou essas práticas até o momento atual. Assim como Eduardo, acredita que essas mudanças de significado seriam absolutamente imbricadas com questões envolvendo idade e de geração. Segundo relata, ele começou a fumar maconha entre os vinte e três e os vinte e quatro anos de idade, por volta do início dos anos setenta. Quando ainda um pouco mais novo, era, entre seus pares, um dos que não usava cannabis, o que, para ele, dificultava um pouco a integração neste grupo nos momentos de consumo. Aos vinte e quatro se depara, de modo fortuito, com um colega que, durante uma viagem, lhe oferece cannabis, em meio a uma fala que insinuava que ele era “careta” e, assim, decide experimentar a substância.

Essa primeira experiência é descrita como desastrosa, pois naquele contexto ocorreu a quebra de um aparelho de som do anfitrião e a queda de uma “bituca” pela janela, o que demandou um processo de busca e recuperação na área social do edifício e uma perturbação vivida como “paranoica”.

Identifica que o seu uso de maconha se tornou mais regular ao ingressar na universidade. Recorro a uma lembrança dele quando diz: “... é com a galera da faculdade que comecei a fumar.” Darcy entende que começou a fumar maconha “velho para os parâmetros atuais”, mas a partir de então passou a fumar junto com os pares da adolescência, que o alijavam anteriormente.

O sentido daquela prática, na leitura atual de Darcy, perpassava por uma relação com a dimensão intelectual. Passou a usar maconha para estudar, entre aulas, para debater temas e, como enfim descreve, para sinalizar uma postura audaciosa e irreverente.

Em versão um pouco diferente da experienciada por Eduardo, Darcy localiza e dá ênfase a uma mudança muito grande, ocorrida com o passar dos anos, em relação aos modos de aquisição, consumo, e atividades associadas ao manejo da ingestão do produto psicoativo que escolheu. Cabe lembrar que atualmente relata uso rotineiro de cannabis e tabaco.

Darcy foi apresentado pelo pai ao álcool e ao tabaco, como primeiros psicoativos acessíveis. Entretanto, não quis usar maconha nos primeiros momentos devido ao temor que se espalhava na época, em relação ao seu consumo e a seus desdobramentos no campo social e político. Lembremos que o consumo de maconha compunha, juntamente com a acusação de subversivo, as duas maneiras mais eficiente de rotulação e perseguição a pessoas perigosas, no período descrito por Gilberto Velho (1999).

Em seu relato, o uso da cannabis hoje aparece como uma medida paliativa, que inicialmente ele preferia chamar de “automedicação”. Tal qual Eduardo, assinala que esse uso tem o propósito de contornar algo do espectro depressivo, pelo qual estaria vivendo nos últimos anos, fazendo analogia a uma muleta.

Aparece então uma questão sobre os modos de legitimação da ingestão desse psicoativo. Inserir argumentos científicos do campo sociocultural e ritualístico ou, principalmente, do campo médico-científico, soa como anteparo ao que Darcy destaca com esse comentário: “Tenho 60 anos e às vezes não aparento ter 60 anos, a não ser as rugas que estão aí aparecendo, mas é demorado o processo e às vezes eu fico querendo me convencer que tem a ver com o fato de eu consumir cannabis, digo quando eles falam dos aspectos positivos, mas olha, no fundo é tudo uma questão das pessoas buscarem uma forma de legalizarem seu direito de usar cannabis.”

Abre aqui, uma discussão interessante diante de “escusas” e argumentos de um ou mais benefícios à saúde, supostamente devidos ao uso da substância, e que ouve nas discussões sobre “maconha medicinal”. Ele, porém, prioriza a questão do direito civil de escolher consumir este produto e assumir as consequências disso para si e terceiros.

O consumo que outrora era de cunho coletivo, passa a ser organizado em outra perspectiva, “hoje não fumo mais socialmente”, verbaliza Darcy. Destaca o caráter mais individual e menos coletivo da sua prática atual, afirmando que, inicialmente, raramente fumava sozinho e que era comum, por exemplo, extrapolar os limites do município onde morava, apenas para fumar maconha com os amigos em meio à natureza, atribuindo a prática características de ócio e cumplicidade. Porém, afirma que atualmente não sente nenhuma disposição para encontrar outras pessoas com finalidade de fumar maconha.

Assim como Eduardo, Darcy demonstra maior interesse por variedades de cannabis

mais condizentes com suas expectativas, quanto aos efeitos do produto psicoativo. O primeiro refere apreço por uma “cepa” específica de uma localidade e cultivada por parentes de amigos, alegando que esta lhe oferece um prazer mais intenso, por ser “mais forte” e precisando de menos “paus” (tragadas), para produzir o efeito buscado. Darcy, por sua vez, admitiu que evita adquirir “variedades baianas” que, cultivadas em nosso solo, seriam todas igualmente ruins. Segundo a sistematização de cepas que elaborou, levando em conta variedades e concentração de fitocannabinóides, classifica a “nossa cannabis” como tendo o efeito de cortar a disposição e dar uma “leseira”. Assim, afirma procurar variedades que aumentem a disposição para atividades.

Em contexto de observação participante, Darcy trouxe consigo para uma viagem certa porção de haxixe e uma variedade colombiana, atualmente profusamente distribuída em Salvador, o *Kusch*. Na ocasião, essas substâncias foram compartilhadas em ambientes de uso mais coletivo, seja em uma caminhada pela praia à noite com colegas, seja antes de entrar em uma festa noturna, festa onde exercitou pela primeira vez a aquisição de bilhete de meia-entrada por causa de sua idade. Manteve interação com o ambiente, conversou de maneira bastante leve com os colegas, de modo apenas um pouco diferente do seu comportamento usual.

Hoje fuma mais que antes, diz. Se estiver em casa fuma, mas se tem uma atividade a cumprir não fuma. Se fica sem atividades de trabalho fora ou com muita atividade em casa fuma mais, caracterizando um uso mais doméstico. Quando faz uso da maconha durante um show, sua prática adquire características mais coletivas. Afirma ainda que ao viajar ao exterior, fica menos preocupado em esconder o seu consumo de cannabis, já que, segundo diz, “em outros países, não é coisa de outro mundo”.

Nesse ponto, encontramos a grande força dos heterocontroles, agenciando os modos de consumo e a atmosfera simbólica que recobre a prática, evidenciando os controles formais e os societários, que no Brasil exercem enorme peso ao consumo de psicoativos ilícitos, como no caso da cannabis de Darcy. Vemos que ele considera a “nóia”, refletindo sobre o mal estar paranoide do uso da maconha, como o efeito do ambiente de brasileiro de hostilidade majoritária ao consumo. Localiza, assim, no olhar de quem está em volta a possibilidade de julgamentos e ou vigilância.

No que diz respeito a seus amigos paulistas de juventude, considera que atualmente fumam menos, porém consomem mais álcool, e compara: “a turma de Salvador faz um uso mais constante [de cannabis], eu ando com uma turma mais jovem (30 a 40 anos de idade), é outra postura ideológica, mais hedonista”.

Anteriormente, segundo discorre, fumar maconha sinalizaria uma maior irreverência

em relação ao Estado, seja de direita ou esquerda, às normas comportamentais socialmente impostas e à cultura estabelecida, como também implicaria numa aproximação aos movimentos de contracultura, discorre. A partir dos anos 1980, a maconha teria passado a ocupar um lugar social semelhante a da cerveja e dizer, “vamos tomar uma cerveja” não seria muito diferente de dizer, “vamos fumar um baseado”, embora ainda continuasse a ser associada a certo estilo de vida.

Em sua juventude Darcy usava diversas substâncias como LSD ou outras injetáveis, como cocaína e anfetaminas, que chama de “estimulantes alemães”. Somente ele e Matusalém relataram o uso de estimulantes injetáveis. Também consumia cogumelos alucinógenos e, em dias em que uma chuva era seguida de sol, ia procurá-los em determinadas regiões rurais perto de São Paulo, costume similar ao de Eduardo no Recôncavo Baiano. Nessas ocasiões, passava o dia buscando e comendo cogumelos para depois dormir. Relata que isso era uma curtição em grupo. Atualmente considera que não tem mais “estrutura” para aguentar viagens de ácido com 12 a 14 horas de duração, como fazia naqueles tempos.

O barato da maconha serve também para espantar sua angústia. Quando fuma fica eufórico, sentindo um estado de relaxamento. Alude a uma estimulação dos neurônios em viagens de criação intelectual e às vezes de trabalho, complementa: “*apesar da nossa ser devagarzinha*”. Nessa expressão, Darcy condensa seu pouco apreço pela qualidade das canabis mais disponíveis na Bahia, em relação aos efeitos que espera ao fumar. Demonstra assim, interesse em categorizar as diferentes canabis referentes aos seus diferentes efeitos. Em relação ao seu uso, enfatizou uma posição que merece ser destacada: a avaliação de que às vezes pode atrapalhar seu trabalho como professor universitário. Sendo assim não consome para dar aulas, mas declara que o consumo traz também um incremento positivo ao trabalho intelectual, de preparação da aula, por exemplo.

Já Lara relata que havia pouca conversa em sua família sobre o consumo de drogas. Reconhecia a tácita reprovação familiar, apesar dos pais serem fumantes de tabaco, e não ver o “vício deles como droga”. Apenas aos vinte e oito anos de idade iniciou o consumo de tabaco, considerando-o ali como uma alternativa de apaziguamento emocional, diante de uma situação grave de saúde de um dos filhos.

Narra seu recurso inicial ao cigarro “Charm”, como uma forma de “fazer alguma coisa enquanto esperava as notícias da cirurgia do meu filho”. Segundo relata: “o cigarro Charm era fraquinho, um tipo de fuga, algo para abrandar a minha ansiedade, apagava um acendia outro, sem tragar, mas aliviava a ansiedade do momento.” Chama atenção a sua referência à suposta baixa potência do cigarro escolhido, de alguma forma vinculada à proposição do marketing do produto, mas também articulada ao dado de “não saber tragar”, técnica que viria a desenvolver anos mais tarde. Porém, admite que, por vezes, sua intenção

era apenas “fazer fumaça”.

Associa a marca do cigarro ao lugar que o hábito de fumar veio ocupar em sua vida no período posterior. Considerando que fumar era charmoso, principalmente para o público feminino, Lara preferia cigarros suaves, fracos e compridos. “Eu cheguei a comprar uma piteira na época”. Uma segunda mudança de sentido atribuído viria depois: “Eu achava ótimo e passou a ser um “vício”, não era mais de vez em quando, eu passei a sentir falta”, o que estabeleceu uma nova forma de se perceber articulada ao produto psicoativo. Então, “o cigarro passou a substituir varias coisas: tristeza, alegria, doce, café, almoçar, foi meu vicio de muitos anos, até ficar grávida de terceira filha em 1995”, aos trinta e seis anos de idade.

Atualmente, Lara ainda fuma cigarro, dos anunciados como “mais fracos”. Intercala períodos de abstinência e retomada, associadas às dificuldades da sua vida pessoal contornadas pela prática de fumar. “Substituí minhas faltas”, solfeja ela. Ao mesmo tempo, existe a racionalização e sentimentos de culpa ao se deparar com o que considera deteriorações de sua saúde pessoal. Doenças como a DPOC, da qual padece a própria mãe, disparam seu temor de continuar fumando, apesar de ainda achar “o máximo” fumar.

Os interlocutores apresentados até aqui, apresentam seu interesse pelos psicoativos como modos de articular algum nível de cuidado, nas maneiras como cada um costuma abordar suas preocupações de saúde e desempenho. Saúde e qualidade de desempenho são, no entanto, conceituações limítrofes, particulares a cada sujeito. Isso dificulta uma análise mais rigorosa. Assim, as narrativas de Lara, Darcy e Eduardo se cruzam aqui também. Observamos que no consumo de psicoativos ocorre concomitantemente o interesse de que haja algum efeito terapêutico, associado ao efeito psicoativo.

Lara em seu curso de vida vai tecendo novos modos de relação com os psicoativos, mas principalmente uma nova maneira de lidar com a alteração de consciência. Quando tinha por volta dos 30 anos de idade incluía-se no rol dos “caretas”, assim como os seus amigos. Mas estes ingeriam álcool e ela não: “pra mim não era presente nem relevante”. Não sabe dizer se eles usavam outros psicoativos ilícitos, mas admite que poderia ocorrer esse uso, classificando-o como “particular”, ou seja, não explícito.

A relação que estabelecia com os estados de alteração de consciência, era atravessada por uma falta de interesse, segundo ela, devido às experiências que ela e seus irmãos tiveram com episódios de embriaguez do seu pai. Nesse sentido, a experiência de alteração de consciência era tomada como um mal em si mesma, visto que a produção de um novo estado

psíquico, no entendimento dela naquela época, só poderia expressar-se como algo muito ruim.

O conhecimento de Lara sobre os psicoativos proviam de uma educação bastante repressiva, em que não se conversava sobre o assunto. Seu conhecimento estava relacionado ao repertório científico ao qual teve acesso nas instituições onde trabalhou, incluindo aí, departamentos universitários de pneumologia, especialidade médica que dispõe de uma maneira própria de pesquisar e orientar sobre os efeitos deletérios do hábito de fumar.

Aos 35 anos de idade, chegou ao estado da Bahia. Diz que, a partir de então, teve acesso a novos conhecimentos sobre a temática, aproximando-se do ambiente acadêmico de pesquisadores dessa área e em instituições voltadas ao tratamento de drogadependência. Enfatiza que, a partir desse novo momento da vida, pôde “desconstruir” a sua bagagem de valores e significados acerca do consumo de psicoativos e fazer laços com pessoas que usavam psicoativos ilícitos. Acredita que essa mudança foi possível devido a seu percurso intelectual nas áreas da socioantropologia do uso de drogas, psicanálise, psicologia, assim como outras áreas que se dirigiam ao problema das drogas, com enfoques diferentes daqueles aos quais havia tido acesso anteriormente.

Atualmente Lara bebe pouco, fuma pouco tabaco, entretanto, é válido ressaltar a grande variabilidade de seu padrão de consumo de tabaco, constatado durante o processo dessa pesquisa. Lara fuma maconha de maneira bastante ocasional, principalmente com familiares de uma ou duas gerações mais novas e com amigos de seu círculo de atuação profissional.

Lara diz ter experimentado maconha pela primeira vez aos quarenta e dois anos de idade, sendo sua a idade de início mais tardia revelada entre todos os interlocutores da pesquisa. Parece ter sido um momento de cunho sexual, embora essa dimensão tenha sido eclipsada, durante o relato. Destacou o uso da “droga”⁷, referindo-se ao baseado que foi oferecido, preparado, e compartilhado pelo namorado. O contexto era um hotel, trazendo uma narrativa que em que diferentes maneiras de qualificar aquele episódio parecem se contrastar. Às vezes destaca aspectos interessantes do estado alterado e outras, o estranhamento aflitivo diante o curso daquele evento, seja a duração ou a “paranoia”.

Chamou-me a atenção no seu relato a maneira como uma sequência de advertências, “antecipações” e orientações de seu namorado conduziu ou ratificavam a sua onda. O namorado a avisava sobre o que iria sentir e que haveria a impressão de que as pessoas a

⁷ Lara, por muitas vezes utilizava o termo “droga” na entrevista, de modo a generalizar com essa palavra, o conjunto de tipos de drogas que conhecia. Em outros momentos, no entanto, tipificava a especificidade de determinados produtos, demonstrando conhecimento de informações mais aprofundadas, derivadas do seu “consumo do conhecimento sobre drogas”.

estariam olhando, embora não estivessem. Também teria confirmado a impressão dela de que a relação sexual deles teria sido “estranha”.

Desse modo, Lara descreve uma cena de um usuário experiente, mesmo sendo quatro anos mais novo que lhe transmitia certa segurança diante do contato com a maconha. Mas conclui que, anos depois, não se sentia mais tão segura quanto na segunda experiência. Não levou em consideração no relato da segunda experimentação que essa conclusão poderia advir, principalmente, por já haver passado pela primeira experiência e seus desdobramentos de aprendizado. Essa segunda experimentação de maconha inaugurou o modo amplamente positivo como ela qualifica sua relação com esse psicoativo. Aos 51 anos viajou para um camping com familiares e amigos; o consumo de maconha era prática conhecida e explícita naquele grupo. Já se sentia à vontade nas cenas de uso, acredita por efeito das aproximações com o estudo do assunto. Quando seu filho avisou que ia pra outro espaço fumar, Lara opta por ir junto e um baseado lhe é oferecido. Comenta: “fumei um baseado inteiro com meu filho”. Descreve o efeito dessa cena como a inauguração de uma vinculação mais positiva com o consumo de maconha. Destaca que sua confiança e admiração pelo filho contribuíram para que a maconha pudesse acompanhá-la em “momentos especiais”.

Atualmente, a maconha lhe parece um produto para momentos que ela julga especiais, observando os contextos, ocasiões que serviriam como um cenário adequado e prazeroso de consumo. Nesse sentido, a maconha está presente em ocasiões como, algumas festas, viagens e passeios. Nesses cenários compartilhados comigo, por exemplo, demonstra sua ligação de amizade comigo e me permite algumas observações, que serão levantadas em capítulo posterior no relato das práticas associadas ao consumo.

Dentro da própria casa, ao passar por uma noite de insônia, Lara foi interpelada por uma neta que lhe indicou a possibilidade de recorrer à maconha como uma “maravilha” no auxílio de dormir. Isso se deu num momento em que estava habituada a consumir, por prescrição médica, um tipo de medicação, da família dos benzodiazepínicos, conhecidos como tranquilizantes ou ansiolíticos. Vale destacar a propriedade desse medicamento de causar dependência, observada amplamente e sinalizada na embalagem por uma tarja preta. Ao aceitar a oferta da neta descreve assim a situação: “Eu dei duas tragadas, uma forte e uma mais ou menos... pô eu desmaiei... eu dormi muito bem, eu sonhei muito bem, foi maravilhoso, eu não vou mentir, eu tenho vontade de fumar todos os dias, eu tenho vontade de substituir o Rivotril. Eu acho que seria uma substituição bem mais saudável”.

Aqui, Lara encontra Darcy e Eduardo, pois, a concepção de cuidado com a saúde é um ponto comum entre esses interlocutores, cabendo, desse modo, uma observação sobre as

práticas de cura e cuidado com o uso de psicoativos. Lara se queixa, por exemplo, de que quando encontrou a dose de Rivotril que a fazia dormir a noite inteira, sentia-se “grogue”⁸. Relatou que fica “meio lesada, mexe até com seu humor, você tem vontade de dormir, o sono não acaba, não estou curtindo a ressaca do Rivotril, a maconha não, você acorda bem”.

Ao longo da história, o ser humano tem consumido produtos e preparados psicoativos, inclusive como modos de cuidar de sua saúde. Superficialmente, poderíamos citar alguns: ayahuasca, camomila, ibogaína, maconha, etc., assim como já destacamos as exigências de cuidado e consumo de coisas para a saúde na velhice. Esses usos têm se estendido até tempos mais atuais. como demonstram, por exemplo, *Uber Coca*, artigo escrito por Freud em 1884 sobre os estatutos medicinais da cocaína, e o consumo medicinal de cannabis entre idosos agora considerados seguros pela medicina (ABUHASIRA et Al 2018). Cabe ressaltar que Raphael Mechoulam, um dos escritores desse artigo, foi quem identificou pela primeira vez o Δ^9 THC, princípio ativo psicoativo da cannabis. Dois extremos de um intervalo temporal, no qual a racionalidade ocidental moderna aponta para a confluência dos efeitos psicoativos e terapêuticos.

O cigarro aparece como o primeiro produto psicoativo consumido por Lara, Darcy e também Cláudio. Aos treze anos de idade Cláudio fez esse consumo, alegando que naquele período não havia informações sobre os malefícios do hábito de fumar cigarro. Lembra ainda, que um adolescente fumar era sinal de desrespeito aos mais velhos e diz: “... isso eu adorava. Desrespeitar os mais velhos, essa parte eu gostava, hoje eu não preciso disso, mas continuo contraventor. Meu pai e minha mãe fumavam. Minha mãe muito menos cigarros, mulher não fumava na rua naquela época, assim, mulher não devia fumar, então minha mãe pedia pra comprar um cigarro no armazém e dizia assim: se perguntarem diga que é para o seu pai”.

Nesse contexto, podemos observar a ligação estreita do consumo da substância com o ambiente doméstico e suas relações familiares. A iniciação, mesmo que implicasse no roubo de cigarros do pai para si e um amigo, era mergulhado no contexto familiar, com seu peculiar modo de circulação da droga. É importante destacar nesse caso, as prescrições, proscricões, valores relativos a gênero e recorte etário que, de alguma forma, normatizavam essa ingestão, assim como as maneiras peculiares de apropriação, seja pela via contestação, ou pela assimilação. “O cigarro passou a ser um crachá de macho, de machinho. Ia para uma festa com o cigarro no bolso, ia tipo ‘galo empolado’, sabe como é? Acendia o cigarro, tirava onda com o isqueiro Zipo, que era um charme da porra. Você ia pro cinema onde todo mundo

⁸ Descreve com esse termo, muito utilizado na linguagem informal, a sensação de mal-estar, de desequilíbrio, ou seja, um estado alterado, visto como não desejável e incômodo.

fumava nos filmes... Assim foi o cigarro, e daí nunca consegui me desvencilhar dele, nunca mais, nem tentei, nunca tinha tentado até dois anos atrás”.

Cláudio comentou que, após adoecimento hepático, ficou doze anos se tratando, com obrigação de manter abstinência alcoólica. A partir dessa memória, começa a enlaçar a juventude e seu momento atual de vida em relação ao consumo de psicoativos. Julga nunca ter sido dependente de psicoativos e nega que tenha sofrido prejuízos de cunho profissional ou familiar. Identificava seu uso como “de final de semana”, expressão usual que demarca a frequência associada à ausência de algumas tarefas e demandas da rotina. Já era pai na época e somava a isso a preocupação em não consumir psicoativos aos domingos, procurando resguardar seu desempenho no trabalho. “O fato de eu ter sido pai muito jovem... Aos 22 anos tive meu primeiro filho, contribuiu pra isso, para essa responsabilidade. Eu, por exemplo, não gostava de chegar em casa e encontrar eles acordados, é muito comum pro cheirador fazer virote, até hoje eu tenho isso, essa agonia de o dia amanhecer e eu estar na cama. Essa mania que eu adquiri.”

Observa-se assim, a maneira como o autocontrole do consumo se estabelece com o desenvolvimento de outros comportamentos também atrelados a valores morais. No caso, o valor referido é o constrangimento sentido pelo fato de seus filhos encontrarem com o pai em casa todas as manhãs, “meio travadinho e fingindo dormir”. Destacou o caráter inegociável dessa conduta, independente da intensidade que devotou ao consumo na noite anterior. De maneira similar, uma amiga sua também considera impossível conciliar a gestão do cuidado dos filhos com a manutenção do consumo de psicoativos do mesmo modo que fazia em tempos anteriores à maternidade.

Cláudio voltou ao consumo depois de doze anos. Ao falar sobre suas reflexões acerca desse assunto parece ambivalente. Afirma que retornou ao mesmo padrão de consumo que estava, no que expressa certa frustração, pois acredita que alguma mudança deveria ter ocorrido no seu consumo. Mas, por outro lado, se pergunta se esse período de abstinência não teria sido proveitoso, ao ajudar na preservação de sua saúde e segurança.

O que se repete para ele é o ritual dos finais de semana, de percorrer um caminho de procura por fornecedores de pó e pela qualidade da cocaína disponível. “Um começa a ligar pro outro: - Quem tem? Quem salva?”. As redes de usuários e seus fornecedores são então ativadas, à medida que sua vontade de ter o produto ou sustentar o ritual se torna mais aguda.

Em contrapartida, esse movimento de retomar o consumo, possibilitou, para Cláudio, o estabelecimento de vínculos com pessoas mais jovens e muito elogiadas por ele. Aponta valores como a diversidade, exemplificando pelas de gênero. “Esse retorno me levou para essa turma, que é superinteressante, não só pela questão do transgênero, de sexualidade, mas

de cabeça, de pessoas que tem cabeça aberta”. Nesse momento, sua amiga o interpela durante a entrevista “os véio estão tudo quieto, chatos, aquele que era o metido tá mais metido, mais convicto.” Os dois concordam que a convivência com os próprios filhos também os leva a pensar sobre seus preconceitos a partir da perspectiva de outra geração e, desse modo, assimilar algumas de suas práticas e valores.

A intensificação da intergeracionalidade e suas negociações parecem uma dimensão relevante, no contexto do consumo de psicoativos durante o envelhecimento. Por outro lado, é inegável a valorização da juventude em sua beleza e vitalidade, os quais cercam alguns dos relatos de nossos interlocutores.

Cláudio não demonstra apreço especial por consumir canabis, porém lembra-se de como ela era considerada “a droga do movimento hippie”, com o qual se identificava aos dezessete anos de idade, quando da sua primeira experiência com a substância. Afirma que naquele momento não percebeu efeito e comentou ironicamente “hum... deve ser palha”. Essa experiência compôs para ele um cenário de transição de uma posição originalmente atrelada ao movimento estudantil, para a de um anarquista identificado com o movimento hippie. Transição essa, que não ocorreu sem atritos com os amigos do movimento estudantil em relação ao “desbunde”. Como disse sua amiga em uma de nossas conversas: “Eu não queria ser torturada de forma alguma, preferia ser porra louca”.

Essa disjunção de dois dos diversos campos de identificação naquela geração é bem analisada por Delmanto (2018). O consumo de psicoativos é uma prática que, mesmo inserida em uma mesma geração, tem agenciamentos sempre complexos. Os valores e significados estão sobremaneira articulados ao ethos de cada grupo. Mesmo que na realidade pudesse ocorrer a prática da alteração de consciência entre os militantes do movimento estudantil, o campo simbólico desse consumo era diferente daquele envolvendo os participantes do movimento hippie.

Claudio relata detalhadamente suas lembranças da primeira vez que percebeu os efeitos da maconha. Lembra-se das pessoas com quem esteve e até pormenores da edificação onde ocorreu. A inexperiência, no entanto, teria sido pra ele o motivo do exagero naquele momento, quando diz que “perdeu as pernas”, aludindo ao efeito desconfortável percebido. Porém, a experiência seguinte foi relatada de maneira muito mais positiva que a primeira, destacando as histórias de crises de riso e os passeios com os amigos. Seu padrão de consumo é relatado em uma hipérbole interessante quando, por exemplo, calcula seu consumo em toneladas, acrescentando sua preferência naquele momento pelo baseado fumado em jejum, “porque batia mais forte”. Esse padrão de consumo foi variando de acordo com

acontecimentos contingenciais da vida, como adoecimentos e o encontro com seu produto psicoativo de predileção, a cocaína ou o primeiro casamento com uma mulher que também gostava muito de canabis.

O consumo de maconha fumada se tornou raro em sua vida, e com dosagens muito baixas, “com dois paus eu já estou muito doido”. Atualmente, relata preferência pela ingestão de produtos alimentícios canábicos devido à diferença do “barato”, descrevendo semelhanças na forma do barato de LSD, como a imprevisibilidade do início dos efeitos.

Para ele, o consumo de maconha recuou quando conheceu a cocaína. Supõe que conheceu um dos primeiros passadores de cocaína de Salvador, um vizinho de bairro, e com ele experimentou a substância pela primeira vez, aos 24 anos de idade, aproximadamente. Iniciou seu consumo de cocaína com a primeira esposa, na maioria das vezes em casa. Depois da quinta ou sexta vez, quando não identificava mais a intensidade de efeito esperada, optou por “botar nos canos”, aludindo ao uso injetável de cocaína. Relata também seu contágio pelo vírus, causador da hepatite C e supõe que se contaminou nesse período, embora só descobrisse a infecção muito tempo depois.

A descrição do barato advindo da nova forma de administrar a cocaína ganha características de orgasmo, supondo semelhança à morfina, “dava uma felicidade assim, de se entregar”. O sentido dessa prática perdurou pouco, um estranhamento vagamente definido fez repensar o hábito de se injetar cocaína. Em seguida, abandonou esse consumo, retomando-o apenas quando mais velho, na modalidade aspirada.

Ele deixou um plástico grande, se eu soubesse tratar, se eu tivesse a prática que tenho hoje dava mais de cinco gramas... eu tirei com gilete, ficou um potão assim e eu queria tomar nos cano. Eu fui na farmácia, comprei uma seringa, comprei um negocio de amarrar, me garpiei, me preparei, mas não conseguia achar a veia. Fui me furando, me furando, aí deu um, uma luz que disse: ‘que porra é essa que você tá fazendo?’ Aí eu peguei a cocaína, a seringa, era um mato que tinha da janela da sala pra baixo e eu [Ahhhh!], piquei tudo fora. E de lá levou anos para a cocaína reaparecer na minha vida, uns três ou quatro anos, por sorte... Quando apareceu [cocaína], graças a Deus, não tive mais vontade nenhuma de botar nos cano, senti uns dias uma coceira, um tesão nas veias, sabe? Fica assim coçando, querendo, pedindo... Nunca mais quis. Aí aprendi a cheirar.

Cláudio acredita que os eventos que promoveram interrupções em seu consumo de psicoativos foram importantes para que não sofresse mais problemas com ele e para que levasse em consideração o risco de morte.

A via aspirada foi se consolidando como a sua predileta. Desde então, a associa à curtidão do barato, principalmente em festas. Em seu relato, sua fala entusiasmada e veloz performava como se tentasse transmitir algo do efeito da cocaína, como exemplo o emprego

da onomatopeia “pá, pá, pá, pá”. O cenário do próprio modo de relatar foi o responsável por um esforço de interlocução. Senti-me convidado a embarcar na compreensão acerca do ritmo acelerado, próprio àquelas cenas, guiado por Cláudio e suas memórias.

Esse uso inicialmente marcado pela grande intensidade foi se transformando em algo habitual, cotidiano. Claudio o descreve como repetitivo, nas companhias, nos locais de consumo e nos assuntos abordados. Disse acreditar que essa mudança produziu certa insatisfação em alguns integrantes do grupo, mas não nele. Quando casou pela segunda vez, intensificou seu consumo, associando essa ocorrência ao fato de sua nova companheira gostar muito de cocaína. Refere-se a ela ironicamente sob risos como “cheiradora descarada”. No momento atual seu consumo de cocaína ocorre aos finais de semana.

Preocupa-se por sentir uma “fissura” maior pelo pó nos últimos três anos. Diz que os amigos o veem como alguém que, até pela idade que tem, deveria ter um consumo mais consciente, apelidando-o de “vovô da rave”. Revela-se como uma autoridade austera que se estabelece em contraste com a postura menos contida desses amigos, mais novos, que experimentam diversos tipos de psicoativos numa mesma festa. Por fim, pensa que essa preocupação é fruto de estar atento ao seu “hedonismo concessivo demais”.

Atualmente vive em um relacionamento com um músico. Passou, a partir disso, a se interessar pelo estilo de música eletrônica, destacando o efeito lisérgico da própria música. Reconhece a ocorrência do alto consumo de drogas sintéticas nesse contexto, mas pensa que não seria necessária essa associação pelo barato da própria música. Nesse momento de sua fala desliza entre negar um consumo de LSD e MDMA, para logo depois refletir sobre o seu consumo atual de MDMA. O seu interesse por essa substância nos é revelado nos seguintes termos: “Tem uma que eu me interessou, que é o ‘MD’ [MDMA], que é a substância do Ecstasy, em mim ele é uma coisa bem leve, só dá bem-estar, dá um gostar de todo mundo assim, sabe? Não necessariamente sexual, mas pra trepar é uma delícia. Mas, não... Você ama sua amiga, é todo mundo amoroso, uma sensação gostosa, uma sensação de bem-estar”.

O “doce” e a “bala”, nomenclaturas um tanto pueris utilizadas pelos consumidores ao se referirem a essas substâncias, se associam nessa perspectiva ao ambiente de interação social intensa.

Cláudio se percebe preocupado com o uso de medicações prescritas pelo seu psiquiatra, principalmente na relação que sempre estabeleceu entre o recurso aos benzodiazepínicos, após o consumo intenso de cocaína. “Toma uma pra acender e outra pra apagar”. Consome o antidepressivo desde o início do tratamento de hepatite C, por causa dos efeitos depressores das medicações associadas ao tratamento. Continua usando e pensa que

está se dando bem. Usualmente administra 1/4 de Diazepan antes de dormir, avaliando que este seja um bom uso, cujo efeito reparador do sono identifica como positivo. Considera que a ingestão de substâncias da família dos benzodiazepínicos, que anteriormente era realizado para conter o efeito da cocaína após os eventos de consumo, passa hoje a ser uma medida apropriada à sua idade. Entretanto essa medida o remete a uma reflexão sobre a necessidade desse consumo. Cabe lembrar que, assim como Lara, percebe o seu modo de consumo de remédios da família dos benzodiazepínicos como perturbador. Lara planejava recorrer à maconha para ajudar no sono, apontando para a vontade de poder substituir a medicação por maconha.

Chamaremos de Antonia a amiga que conheci através de Cláudio. Ela estava presente em uma de nossas conversas, tem sessenta e sete anos de idade e traçou uma comparação onde afirmava que durante a juventude fazia um consumo alto de psicoativos, mas indica que isso ficou circunscrito àquele período.

Eu não posso falar nada de droga, porque como eu não fui drogada muito. Eu fui drogada naquela época e depois parei naturalmente. Bebia muito, mas como fui mãe velha [por volta dos quarenta anos de idade], veio meu primeiro filho e disse eu não posso beber... [desse mesmo modo]... [Hoje], bebo pouquíssimo, tudo meu de droga é pouco, porque eu adoro cerveja, adoro bebida, amo, mas, agora, por exemplo, para dirigir... como vou dirigir? Tem esse pequeno problema. Adoro beber, mas bebo pouquíssimo.

Vemos ocorrer aí um movimento de reposicionamento na relação com os produtos psicoativos, derivado de novos arranjos familiares e de novas leis, como a intensificação da fiscalização de leis de trânsito sobre o consumo de álcool. Percebe-se também, uma preocupação sobre a dosagem. Embora administre dosagens pequenas para si, ainda enfatiza o apreço que tem por consumir bebidas alcoólicas.

“Teve muita gente lá da década de 70 que pirou... lembro de um bocado de gente que pirou, eu tinha medo. Na nossa turma ninguém ficou careta, cada um foi pra um lado, mas ninguém é caretão. Olhe eu sou da seguinte opinião, você é novo, você vai ser isso pro resto da vida. Com a idade, as características que você tem são intensificadas”.

Essa parece uma das maneiras em que essa geração procura deixar evidente, ao longo do curso de suas vidas, a continuidade de certos caracteres prezados, frente aos desdobramentos do envelhecimento. Ao se manterem ligados às suas características da juventude, para os membros dessa geração, apenas o corpo e algumas poucas mudanças sociais, contingenciais à cronologização da vida, servem como sinalizadores do

envelhecimento. O que nos leva a pensar que, ao manterem o consumo de psicoativos, também se mantêm jovens em seus signos e performances.

É possível pensar, que não apenas a prática do consumo de psicoativos, mas as narrativas que favorecem a ligação mnemônica com traços do passado da juventude de cada um, ou o cultivo de traços atribuídos à juventude contemporânea, servem para que usufruam do sentimento de juventude durante o envelhecimento. Na vida de Mário, percebemos uma ênfase no seu posicionamento antiautoritário constante. Isso o liga ao passado quando lembra, por exemplo, que liderou uma greve no colégio interno que estudava em outro país e ao presente, na maneira como se relaciona com seus alunos universitários. Também reconfigurou sua pertinência a uma instituição religiosa, na qual desempenhava papel de importância litúrgica que exigiria cobranças de conduta e valores que não estava disposto a fazer.

Para descrever os movimentos de sua prática de consumo de psicoativos, ele menciona a regularidade de seu consumo de maconha e haxixe mantida desde o ano de 1966, quando foi alcançado pelos miasmas da contracultura nos EEUU. No eixo da ebulição do *Verão do Amor*, com consequências que imagina perdurar até hoje, “fiz minha cabeça naquele período”, garante. Percebe esse uso regular desses psicoativos como um hábito dos mais triviais que, além de lhe proporcionar alguns insights mais significativos, tem servido até a atualidade para trazer “um brilho”. Refere-se, assim, à sutileza da alteração percebida e à ausência de um papel mais significativo para esse uso, apesar da sua regularidade. Antes de estabelecer residência no Brasil, Mário costumava usar haxixe misturado com tabaco, mas diante da escassez de haxixe no Brasil, passou a usar a flor da maconha na mistura e afirma que até o momento continua a fumar um pouco, antes de dormir.

O que Mário define como uma diminuição atual no seu interesse pela maconha é relacionado à sua satisfação com um efeito menos intenso no presente. Relata que seu consumo depende mais de haver pessoas próximas realizando essa prática. Nesse contexto, o uso continua sendo diário, visto conviver com pessoas que tem no consumo de maconha uma prática bem estabelecida, assim como dispor de uma facilidade de contato com fornecedores e amigos usuários. Vale salientar que esses seus amigos são pessoas várias décadas mais novas do que ele. Em contrapartida, avalia que influenciou seus irmãos, todos mais novos, para que também se tornassem usuários de maconha.

Em contraste a atual naturalidade com a qual lida acerca do consumo de maconha, relata como seu hábito foi descoberto pela família na década de 70, no caso por sua mãe, quando foi preso ao comprar a substância. Contou então como o apoio de sua mãe que articulou a sua soltura. Mesmo assim o assunto logo voltou a ser ignorado na pauta familiar.

Interessante assinalar como a trajetória acadêmica de Mário mudou em meados dos anos 80. Opta por estudar os consumos de psicoativos como uma prática que dependeria mais dos contextos, que das já conhecidas particularidades químicas das substâncias. Abdicou de conceituações do consumo como desviante ou de recorrer às ideias de perfil doentio do usuário. Produzindo, assim, via estudos sobre os consumos de psicoativos, especialmente de maconha, um novo ponto de vista na academia e nas políticas públicas.

Evoco aqui a narrativa de Mário sobre como chegou a ter interesse em fazer e divulgar pesquisas na área do consumo de maconha, no momento posterior à sua militância social e acadêmica em outra área. Considera que o ímpeto que o orientava em sua maneira de abordar esse tema viria do seu desejo de denunciar hipocrisias. Nesse caso, adotou a via da apresentação do consumo de maconha de maneira mais objetiva, ou seja, sem recorrer ao assombro ou ao medo, e apostando na compreensão do consumo a partir da afirmação de valores como a autonomia e a autodeterminação das pessoas.

Essa derivação ocorreu na última metade da década de 80, em São Paulo, ao encontrar pessoas de notória contribuição ao campo de estudos sobre drogas e se vincular a serviços especialista nas áreas de redução de danos, cuidado e prevenção ao uso indevido de psicoativos. “eu usava maconha e achava um absurdo que era proibido e eu, honestamente, fui o primeiro antiproibicionista nesses meios que hoje em dia... Era raro que pessoas se declarassem antiproibicionistas, não pegava bem e ainda soa estranho para algumas pessoas.”

Fala da epifania recente que teve com o uso de cogumelos há quatro anos. Diz que esse psicoativo vem se tornando o mais significativo no seu cardápio. Ao relatar os momentos de consumo com amigos e companheiro, ele enfatiza o teor de densidade que a experiência deveria ter, dizendo buscar experiências com “coisas fortes”. Assim, seu recurso à alteração de consciência se associaria mais com a vontade de obter insights e revelações, do que um interesse pelas próprias mudanças na sua sensopercepção, ou pelo hedonismo mais sensorial. Demanda certa “seriedade e não só ficar fritando como esses jovens de hoje”, e até articula modos de apresentar a um familiar esse modo mais aprofundado e menos hedonista, que poderia servir de proteção contra formas de consumo mais prejudiciais. “Recentemente eu tive essa epifania, que de alguma forma as coisas que eu tinha feito, eu tinha feito um monte de coisa, mas estava tudo muito solto, então daí que eu tinha que amarrar.”

O status ilícito do uso de certos psicoativos não desfaz a importância dessas substâncias e nem a importância do papel da alteração de consciência enquanto meio e fim legítimos no campo do desenvolvimento pessoal. Dessa forma, podemos de maneira segura relacionar seu modo de encarar a alteração de consciência ao modo descrito por Arap (1998),

segundo o qual

Se as drogas, enquanto vícios, são um mal, o anseio que leva a elas não o é. É claro que não me refiro ao escapismo possível, mas ao desejo legítimo de querer livrar-se da esfera do que é apenas familiar. A vocação para o desconhecido é vocação religiosa, Deus é inteiramente desconhecido, e aí se encontra o paradoxo. Não me refiro a drogas pesadas, mas existem as que, como o LSD, parecem trazer consigo, suas células, uma sabedoria e uma ética intrínsecas, que fazem delas um atalho para o Absoluto. (p.253)

Mário lançou recentemente um livro sobre o tema e refaz outros dois. Essas retomadas e realizações de projetos revelam a intenção de Mário de buscar uma melhor “amarração”, na interseção do envelhecimento e do efeito epifânico do cogumelo em sua história de vida. “Eu me sinto jovem, mas eu sei que eu tenho 73 anos, não sou um idiota, eu sei que se eu tiver sorte talvez eu viva até os oitenta assim como estou agora. Meu pai morreu com 73, minha avó com 76, meu avô com 78 e a minha mãe com 92, mas eu penso que, se eu tiver sorte vou viver até 80 anos numa boa, depois eu não sei o que o que acontece.”

Destaca o seguinte: “Eu nunca tive um interesse pessoal em drogas injetáveis, nem cocaína inalada, muito menos botar uma coisa no meu corpo, “nos meus canos.” Mário sustenta certa repugnância com a cocaína, até considera que o efeito agudo é percebido como positivo em termos gerais, mas não compensaria o estado depressivo resultante que sofre no dia seguinte. Por outro lado, sobre a maconha traz outras referências: “Ela [a maconha] me dava outra forma de ver o mundo, muito menos rígida, muito mais possibilidades e de um reconhecimento da importância dessa subjetividade, desse mundo interior que a gente tem... esse mundo da alteração da consciência.” Isso parece reforçar a tese sobre o incremento do subjetivismo individualista da contracultura e o desenvolvimento, via práticas de alteração de consciência, de um novo indivíduo.

Para Mário as origens do lugar privilegiado dado à alteração da consciência, em sua vida, se relacionam com as suas experiências escolares. Indica que uma educação antroposófica influenciou seu particular interesse por assuntos místicos e densos. Recentemente, no entanto, o uso de maconha está afastado desse espectro de efeitos densos e de profundidade, sendo concebido por ele como um hábito mais banal e de menor intensidade. Reflete que:

Neste momento eu [uso] cada vez menos [maconha]. Durante muito tempo, na Inglaterra a gente não fumava maconha, a gente fumava haxixe misturado com tabaco. O principal efeito que isso tinha em mim era dar sono, então eu comecei a usar muito isso antes de dormir, daí eu comecei a sentir que eu não conseguia

dormir se não fumasse um baseado. Quando vim pra cá [Brasil] não tinha haxixe, então eu misturava maconha com tabaco... Durante muito tempo, anos, anos e anos eu sempre no mínimo fumava um antes de dormir e durante o dia pra ir a festas, sair na rua, ela sempre me dava um ‘brilhosinho’.

Há mais de dez anos vem percebendo seu uso regulado por via de um parceiro de trabalho que tem no consumo de maconha um traço bastante central e frequente em sua vida cotidiana. Quando tem vontade, articula seu consumo ao momento quando esse amigo está usando, compartilhando baseados. Mas, assim como já nos contou Darcy, deixa claro que esse uso menos frequente é visto pelo prisma de reconhecer que outras atividades, como escrever ou dar aula, não se beneficiam do estado provocado pelo efeito do consumo de maconha. Acha que o uso da maconha o desfoca. Esse parceiro de trabalho e outros amigos são aqueles que articulam sua aquisição de maconha na rede de distribuidores de Salvador. Os cogumelos são solicitados via internet como no caso de Eduardo, mas percebe como esse círculo é pequeno, já que soube que o distribuidor já o conhecia ou pelo menos ouvira falar dele.

Mário já participou de diversas atividades ritualizadas envolvendo modalidades de alteração de consciência, algumas de natureza neoxamânica, seja na floresta seja na zona urbana. Nesses rituais são utilizadas ayahuasca, como também outras plantas e preparados. Descreve rituais diversos que envolviam tentativas da parte dos participantes de contornar problemas diversos, como drogadependência e depressão, ou acessar estados de consciência alternativos. Complementa a narrativa de seu apreço por certos estados alterados de consciência: “eu adoro, eu tive experiências epifânicas, o último momento foi no último mês em São Paulo...”. “Eu gosto de coisas fortes, eu gosto de sentir as coisas”. Relatou uma dessas cenas de efeitos fortes, vivida com seu companheiro e amigos:

A gente ia tomar tudo junto aqui [em casa]... pegou um monte de cogumelo e bateu no liquidificador com maracujá e tem uma dose para quatro pessoas, eu acho que maracujá é uma bobagem, tem uma historia que alguns índios usam jurema com um tipo de maracujá pela enzima IMAO, eu acho que não tem nada a ver com cogumelo, mas tem que bater com alguma coisa, tem que ter um líquido para tomar, daí a gente então tomou com maracujá.

Um dos amigos saiu mais cedo para visitar uma pessoa acidentada e tomou só um pouco, seu companheiro decidiu não tomar muito, restando bastante para si e seu amigo. Relata então ter tido uma experiência de morte, com repercussão subjetiva importante por esse exagero, comparando-a até aos relatos biográficos que julgava pretensioso do bruxo Aliester Crowley. Lembra que conteve esses efeitos adversos pelo recurso a mantras pessoais e indianos.

Eu vi que os mortos e os vivos não têm muita diferença. Uma viagem muito para a questão da morte, uma espécie de conhecimento da morte, coisas que com o daime já tinha tido, a morte do ego, mas, eu realmente, sem querer ser um ego inflado... eu entendi o que seria essa história de auto iniciação. Eu senti que eu tive uma iniciação mesmo nessa história de vida e morte, uma compreensão muito, muito forte, foi muito importante pra mim.

Os efeitos de alteração do modo de sentir o mundo das coisas, a partir da vivência de alteração de consciência, sob o consumo de psicoativos, é muito importante tanto para Mário quanto para Eduardo. Um evento que possibilitou a construção consistente de uma narrativa sobre si, nesses dois sujeitos ao longo do tempo.

Mário revela também sobre a maconha que: “pra mim hoje em dia é meio banal, embora eu tenha tido algumas revelações”. Assim, recorre à comparação da maconha com outras drogas de sua predileção em relação ao fator “força” e de “revelação”.

Comentou que numa época encomendou um vaporizador bastante sofisticado e eficiente o Volcano. A primeira vez que teve contato foi com uma pessoa no Daime que tinha. Acrescentou que gostou do efeito, julgando ele mais forte, no entanto, admite que o ritual do “baseado” é muito importante, este o modo de preparo preferido e mais recorrente.

A partir daí relata os benefícios à saúde inclusive de um vaporizador de óleo concentrado de cannabis, raramente os usando devido à percepção da importância do ritual:

Essas coisinhas são novidades interessantes, mas sempre no fim acabo voltando ao ritual de enrolar, de compartilhar. Durante muito tempo eu gostava de usar o papel colomy, porque eu sentia se eu usasse essas outras cedinhas o meu cuspe deixava meio molhado, meio desmilinguido demais, o colomy era mais durinho. Eu quando estava na Inglaterra e usava haxixe, as pessoas usavam cigarro de tabaco com haxixe e uma piteira, quando eu voltei para o Brasil eu fazia esse meu cigarrinho à noite, como não tinha haxixe eu fazia com maconha, mas fazia como eu fazia na Inglaterra com tabaco e uma piteirinha e quando eu ia fumar maconha pura também punha uma piteirinha. As pessoas elas são conservadoras, mais de uma vez eu tive a experiência de pessoas pegarem e tirarem a piteira, incomodava e ninguém usava e daí hoje em dia já virou moda.

Outra empresa subjetiva, a meditação o acompanha desde a época do ingresso na profissão de professor universitário, em 1994. Lembra que começou tal prática seis anos após iniciar o consumo regular do Daime, mas enfatiza que a importância da meditação para sua trajetória é tão importante que mantém até hoje.

Atualmente só consome o Daime na floresta, e o efeito esperado é de aprendizado, de estar atento às provisões divinas, enquanto a meditação proporia a não captação de seus pensamentos, supõe ambas como antagônicas, preferindo a meditação. A exceção seria sua

predileção pelos efeitos visionários do cogumelo.

O que realmente o interessou na vertente do Daime do padrinho Sebastião, em sua articulação com os Híppies, foi a trajetória da incorporação da cannabis na cosmogonia daquele grupo. Observou o dinamismo de uma tradição quando uma nova planta, com novas utilidades, foi incorporada aos rituais e então a cannabis passou a ser concebida pelo nome de Santa Maria, princípio feminino em contraste ao princípio masculino da ayahuasca. A ela era reservado o lugar de algo de cunho acalentador e maternal.

Relata como na década de 80 havia lido uma reportagem sobre a queima de uma plantação de Santa Maria no Acre e a conseqüente a repercussão dolorosa na comunidade religiosa. Isso teria lhe criado uma simpatia por aquela forma de religiosidade. Posteriormente, sua empatia com aquele grupo entrelaçou-se com sua trajetória de tentar restituir a dignidade ao consumo de maconha “mais que um daimista eu era um cripto budista, mais preocupado com a expansão da consciência, mais do que os anjos, ou decodificado pelo catolicismo popular”.

Matusalém começou a consumir álcool aos 16 anos de idade, em contextos descritos como festinhas de final de semana. Nomeia-se como um menino que naquela época “já conhecia de álcool”, denotando maturidade precoce na relação com essa substância.

O álcool foi a substância que mais se aproximou de ser um problema em sua vida, principalmente no circuito que identifica como “a noite”. Em Recife, esse turno ganhava os contornos das cenas de música do seu exercício profissional, no circo ou em bares, e a presença maciça do álcool era regular. Nega ter buscado qualquer tipo de tratamento, mas reconhece que fez uso indevido e que por medida de autocuidado “maneirou” no álcool, reduzindo esse consumo à quase abstinência nos últimos dez anos.

Algumas vezes o vi bebendo pequenas doses de álcool, geralmente cerveja; por uma vez apenas uma bebida destilada, “meladinha”, típica de um bar do centro da cidade onde supostamente teria bebido também o sambista Cartola. Naquela ocasião fomos servidos por uma senhora de cabelos roxos que seria irmã de uma atleta famosa nos anos 2000. Matusalém então fez comentários, denotando que com o envelhecimento teria adotado uma maneira mais madura de se relacionar com os psicoativos, narrando assim às transformações percebidas:

A idade deixa agente com mais responsa, alguma coisa, a gente pensa em fazer mais alguma coisa a não ser só brincar, acho que é só isso, mas eu sempre tive, eu sempre medi, é claro que a gente sempre erra, desbunda e pá, em algum momento, mas nunca fui tão ousado, sempre tive limites, claro que a gente erra. Antes eu tinha umas barreiras, hoje bem mais. To bem maneirado a depender das drogas,

tem o álcool, estou muito maneirado de álcool, menos a canabis, o resto muito menos, muito menos.

Se hoje o consumo de canabis é um hábito do cotidiano de Matusalém, este seria em contraste e, podemos dizer em alternância ao modo mais abusivo do consumo de álcool em sua vida. No início da década de 70 ele esteve envolvido na dinâmica de ser músico de circo, percorrendo o interior do país com os espetáculos e pegando no ar de cada cidade visitada o que era próprio de uma época. Nesse contexto conheceu psicoativos diversos, da canabis, até estimulantes alemães injetáveis ou as anfetaminas como o Mandrix. “...o resto que eu usei foi por curtos períodos na época de 70, estava muito em moda tomar ‘bola’, esse papo de estimulantes comprimidos, era a moda. Eu experimentei, aproveitei para tomar uns Mandrix, algumas coisas assim que na época tinha essas coisas.”

Percebeu a dificuldade de alguns parceiros em contornar as relações problemáticas com essas substâncias e com o álcool, mas se descreve como alguém que sempre teve um respeito e medo e assim regulava seu consumo para não sofrer prejuízos mais sérios. Atualmente descreve nesses termos sua atitude com o álcool: “é muito raramente, é com muito mais cuidado... é pela reação no outro dia, não é mais a mesma coisa, o corpo responde de forma diferente. Então eu ‘manero’ mesmo, para não ficar pesado.”

Entre os anos de 1974 e 1978 o consumo de canabis estava para nosso amigo como uma maneira de compor o rol de atitudes do músico, seja no circo onde começou a consumir aos 21 anos, seja em outros palcos. Parece desse modo, que a atividade do músico guarda algo de específico e em ligação com os músicos de outros lugares. Após chegar a Recife no ano de 1978 para se dedicar mais detidamente a música, para se profissionalizar, passou um hiato de treze anos praticamente abstinência de maconha, usando-a somente uma a duas vezes por ano.

Quando chegou a Natal em 1991 retomou o consumo de maconha. Nesse ponto registro a sua dificuldade em detalhar os fatores que acredita que o impulsionaram a recorrer a esse psicoativo, nesse momento específico da vida. “Depois de 13 anos estudando o que era pra estudar eu me permiti e dei uma relaxada, acredito que tenha sido isso, mais solidão e algumas coisas, vamos deixar isso pra lá.” Dificuldade que depois assume de pronto em meio a certo constrangimento “É um ‘refugiozinho’, a gente não pode negar.”, como se não tivesse segurança de poder falar nesses termos.

Em contraste ao uso “noturno” do álcool, assemelhando-se às alternâncias circadianas, identifica a canabis como um psicoativo do dia, uma droga que o acompanha desde as primeiras horas da manhã, o que não ocorria com o consumo de álcool. A partir de sua chegada a Natal – RN desenvolveu um interesse crescente em dispor de canabis e

atualmente relata que: “no cotidiano sempre tem, sempre uso”.

Reforça que já era “de maior” quando inaugurou o consumo de maconha, assim, recusando o rótulo de adolescente rebelde, afirmando que já teria uma responsabilidade sobre si. Essa recusa de alguma “delinquência” se tornará em uma posição altamente elogiosa e embasada por um discurso de legitimidade do consumo regular de canabis.

Está em processo de aposentadoria por invalidez em decorrência da persistência de hérnias, incompatíveis com o esforço de tocar os instrumentos. O que o libera mais tempo ainda em casa, percebendo que o tempo ocioso não deve ser gasto só com televisão. Exercita por diletantismo o instrumento mais leve auxiliado por uma funcionária, existe agora um contexto de menores pressões ocupacionais, o que percebe como momento apropriado para estar sob efeito de maconha desde que acorda.

...das drogas é a menos nociva, todas elas têm seus ônus, essa é a que menos ônus tem, talvez, é verdade, você não tem ressaca com canabis, o mínimo de ressaca, o mínimo de overdose, não existe, dá uma tremura na mão que passa em cinco minutos, é uma coisa mais segura sim, não deixa de ter seus danos. Se fala muito da memória recente, de noite você não sabe o que comeu de manhã, mas é coisa rápida (risos).

Os modos de consumo variam no tempo, ganham suas singularidades ao decorrer dos cursos de vida e seus eventos. Os desdobramentos do envelhecimento, a aprendizagem e novas contingências familiares, corporais e de saúde reorganizam a cada vez as modalidades de consumo e seus significados. Desse modo nossos amigos se apropriam de vias próprias de se aproximar desses preparados psicoativos. Em seguida apresento os movimentos em direção à aquisição e preparo de alguns psicoativos de predileção.

3.2 Maneiras de aquisição, guarda e manipulação dos psicoativos

Eduardo se preocupa em ter um tipo de maconha de que gosta especificamente, cultivada por filhos de amigas em alguma localidade do interior do Estado. Mensalmente vai ao local, onde também tem uma casa, na região do cultivo. Complementa dizendo que não precisa de muito, porque bastam dois ou três “paus”, como chama as tragadas. Assim se refere a um uso em quantidades moderadas por essa intensidade de efeito, e à possibilidade de sempre manter a disposição certa quantidade dessa qualidade específica.

Encomendou em algum site na web cinco gramas de cogumelo *psilocybe cubensis* desidratado, que chegaram a seu endereço via postagem simples. Comprou um aparelho moedor de café para triturar aquela quantidade e dividir em microporções, como parte da sua concepção de ingestão dessa substância visando a melhoraria de seu estado de saúde. No caso, percebe-se que não se trata mais do produto, ou seja, o cogumelo e de algum revestimento simbólico de magia, os *Magic Mushrooms*, mas outra dimensão, com o latim nomeador de uma espécie. Faz referência a um princípio ativo, que evoca uma atuação mais orgânica neuronal, há o uso de números em frações de gramas e a expectativa de efeitos mais ligados às narrate estive vas de cuidado com a saúde individual.

Lara nunca comprou maconha. Diz que “sempre alguém tem” e nega a vontade de ter uma reserva à sua disposição. Mas o fato de “sempre” ter alguém que tem, principalmente por conviver com usuários contumazes de cannabis, é uma situação que lhe garante o acesso toda vez que desejar. Fuma maconha em forma de cigarros, que suas netas e filhas enrolam na “sedinha”. Diz que nunca usou em outros dispositivos, embora tenha interesse pelos vaporizadores, por causa dos problemas pulmonares associados ao hábito de fumar.

Nota-se seu desconhecimento das variedades, mas destaca o apreço pela “fresca”, referindo-se ao estado da planta que é cultivada por um conhecido. Enfatiza seu sabor e o efeito, que descreve como leves e afirma precisar de pouco para dar barato. Comenta que não gosta de consumir a maconha prensada, que teria um gosto ruim e um efeito ‘muito forte’, mas admite que já a consumiu. Cabe ressaltar que estive com ela em uma das experiências com prensado, seu contexto de uso era muito adverso, com poucas pessoas conhecidas, em uma cidade desconhecida, ou seja, estava em uma situação onde ficava especialmente exposta à força dos fatores ambientais que influenciam na percepção do barato. Lara, comparando as situações, diz que o contexto sempre é muito importante em modular sua percepção dos efeitos da maconha, modo de entendimento este que é aproximado dos conceitos acadêmicos a que teve acesso desde que chegou à Bahia.

Darcy preferiu se silenciar sobre seu modo de aquisição, de modo a assegurar um anonimato desejável à rede a que estaria vinculado. Respeito sua opção, visto o cenário de ilegalidade que ainda recobre essas transações.

O modo de aquisição de cocaína se dá para Cláudio através de uma rede de outros usuários, que o ajudam a detectar as disponibilidades em determinado momento. Alega que quando essa busca ocorre muito próxima ao momento do consumo, fica mais difícil checar com maior precisão a qualidade do pó que vai consumir. Sobre a vontade de ter cocaína à sua

disposição, comenta que: “Pra ter aqui em casa não, é melhor não ter, para qualquer coisa não ter um motivo pra dar um teco... Mas assim, normalmente você tem um contato, mas são fases também, têm pessoas que são reconhecidamente traficantes, passadoras, aviões de boa qualidade, então nesses você confia, mas também tem aqueles que misturam tudo, então outro dia eu acho que era Ritalina o que eu cheirei.”.

Nega que esteja engajado nesse consumo todos os finais de semana, mas que o processo de busca e interesse pelo consumo se agudiza nos momentos festivos, e são vividos com uma intensidade alta. Percebe que dá prioridade à essa maneira de fazer a aquisição e ingestão, como ocorreu no seu aniversário mais recente. Observa que o preço alto da cocaína também faz com que esse consumo seja menos frequente, mas que não é um empecilho para o consumo, pois, consegue acesso através da rede de amigos.

A circulação familiarizada de Cláudio pelo contexto de música eletrônica aparenta ser importante para que tenha acesso ao MDMA que, segundo ele, é testado em sua pureza por amigos que dispõem de instrumentos para este fim. Ao falar desses amigos, relata que são trabalhadores da Redução de Danos e que, portanto, deteriam a expertise suficiente para dar o aval aos produtos psicoativos que chegam ao acesso do grupo, em relação à composição e qualidade.

Já chegou a “fazer avião”, ao acessar um pó de qualidade vendido no bairro da Boca do Rio. Começou a “pegar para os amigos”, porém interrompeu essas transações quando conhecidos começaram a chama-lo aos gritos em seu prédio perguntando se tinha cocaína. Nessas atividades, ele conseguia amealhar sua porção gratuita, tirando um pouco de cada venda para si. O lucro da atividade estava em não despende de seu próprio dinheiro na compra do produto, “afinal de contas fui eu que fui buscar, fui eu que corri o risco, né? Tinha essa vantagem que o meu era ‘de grátis’”.

Essa vivência próxima à circulação marginal do produto psicoativo de predileção é bastante comum entre consumidores. É uma circulação articulada por redes que podem transitar em situações mais ou menos perigosas, mas sempre em perspectiva de ilicitude. Isso ajuda a entender a posição de passador que vivenciou por um tempo, antes de recuar diante de impasses de cunho social, como ficar exposto diante dos vizinhos, ou, quando seu traficante vai preso em uma viagem para buscar o produto.

Para Cláudio, “disk drogas” aparece através da articulação de uma rede de amigos, enquanto Matusalém dispara um “alô, alô amigo, quem tem?”. A utilização de aplicativos de mensagens, então entra em cena articulando a compra de provisões. “Um passarinho passa aqui e deixa”, metaforiza Matusalém, como que para manter o tom de dissimulação, requerido nas transações de produtos ilícitos.

Se essa rede estiver “desativada”, aceita correr o risco de comprar maconha direto no local de venda. Demonstra haver necessidade de alguma disposição ao risco, preferindo ir comprar pessoalmente, sem delegar alguém, mas, ao mesmo tempo está consciente de que corre um risco controlado: “eu me arrisco, eu sei, os lugares não são seguros, mas eu sei segurar e saber mais ou menos aonde vai, eu vou no centro onde tem um comércio, um nicho popular, então não é uma boca das quebradas, então fica mais fácil. Com a tolerância dos ‘homens’ [policiais], porque um cara dentro de um restaurante fazendo isso... enquanto não vem a liberação.”.

Quando em Cuba fez quatro tentativas malsucedidas de consumir maconha, gastou oitenta dólares e viveu o medo de ser preso. Apesar da “presença”, porção oferecida de bom grado por um amigo músico; logo após o consumo, percebeu a dimensão da preocupação dele em ocultar os restos do baseado, incinerando e enterrando a bagana. Pela gravidade da cena

compara: “parecia que estava traficando urânio”. Em compensação a essa escassez, afirma que se deliciou com o ótimo rum da ilha.

No Uruguai, percebeu como as leis de regulamentação não coincidiram com a facilidade de dispor da droga. Passou três dias em Montevideu sem fumar, reafirmando que a lei contempla bem os residentes, mas os visitantes ficam a depender de um comércio paralelo muito caro, ou da “presença” oferecida por amigos, como aconteceu quando conheceu um artesão que lhe ofertou uma “baga grande”. Fumar em um bar foi uma possibilidade que não despertou maiores constrangimentos, mas a aquisição foi uma barreira grande. Em Colônia, antes de ir à Argentina, conversou com um hippie que facilitou a compra de uma porção maior de maconha.

Em Santelmo, na Argentina, pensou em comprar, entretanto, ressalta que não conhecendo o lugar e suas dinâmicas próprias, afetou seu interesse em dispor frequentemente da erva, ficou inibido: “fumamos pouco”.

Considerou a maconha do Chile a melhor do mundo, “pode ir pra lá”, nos recomenda. Descreve com minúcia as características de cultivo da planta, irrigada pela água da Cordilheira dos Andes, sua cor azulada e a alta potência que percebeu. Reconhece que, mesmo com o preço bastante alto, o efeito percebido como extremamente forte foi compensador, visto a necessidade de dar só “uns paus” e “metade de baseado dava pra fazer a cabeça de uns dez.”.

Diferente do Uruguai, em que se podia usar na rua de modo mais tranquilo, no Chile, constatou a existência de maiores restrições, mas elas não parecem tê-lo incomodado como as dificuldades de acesso no Uruguai o incomodaram. “Da melhor que eu já fumei, só se compara com as boas de Pernambuco.”

Sua coleção de experiências e explorações do comércio de maconha na América Latina, o faz perceber ambientes mais propensos ao consumo, mais seguros ou não, percorrendo os espaços e as relações com uma expertise impressionante.

Em Salvador recorda das escadarias da Igreja do Passo, no Centro Histórico, como local onde pôde fumar maconha de modo mais seguro. No Recife, a Rua da Moeda é mapeada como ambiente menos marcado pelas incursões da polícia para coibir o consumo de cannabis. Em Natal, onde mora, apontou que a polícia perturba os usuários de maconha mais frequentemente. Mas lá também percebi que Matusalém mantém um nível de mapeamento das zonas de melhor condições para um consumo seguro, cenários para um uso social mais protegido, ambientes como entorno de bares do Centro a noite, ruas que costumam reunir pessoas de militância política, e eventos culturais onde o consumo de maconha não sofre controles informais. Na verdade, a boa aceitação equivale ao controle de ordem normativa entre aquelas comunidades, como se houvesse um acordo tácito de “aqui pode”.

Quando visitou a cidade do Rio de Janeiro, foi levado por seus anfitriões a um morro onde pôde ver e participar de uma dinâmica muito peculiar e descrita com enorme regozijo, nesses termos: “Uma rua chamada Buraco Quente, não é uma quentura, é uma festa maravilhosa, gente pra caralho, parece uma grande boate a rua. Você entra na rua, cheia de luzes diferentes e vai entrando, dois tabuleiros enormes assim cheios de tudo, ecstasy, maconha, pó, docinho, tudo que você quisesse, dois boys de 16 anos vendendo assim no varejo.”

O anúncio em alto e bom som dos jovens vendedores, para Matusalém contrasta com a inibição do consumo em locais públicos do centro da cidade que, em comparação com as praças e ruas de São Paulo, parece ter um consumo menos liberado.

A preferência de Matusalém e sua companheira é pelos circuitos mais populares, uma opção de vida, “cada macaco no seu galho” e acrescenta: “não é nossa vibe, a gente fica aqui pelo centro mesmo, a gente sabe os becos que pode fazer.” A circulação na cidade é entremeada pelas possibilidades e características de seu estilo de vida, incluindo aí o costume de fumar maconha.

3.3 Insumos e artefatos

Assim como há uma grande variedade de produtos psicoativos, também existe uma multiplicidade de modos de preparo, apresentação e ingestão, observando-se assim, a necessidade de determinados instrumentos, materiais e outros apetrechos de acordo a cada via de consumo. A partir de condições de interesse por certos psicoativos e sua escassez, até a sua aquisição e ingestão, estrutura-se uma cadeia de tarefas, movimentos e gestos que liga os participantes dessas redes. A vontade de consumir o psicoativo em pauta ganha forma, e os valores, significados, tornam-se visíveis a partir de uma prática social, que dispõe de um arcabouço técnico e também simbólico. Esses vão sendo aos poucos aprendidos e executados pelas pessoas que usam drogas.

Nesse ponto, cabe apresentar como os interlocutores articulam esse interesse em consumir psicoativos com as próprias drogas, e os artefatos necessários e/ou escolhidos para colocar em curso a relação com os efeitos, funções das drogas.

Eduardo, como já descrito, se movimenta em sites e lojas físicas, aciona redes de amizade, calcula a medida de cada psicoativo para cada função. Desse modo, propicia as

condições necessárias ao seu desfrute dos efeitos dessas substâncias. No que se relaciona à ingestão de cogumelos elenca assim as vias de acesso, preparo e conservação: “Pode-se inclusive pedir pela internet, no esquema ‘Cogumelos mágicos’. Vem tudo certinho, desidratados. Bato no moedor de café, separo as microporções, embalo em papel alumínio e guardo num frasco plástico na geladeira. Maneiro!”.

Imagem 1- Preparação dos cogumelos (etapa 1)



Fonte: Imagens cedidas por Eduardo, em 2018.

Imagem 2- preparação dos cogumelos (etapa 2)



Fonte: Imagens cedidas por Eduardo, em 2018.

Fonte: Imagens cedidas por Eduardo, em 2018

O uso de piteira de papelão no baseado é adotado por Darcy desde o tempo que morou em outro país, onde era usada pelos locais para fumar haxixe. Ele acredita que isso seja mais prático, porque assim pode fumar um baseado até o fim, resolvendo o “problema das pontas”. Prefere misturar com tabaco as variedades que considera mais forte, como o Kusch, ou o haxixe, que às vezes é misturado com a ‘maconha fraca’ da Bahia.

Os efeitos desses produtos são muito parecidos, mas existem variações sutis que parecem ser importante para Darcy. Assim, quando dispõe de uma diversidade, prefere alternar suas combinações para, em contraste, experimentar as especificidades de cada efeito.

Darcy apresentou os acessórios que comprou em site da internet para armazenar haxixe. Um deles é um pequeno vasilhame de material emborrachado na cor laranja bastante vibrante e hermético, depositado em um móvel em sua sala de estar. O acessório está à vista, mas “chama pouca atenção” como ele mesmo enfatiza. Gosta de comprar o papel de fumar nas viagens ao exterior, alegando existir uma diferença de preço e de qualidade, mas admite que haja alguma maneira de estímulo ao consumo na forma de caracterizar esses produtos. “Tem o tipo de papel que eles elogiam, é engraçado isso, você também se sugestiona, tem o papel reciclado, o papel de cannabis, orgânico e tal. Você já acha interessante e menos prejudicial a sua saúde.”

Os modos de preparo e os acessórios estão vinculados também ao consumo de outros psicoativos que estejam disponíveis e em uso. Com Cláudio, as conversas foram se desenrolando até sobre suposições acerca da morte de Elis Regina. Uma das interlocutoras fortuitas dessa pesquisa falou de sua predileção, quando estava jovem, de consumir cocaína diluída no uísque, como teria feito a cantora. Prática essa que Cláudio, seu amigo, rejeita atualmente, embora informe que “lava” o papel que embala a porção de cocaína em bebida alcoólica.

As instalações na casa de Matusalém e sua companheira são aparentemente simples, sem sofisticação material, mas com bastante destaque às obras de arte, instrumentos musicais e diversas referências à maconha e à cultura psicodélica. As obras de arte têm como destaque as temáticas da música, cultura popular, referências a ícones como Frida Kahlo e temáticas de valorização de setores populares, como zonas de meretrício. Nota-se um importante engajamento no cultivo e valorização de um modo de vida anti-hegemônico, em quase tudo e constante envolvimento em militância partidária. Destaco do seu contexto e apresento as seguintes imagens:

Há uma instalação permanente na porta de entrada da casa, um presente de uma familiar, onde chamam atenção diversas referências aos festejos natalinos, especialmente a folha de maconha no lugar tradicionalmente ocupado por uma estrela no topo de uma árvore de Natal.

Imagem 3- Enfeite natalino (representação da folha da maconha)



Fonte: Imagens cedidas por Matusalém, em 2019.

Imagem 4- Quadros dispostos na parede da casa



Fonte: Imagens cedidas por Matusalém, em 2019.

Encontramos também produtos à base de maconha para uso medicinal, como esse creme para alívio de dores:

Imagem 5 - Produto à base de maconha



Fonte: Imagens cedidas por Matusalém, em 2019.

No entanto, o modo corriqueiro de lidar com o consumo de maconha fica mais evidenciado na presença permanente de uma porção prensada da planta em sua sala de estar. Fica disposta em uma caixa destampada na mesa lateral, contígua à principal poltrona, onde

Matusalém senta, em alternância à rede, para assistir TV ,com jogos, futebol, e programas políticos vinculados pela internet.

Nas imagens a seguir é possível notar uma quantidade de apetrechos para o consumo de cannabis, mas principalmente a conotação de importância que essa prática tem para Matusalém e sua companheira.

Uma comadre os visita com frequência depois do trabalho para fumar maconha antes de ir pra casa. Faz isso porque seu companheiro não se interessa ou não gosta dessa prática, fazendo com que prefira ir até a casa de Matusalém, com quem tem bastante intimidade e que também parece gostar de desfrutar de sua companhia. No dia que presenciei a visita dessa mulher, de uma idade aproximada aos cinquenta anos, ela trazia sua própria porção de maconha, mas se serviu do papel de enrolar de Matusalém e lhe solicitou um cartão que usou para fechar o cigarro de maconha que “bolou”. Esse ato pareceu estranho aos anfitriões e até despertou risos, mas isso não a impediu de concluir a confecção de seu cigarro com esse artifício, nem seu uso e compartilhamento.

Imagem 6- Objetos da sala de estar





Fonte: Fotos cedidas por Matusalém, em 2019.

Por vezes, Matusalém e sua companheira elogiam a maconha prensada e uma quantidade de 25g parece ser suficiente para três dias de consumo dos dois. Mas soube também que, ao receberem um presente de três plantas, cuidaram cuidadosamente delas, produzindo uma quantidade de erva que deu para fumarem durante seis meses.

Mostraram-me fotos de maconha e de suas variedades locais, com a descrição dos ambientes por onde andaram em suas viagens ao exterior e a outros estados, relatando como conseguiram contatos para comprar e os meios que utilizaram para transportar a erva sem serem apreendidos ou constrangidos, como já apresentado.

Nesse sentido, parecendo bem interessados em manter o consumo nesses locais e buscar a experiência, tanto dos efeitos de diferentes tipos de canabis, quanto dos enredos de imersão na procura, compra, e degustação da maconha em seus momentos de lazer, seja em Cuba, Argentina, Uruguai, Chile, Rio de Janeiro, etc. Em conversas online, por aplicativo de mensagens, sua companheira nos conta dessas viagens assim:

Um soltinho de 3g das Cordilheiras, tem um cheirinho de bálsamo por R\$ 150,00 da três fininhos que faz muito, basta 2 pegas que da 12,50 cada. Kkk; Em conversa com um artista uruguaio comentava: Igual o Uruguai não existe, beneficia o usuário que pode plantar até 6 pezinhos. Ele, mas se tiver no meio uns 20 também não tem problema. Tb disse que a cannabis produzida pelo governo não presta, pouco THC.

Manas, pouco tempo para acompanhar aqui, mais tenho que relatar o que vi ontem em uma das subidas da comunidade da Mangueira. Vivenciei a venda a varejo em dois tabelados, um enfrente ao outro, 4 metros, quadro com venda de maconha, pó, pedra e ácidos, no beco quente (local), na disputa tipo

feira livre. Aqui é R\$ 10,00. Aqui é 7,0.

Nem todos os interlocutores fazem um consumo regular ou de caráter mais habitual de psicoativos, a ponto de que eu pudesse perceber de modo mais detalhado suas dinâmicas de guarda e porte do material associado ao consumo. Para além da própria substância, percebe-se como existe uma multiplicidade desse contexto de aquisição, guarda, preparo e ingestão. No próximo capítulo descreveremos outro tópico relevante, sobre as circunstâncias vividas em alteração de consciência, narradas por esses “velhos psicoativos”.

3.4 Do “aditivo light” às Epifanias - Práticas associadas aos consumos

Lara acredita que conversar com os familiares é o que ela mais faz quando consome maconha e eles dizem que ela dá muita risada, o que é um traço muito típico de sua pessoa, mesmo quando sóbria. Ao conversarmos sobre um dia em que, depois dela fumar, fizemos uma caminhada pela praia, lembramos-nos de como ela pareceu estar sob um efeito de dimensão inesperada que causou um incômodo considerável na hora, embora tivesse um desfecho tranquilo. Ela então relatou: “Eu fiquei parecendo que minha voz demorava pra chegar... ao usar haxixe, foi mais forte, estava na praia, estava com medo e vontade de não dar trabalho pra ninguém”. Como eu não havia fumado, seria o que poderia dar alguma ajuda. Brincando com o medo de perder o controle, ela disse que naquele momento pensou: “daqui a pouco fico doida e começo a correr aqui nessa praia, começo a ter um ataque histérico...”.

Nega qualquer uso ou interesse por outras drogas ilícitas e define sua escolha pelo barato da cannabis nestes termos:

Eu acho que a maconha é uma droga que te deixa ‘zen’, ela não te deixa elétrica, e eu já sou elétrica, já sou ansiosa, já sou muito... e ela já me deixa legal, me deixa pensar com mais tranquilidade, eu percebi isso, eu fico mais tranquila, eu fico mais leve, eu não sinto aquela ansiedade {ênfase de intensidade}, eu faço as coisas com calma {ênfase lentificada}... eu não quero ser assim, eu cansei de ser assim. Eu quero ser mais ‘Zen’ e eu achei que ela é perfeita pra mim, acho que ela foi feita pra mim.

Eduardo se relaciona, por exemplo, com uma amiga indo a casa dela, local onde consomem cervejas ou vinhos, conversam e fumam maconha. Fuma dentro de casa com os amigos na chapada diamantina, apesar dos amigos irem até a “pedra da

maconha” em seu quintal. Além de festas, momento pelo qual quando ocorre a disponibilidade ou a oferta, admite uso de cocaína, aludindo interesse no sentido de ampliar a sociabilidade, como um auxiliar do efeito do álcool nesses eventos. De modo mais específico comenta sobre a maneira que está vivenciando o consumo de cogumelos:

Eventualmente. Incorporei como um aditivo light que aumenta pontualmente - nas baladas, nas viagens, nos passeios, na praia - a qualidade de vida, em especial para quem se aproxima do patamar dos 70. Melhor do que apelar para o álcool (que convive bem com as microviagens) e, para quem gosta do Grass (não é o meu caso, às vezes entro em surto), a potencialização mútua é notável. Para quem escreve, pinta, faz arte, gosta de música, dá um plus muito legal. Excelente opção para encarar e reverter sintomas do tédio e da depressão, em especial para pessoas que já não se quadram com as baladas mais radicais.

Darcy define sua prática de consumo de maconha como mais doméstica. Segundo ele, os afazeres de casa, com os quais se ocupa, podem ser permeados pelo efeito de cannabis, mas não costuma mais associar com esse uso outras atividades de cunho externo. Ao dar exemplos de atividades externas que ainda podem ser associadas ao consumo de maconha, comenta que, ocasionalmente, fuma maconha antes de ir ao cinema e que a usa em alguns shows de música. Sobre os riscos a serem administrados e o gerenciamento do efeito comenta: “Antes a gente fumava no caminho do cinema, mas hoje em dia eu prefiro fumar em casa, correr o risco de dirigir assim, já tenho certo controle, e vou pro cinema. Ainda quero ir rápido para não passar o efeito e pegar o filme”.

O uso de maconha e haxixe está também presente em momentos de lazer. Em alguns passeios que fiz com Darcy e amigos seus, compartilharam-se psicoativos em torno de conversas e lembranças. Uma diversão entusiasmada, em que se abordaram assuntos e acontecimentos de muitos anos atrás. Mantendo o contato com ambiente e seus amigos. Darcy apresentava muita destreza no manejo do produto, naturalidade diante dos efeitos e dos contornos de manter aquela prática, ao mesmo tempo centralizada na interação e não tão densa que se tornasse o único mote da interação com ambiente e as outras pessoas.

Darcy comenta que não gosta de comer depois de fumar maconha, pois diz perceber que “corta o barato”. Mas não deixa de ocasionalmente comer um doce, na crença de que isso não vai interferir no efeito que busca. Nesse caso prefere se

alimentar antes de fumar, vivenciando de modo peculiar a hiperfagia ou larica comumente descrita pelos consumidores de canabis.

Essas mesmas ações estão a todo o tempo em negociação com diversos outros discursos, incluindo aí o discurso médico. Cláudio, por exemplo, sofreu restrição de consumir álcool por doze anos após sofrer problema hepático. Após seu restabelecimento parcial, o médico liberou “umas cervejinhas em ocasiões especiais”, mas ele ironiza essa ordem, relatando o desconhecimento do médico quanto ao número de ocasiões que julga especiais em sua vida.

A dança vem como a prática que Claudio mais vincula ao consumo de cocaína, principalmente nas festas de música eletrônica. Além disso, também a associa à prática sexual, mas menciona dificuldades de ereção devidas a esse consumo. “Hoje eu gosto de dançar, de conversar, de tomar uma cerveja, na verdade eu gosto de uísque, mas por causa do fígado não tomo destilado mais, só tomo cerveja.”

O seu ambiente de consumo alterna entre casas e bares, sendo este último mais frequente, devido à natureza do trabalho de seu atual companheiro. Nesses locais já é conhecido pela habitualidade da frequência, o que lhe confere uma circulação mais familiar e constante. Consumir em casa, com amigos, vem entremeado de outras práticas, principalmente a fruição de conversas sob efeito de pequena quantidade de cocaína e cervejas. Cláudio considera essa como uma experiência muito prazerosa e associada a um modo menos intenso de consumo, voltando a se referir à preocupação com os afazeres do dia seguinte, quando essa ingestão ocorre dia de semana.

Dessa vez, nos últimos três anos, eu me vi mais fissurado pelo pó do que antes, não sei que contingência psicológica... antes era um grupo tão grande... também esse grupo que eu ando também é muito grande, mas assim são vários grupelhos que eu ando, os programas são se encontrar nos bares, no Rio Vermelho, uma peregrinação, você vai num bar, vai ao outro e termina naquele de sempre, que é o que fecha mais tarde, fecha de manhã, aí se você for vai encontrar se não tiver, mas antes eu tinha meio que um programa certo.

Quanto às práticas associadas ao consumo na trajetória de vida de Musalém, ele indica que não acredita no tom inconciliável apregoadado entre atividades que exigem concentração máxima, como tocar em orquestra, e o consumo de cannabis. Relatou sua preferência em tocar “de cara” quando o concerto acontecia em teatros, mas recorria a psicoativos quando ia tocar na rua para contornar o “meio tédio” que aquele ambiente provocava em si.

Atualmente o vi em diversas tarefas e outras atividades executadas após ele consumir maconha, a exemplo de uma festa de aniversário de seu irmão no bar de uma filha. Também frequenta bares ou reuniões sociais, apenas ficava em casa como qualquer um no ócio do lar. Portanto, seu uso ocorre quase sempre em ambientes em que é conhecido, até mesmo prestigiado. Ambientes em que sua presença “psicoativa” era bem-vinda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se até hoje a academia pouco se interessou pelos novos velhos, é porque talvez presumisse já saber sobre a velhice, por já dispor de dados sobre o envelhecimento dos organismos. Porém considero inexato o conhecimento derivado de pesquisas sobre a população idosa onde se priorizam números estatísticos, demográficos, ou até indicadores de saúde. Meus interlocutores não são numerosos, muito menos se nomeiam a partir de algum diagnóstico de saúde, às vezes nem mesmo se reconhecem prontamente como velhos, mas consentiram em dividir com um pesquisador suas histórias de vida em memórias revisitadas, em suas companhias de maneiras rotineiras ou esporádicas.

O percurso até aqui traçado faz com que possamos perceber alguns pontos de convergência entre os interlocutores, assim como entre eles e a parca literatura disponível. Encontramos constâncias e recorrências nos seus relatos, além de análises bem precisas sobre os contextos de suas práticas de alteração de consciência no envelhecimento, porém a preciosidade desse esforço de pesquisa está mesmo nos pontos que abrem perspectivas e que interrogam sobre a experiência dos novos velhos com o consumo de psicoativos.

No entanto não se pretende universalizar os dados encontrados, portanto consideramos que as trajetórias de vida aqui relatadas seriam apenas um ponto de partida para a extensa produção acadêmica que ainda se faz necessária, para melhorar a compreensão do envelhecimento psicoativo.

As práticas relacionadas à ingestão de psicoativos compuseram maneiras de sujeitos encararem a si mesmos e narrativas sobre uma geração. A alteração de consciência supõe um ato isolado de um indivíduo, porque é nele que o efeito acontece. Porém, sua dimensão coletiva traz a essa prática denotações pertinentes a um grupo ou até mesmo a uma geração. Nossos amigos transitam entre o entendimento de como a ingestão de psicoativos costurou suas biografias e também como os ligou e ainda os liga, a práticas corporais que seriam iminentemente fruto de um tempo e lugar.

O que permanece desde a juventude até a velhice das características de boa parte desses meus amigos, é seu interesse e disponibilidade acerca da ingestão de psicoativos. O que parecem realizar através desse consumo é a busca intencional de ocorrência de algo extra ao ordinário nos seus corpos. A natureza das promessas apresentadas, a densidade dos efeitos percebidos e suas intenções ao associar seu organismo a preparados psicoativos em determinados contextos parecem ser realmente singulares no envelhecimento.

Por certo, isso não é só apanágio da velhice, período de vida à qual decidimos nos

ater, mas essa dinâmica de sentidos e práticas no consumo de psicoativos comprovadamente acompanha as diversas alternâncias no curso de vida de nossos amigos. O recurso aos psicoativos, portanto, é dinâmico e relativo à própria história de vida de cada um, ou seja, compreende-se que o envelhecimento também exerce sua influência nas relações das pessoas com os psicoativos, assim como outros marcos da vida de cada um, de cada grupo, ou de cada geração.

Conforme registrei no capítulo específico, encontrei pessoas abertas a experiências conformadas a determinados valores geracionais. Detectei essa maneira de falar sobre si e seus amigos em relatos de memórias, que se construíram nos encontros comigo. Eu era um não nativo na dimensão da idade mas, aos olhos dos meus interlocutores, não deixava de ter legitimidade para discutir assuntos relacionados ao consumo de psicoativos. Minha localização entre esses dois estatutos permitiu que tivessem vontade de me contar o que queriam contar sobre aquilo que eu não vi ou vivi, mas também que sentissem a cumplicidade necessária para me encararem como par “psicoativo”, mesmo de outra idade.

Ao construir o campo de pesquisa, me percebi produzindo, ratificando, ou atualizando a condição a ser pesquisada, no caso, o envelhecimento. Isso ocorre, ao reconhecer em meus interlocutores a velhice, um aspecto que eles integravam pouco às suas maneiras de elaborarem as narrativas sobre si mesmos. No entanto, a própria velhice era o que legitimava suas memórias e lhes dava condições plenas de serem compreendidos como vozes legítimas. Assim acabavam por aceitar, com poucos embaraços ou embargos, serem tomados, nessa pesquisa, como testemunhas de uma geração. Estamos cientes, todavia, de que essas condições não eram suficientes para que os pudéssemos considerar como portadores do espírito geral de uma época.

Reconhecer o velho que em cada um se instala é, portanto, adotar para si os semblantes atribuídos aos envelhecidos, conciliar-se com os novos equilíbrios do corpo, mantendo os seus tempos vividos integrados pela memória, em uma unidade possível de si mesmo. Os fatos e feitos se entrelaçam com os efeitos sentidos no aqui, premonitórios da finitude, sempre revelados de maneira crítica, seja em planos mais curtos, ou mais carregados de sentidos definitivos. Mesmo perante a perspectiva da morte, nossos interlocutores demonstram seu desejo de manter até o máximo possível um desempenho que permita que continuem a se reconhecer em suas atividades e ações. Nesse ponto, para eles parece interessante que continuem a desejar alterar suas consciências.

No início da pesquisa, pensávamos que a continuidade de seu auto reconhecimento

seria relacionado à sua adesão ao imaginário de juventude, mas no momento nos parece mais como um motor de continuar sendo o que se é, ou que se acostumou a ser. A ingestão de psicoativos, em alguns de nossos interlocutores parece ratificar um teor de identidade consigo mesmos e que o recurso que utilizam consiste em uma composição entre pares de uma mesma geração, neste caso o de todos, nos anos 60 e 70 terem sido jovens de uma juventude de classe média urbana.

O jeito que nossos amigos estão envelhecendo psicoativamente está então, amplamente subordinado aos seus diversos campos de socialização. Neste estudo buscamos explicitar entre esses amigos os caracteres de uma geração de feições já bem detalhadas na literatura e, portanto, de fácil identificação. Somado a isso, era de nosso interesse registrar como eles se mantêm “psicoativos”, ou seja, compreender a persistência em suas dietas, diárias ou ocasionais, do consumo e da ingestão de preparados psicoativos.

A inegável presença estilística e estética da contracultura pode ser percebida até os dias atuais e talvez se mantenha ainda por muitos anos. Com nossos amigos foi possível deixar ainda um pouco mais claro como argumentos e proposições de vida, que nem o envelhecimento barra, sobrevivem entre seus contemporâneos.

Nossos novos amigos insistem em manterem-se engajados em narrativas de cunho libertário, antiautoritário, que valorizem o prazer e as liberdades individuais, motes da contracultura. Mas, embora revelem, em seus elogios aos estados alterados de consciência, uma dimensão de busca singular por uma compreensão de mundo, também detectamos neles uma preocupação com o desempenho e com a mediação de elementos adversos que associam ao envelhecimento.

A importância de se estar no momento certo, no lugar certo, nos parece ser uma assertiva implícita no que dizem e fazem nossos interlocutores. É sensível a tendência de valoração mais positiva sobre o que pensam ter herdado das suas juventudes contraculturais. Certamente, estamos diante de pessoas que reconhecem em si uma continuidade das suas próprias histórias e que, portanto, não se veem totalmente dentro do conjunto dos velhos. Buscam preservar aspectos da atmosfera de suas juventudes e nisso se reconhecem. Desenvolvendo esse aparente impasse, temos com os interlocutores a impressão de estarmos diante de um contraste: cabeças jovens em corpos velhos. Esse descompasso com o corpo pode alterar a expressão para compreendermos a dimensão de se estar no momento certo, mas no lugar errado.

Podemos recorrer agora a David Le Breton que, com seu enciclopédico *Antropologia do Corpo* (2011), nos apresenta o capítulo traduzido como: *O envelhecimento intolerável – O*

corpo desfeito. Ali o autor traz uma sequência de argumentos que nos esclarecem, de modo rápido, mas preciso, sobre os desdobramentos na modernidade e contemporaneidade dos estatutos do corpo velho. A seguinte citação parece trazer um perfil sintético de argumentos que temos levantado aqui e nos enlaçar ao imaginário do corpo velho.

O tempo não está mais na experiência e na memória. Ele tampouco está no corpo deteriorado. A pessoa idosa resvala lentamente para fora do campo simbólico, transgride os valores centrais da modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade, o trabalho. Ela é a encarnação do recalcado. Lembrete da precariedade e fragilidade da condição humana, ela é o rosto mesmo da alteridade absoluta. Imagem intolerável de um envelhecimento que atinge todas as coisas em uma sociedade que cultua a juventude e não sabe mais simbolizar o fato de envelhecer e de morrer (BRETON, 2011, p.174).

Ressalvando-se o tom catastrófico e lucidamente preocupado, o autor nos aponta como a imagem do corpo velho é um elemento no qual, por sua própria existência, se anuncia, como num outdoor ambulante, a confrontação adversa com valores majoritários da sociedade ocidental contemporânea. Porém, penso ser necessário deixar mais claro o que já está contido em seus argumentos, enfatizando que a experiência com a visão desveladora dessa imagem tem efeitos em todos, não apenas naquele envelhecido, mas, e principalmente de modo mais sutil, para aqueles que estão ainda enredados pela fantasia da elasticidade ilimitada do tempo.

Essa imagem de “inescassez”, ou melhor dizendo, da ausência de privação de tempo, elucidada como frágil fantasia em sua encruzilhada com a velhice, é então confrontada com frequência por todos os corpos, não só pelos velhos incorporados. Experimentam-se então, formas socialmente novas de gestão do corpo, derivadas da juventude, guiando-se em combate com a imagem coletiva do corpo velho de cada época.

Desse modo, tanto dietas que tiveram grande aceitação, como a macrobiótica, quanto o recurso à alteração de consciência, desenvolvido nos anos 60 e 70, foram maneiras de vida moduladas pelo enfrentamento com a imagem social do velho naquela janela de nossa modernidade, e que certamente deveremos reconhecer nos relatos de nossos interlocutores.

O prazer hedonista, a proximidade da liberdade de expressão de suas sexualidades, a elevada estima pelo subjetivismo, reconhecimento pessoal e social, pelo questionamento da siseudez autoritária contra a qual pensavam estar se insurgindo, tudo isso produziu e continua influenciando subjetividades, seja nas pessoas/corpos que estiveram imersos nesse caldo, como nossos interlocutores, ou em nós, corpos mais novos, que só concebemos a existência desse caldo pelo cheiro que ainda hoje paira, e que pude sentir de perto com os meus amigos.

REFERÊNCIAS

- ABUHASIRA, Ran; SCHLEIDER, Lih; MECHOULAN, Rafael; NOVACK, Victor. of medical cannabis Epidemiological characteristics, safety and efficacy in the elderly. **European Journal of Internal Medicine**, n 49, p 44 – 50, 2018.
- ALVES, Ygor. **Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo**. Salvador. Edufba, 2017
- AFONSO, Luis; SIQUEIRA, Sergio. **Anos 70 Bahia**. Salvador. Editora Corrupio, 2017
- ALVARENGA, Jussara Mendonça et al. Prevalence and sociodemographic characteristics associated with benzodiazepines use among community dwelling older adults: the Bambuí health and aging study (BHAS). **Rev Bras de Psiquiatr**, Rio de Janeiro, p.7-11, 2007.
- ARAP, Fauzi. **Mare nostrum: sonhos, viagens e outros caminhos**. São Paulo. Editora Senac, 1998.
- BALTES, Paul. **Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline**. **Developmental Psychology**, n. 23, p. 611-696.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. In: **Revista Debates**. Núcleo de Pesquisas sobre a América Latina/UFRGS. Porto Alegre: Vol. 1, n° 1, dez. 2005.
- BASTOS, Cláudio Lyra. Tempo, idade e cultura: uma contribuição à psicopatologia da depressão no idoso: parteII: Uma investigação sobre a temporalidade e a medicina. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 1, n. 9, p.89-113, mar. 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio De Janeiro: Nova fronteira, 1990.
- BECKER, Howard. "**Consciência, poder e efeito da droga**"In; H. Becker Uma Teoria da Ação Coletiva, Rio de Janeiro, Zahar, 1976, pp.181-204
- BERNARD, Russel. **Reserch Methods in Anthropology**, London: Sage Publications, 1994
- BERNARDO, Kátia Jane Chaves.**Envelhecer em salvador: uma página da história (1850/1900)**. 2010. 332 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Perspectiva, 1987
- CARDOSO, Irene. **A geração dos anos 60: O peso de uma herança**. **Tempo Social: Revista de sociologia da usp**. São Paulo, v. 4, n. 2, p. 93-107.
- CARNEIRO, Henrique. **Bebida, abstinência e temperança: na história antiga e moderna**. São Paulo. Editora Senac, 2010.
- CASTILHO, Glória. Psicanálise e velhice: o "idoso" é obsoleto? **Trivium: Estudos Interdisciplinares CLÍNICA E TEORIA PSICANALÍTICA**, Rio de Janeiro, n., p.48-58, 2012. Disponível em: <<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigostematicos/psicanalise-e-velhice-o-idoso-e-obsoleto.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2013

COMAROFF, J & COMAROFF, J. **Etnografia e imaginação histórica**. Tradução de Iracema Dulley e Olivia Janequine. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro. Rocco, 2003.

DEBERT, Guita Grin. **A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**. XX Encontro Anual da ANPOCS, 22 a 26 de outubro de 1996. Caxambu, Minas Gerais. (GT: Cultura e Política).

_____. **Velhice e o curso da vida pós-moderno**. *Revista usp*, São Paulo, v. x, n. 42, p. 70-83. 07/1999.

_____. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999

DELMANTO, Julio. **Heroísmo contra alienação ou caretice versus liberação?** Drogas, esquerda e desbunde no Brasil. Slavador. Edufba, 2016.

ELBREDER, Márcia. Fosni., LARANJEIRA, Ronaldo., SIQUEIRA, M. M., & BARBOSA, D. A. Perfil de mulheres usuárias de álcool em ambulatório especializado em dependência química. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(1), 9-15. 2008

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FAHMY, Viola et al. Prevalences of illicit drug use in people aged 50 years and over from two surveys. *Age And Ageing*, Londres, p.553-556, 2012

FERNANDEZ, Osvaldo. **Coca-light?** usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de “cheiradores” de cocaína em São Paulo. Tese (doutorado) Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da UFBA, Bahia, Salvador, 2007.

IORE, Mauricio. **Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos**. 2013. 210 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281261>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, [1930]** *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* 14 (1974).

FREUD, Sigmund. **Sobre a Transitoriedade, [1916]**. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* 14 (1974).

GASKELL, George. “Entrevistas individuais e grupais”, In Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático, Martin W. Bauer e George Gaskell (orgs), São Paulo: Vozes, 2002, pp. 64-89

GOLDFARB, Delia Catullo. **CORPO, TEMPO E ENVELHECIMENTO**. 1998. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia Clínica, Puc - São Paulo, São Paulo, 1998.

GRUND, Jean Paul C. Drug use as social ritual – functionality, symbolism and determinants of self-regulation. Roterdã: Institut voor Vershavingsonderzock (IVO) Erasmus Universiteit,

1993.

HULSE, Gary K. Alcohol, drugs and much more in later life. **Rev. Bras. Psiquiatr** **2002;24(supl I)**, Rio de Janeiro, n. , p.34-41, 2002.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Ibge, 2011

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. Ed Vozes, Petrópolis, 2003

LINS DE BARROS, Myrian Moraes. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. Sociologia Problemas e Práticas**, n. 52, p. 109-132. 2006

MACRAE, Edward. "A abordagem etnográfica do uso de Drogas" In: Mesquita, F e Bastos, F.I.- **Drogas e AIDS: Estratégias de Redução de Danos**. São Paulo, ed.HUCITEC, 1994, pp.99-114

_____. Antropologia: Aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In: SEIBEL, Sérgio Dario; TOSCANO JÚNIOR, Alfredo, **Dependência de drogas**, São Paulo: Editora Atheneu, 2001. P.25-34

_____. **A construção da igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"**. Salvador: Edufba, 2018.

MACRAE, Edward; ALVES, Wagner. **Fumo de Angola: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade**. Salvador. Edufba, 2016.

MACRAE, Edward; SIMÕES, Júlio Assis. **Rodas de Fumo: O uso da maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador: Edufba, 2000.

MACRAE, Edward; VIDAL, Sergio Souza. A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social: dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 49, n. 2,p. 645-666, Dec. 2006 .Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012006000200005&lng=en&nrm=iso>. acessado em 24 de julho de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012006000200005>.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações, [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo, Ática, 1982, pp. 67-95.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo. EPU, 1974

MENDONÇA Reginaldo Teixeira, CARVALHO Antonio Carlos Duarte. O consumo de benzodiazepínicos por mulheres idosas. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38628/41475>>. Acessado em: 07 maio 2013

MILLER, Norman S.; BELKIN, Beth M.; GOLD, Mark S. Alcohol and drug dependence among the elderly: epidemiology, diagnosis and treatment. **Comprehensive Psychiatry**, New York, v. 32, n. 2, p.153-165, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In: Belkis Trench; ROSA, Tereza Etsuko da Costa. **Nós e o Outro: Envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. 13. ed. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. Cap. Prefácio. p. 7-16.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria

Cecília, and COIMBRA JUNIOR, Carlos., orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, pp. 37-50

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília - v. 25, n. 2, p. 225-250, Aug. 2010

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

NERY FILHO, Antonio. Introdução: Por que os humanos usam drogas? In: FILHO, Antonio Nery; MACRAE, Edward; TAVARES, Luiz Alberto. **As drogas na contemporaneidade**: Perspectivas clínicas e culturais. Salvador: Edufba, 2012. p. 11-22.

NOVAES, Adauto (org.). **Os Sentidos da Paixão**. Ed. Cia de Letras, 1987.

OLIVEIRA, Ciro; ALMEIDA, Alba. Drogas e velhice: uma “nova” questão para a atenção integral aos usuários de substâncias psicoativas? In.: TAVARES, Luiz Alberto; NUNEZ, Maria Eugênia; COUTINHO, Mônica. **A atenção integral ao consumo e aos consumidores de psicoativos**: conexões interdisciplinares. Salvador: Edufba, 2018. p.477-498

PLUMMER, Kenneth. Foreword: On narrative pluralism. In: HAMMACK, Phillip e COHLER, Bertram (Org.). *The story of sexual identity*. Narrative perspectives on the gay and lesbian life course. New York: Oxford University Press, 2009, p. vii-xiv

ROUDINESCO, Elisabeth. A sociedade depressiva: os medicamentos do espírito. In: ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 21-32.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

SOARES, Flávia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, p.86-95, 2005.

TAPA NA PANTERA, Roteiro: Maria Alice Vergueiro, Procução: Rafael Gomes, 2006, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6rMloiFmSbw>

TONIOL, Rodrigo. Do espírito na saúde Oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015

WHO. World Health Association. Qualitative Research for health programmes. Division of Mental Health. Geneva: WHO; 1994.

VARGAS, Eduardo Viana. Uso de drogas: a alteração como evento. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 49,n. 2,p. 581-623, Dec. 2006 .Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012006000200003&lng=en&nrm=iso>. acessado em 24 de julho de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012006000200003>.

VEDANA, Viviane. **No mercado tem tudo que a boca come**: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. **Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea**. In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 55-64.

_____. **Nobres e Anjos**. *Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora. 1998.

VERGUEIRO, Maria Alice. **Tapa na pantera na íntegra**: Uma autobiografia não-autorizada. São Paulo. Ficções editora, 2008.

ZEPPELLINI JUNIOR, José Carlos. O mal-estar no envelhecimento: sujeitos, pathos e as quatro estações. **Latin-american Journal Of Fundamental Psychopathology**, São Paulo, n. , p.34-46, 01, 2005.

ZINBERG, Norman E. **Drug, set and setting**: the basis for controlled intoxicante use. New Haven:Yale University Press, 1984